

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

SÂMARA VANESSA NASCIMENTO COSTA

**EMOÇÕES E ESPIRITUALIDADE RASTAFÁRI NAS BANDAS DE
REGGAE EM TERESINA-PI**

TERESINA – PIAUÍ

2016

SÂMARA VANESSA NASCIMENTO COSTA

**EMOÇÕES E ESPIRITUALIDADE RASTAFÁRI NAS BANDAS DE
REGGAE EM TERESINA-PI**

Texto de defesa da dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Verônica Cavalcante.

TERESINA – PIAUÍ

2016

SÂMARA VANESSA NASCIMENTO COSTA

**EMOÇÕES E ESPIRITUALIDADE RASTAFÁRI NAS BANDAS DE
REGGAE EM TERESINA-PI**

Texto de defesa da dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

BANCA EXAMINADORA

Francisca Verônica Cavalcante (orientadora UFPI)

Prof. Daniela Aragão (UESPI)

Prof. Dra. Márcia Leila de Castro Pereira (UFPI)

Prof. Dr. Francisco de Oliveira Barros Júnior (UFPI)

DEDICATÓRIA

A minha avó, Maria de Nazaré Carneiro Nascimento.

Aos meus filhos de alma: Marijuana, Chuva, Branca, Preta, Banguela, Bob, Marley,
Thor, e 101.

AGRADECIMENTOS

A Jah, por me levar ao seu encontro.

A minha família, que por vezes não compreendiam o motivo da minha escolha em estudar bandas, mas que buscam me compreender, me sustentam e me auxiliam nas diversidades cotidianas.

A Marijuana, Banguela, Chuva, 101, Thor, Branca, Preta, Frajola, Bob e Marley, por me amarem incondicionalmente.

A Thiago Marden, pelo convívio grandioso, o aprendizado e o amor.

As bandas coautoras dessa pesquisa.

A Edson, participante e coautor, informante sempre disponível e animado para contribuir nessa missão.

A minha orientadora, pelos textos indicados, pela paciência, por me incentivar e me apresentar um pouco do seu mundo acadêmico.

A banca de qualificação, por ter me guiado em uma direção construtiva.

Aos colegas de turma, futuros mestres.

Aos amigos de graduação que me acompanharam nessa trajetória seguinte (Marcelo, Jahyra, Alisson, Andressa)

Ao amigo Alisson, por sempre me dá força, acreditar em mim e me emprestar sua câmera para as etnografias.

A ANEL – Assembleia nacional dos Estudantes Livre, que esteve presente durante um bom tempo em minha vida e me alertou contra o capitalismo e outras diversas formas de opressões, me mostrando que a luta por um mundo mais justo é todo dia.

In memoriam: meu companheiro Like.

RESUMO

A presente etnografia é uma imersão nos campos das emoções, da espiritualidade e da música. Esta dissertação está pautada em uma análise como já dito, etnográfica, sobre bandas de reggae locais que possuem de alguma forma relação com a espiritualidade rastafári. O motivo da escolha desse tema deve-se ao interesse de buscar conhecimento sobre as expressões culturais de um povo, de um estilo de vida, incluindo músicas de protesto e rituais relacionados, como o uso de dreadlocks e ervas. Nessa pesquisa o olhar antropológico é direcionado à importância da relação da música como influência e até ascensão de uma espiritualidade. O objetivo principal é compreender a relação existente entre a espiritualidade rastafári e o estilo musical *reggae* dos integrantes das bandas de *reggae* de Teresina-PI. Estas são: Jah Une e Regaplanta, além da visão do rasta Ed Ras. A maioria dos integrantes desta pesquisa são pertencentes a classe média A metodologia desta pesquisa contempla observação participante, caderno de campo, recolhimento de imagens fotográficas e fílmicas, analisando as imagens dos ingressos, cartazes de shows, fotos das bandas, etc; entrevistas não-diretivas coletivas e individuais, contou também com uma roda de conversas composta por alguns membros desta pesquisa. O referencial teórico do estudo é composto dos seguintes autores teóricos: Mauss, Durkheim, Le Breton, Geertz, Aldo Natale Terrin, Koury dentre outros para tratar das temáticas da espiritualidade e do campo da antropologia das emoções e dos autores Oliveira Pinto, Lundberg, Carvalho, Ilari, Menezes Bastos, Caldas, Brooks, Blacking, Eyerman e Jamison para tratar do campo da etnomusicologia. Para tratar da questão da sociabilidade Simmel, para tratar da questão da identidade Souza, Da Matta e Stuart Hall. Percebe-se que nem todos os aspectos transmitidos através da música são vivenciados no dia-a-dia de todos músicos, pois nem todos integrantes das bandas são rastas. Acredito que a presente pesquisa serve para desmistificar o *reggae* dentro da sociedade teresinense, além de buscar quebrar os preconceitos e estereótipos atrelados aos rastas. A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, explorando os recursos da subjetividade.

Palavras Chave: Emoções, Espiritualidade rastafári e Música Reggae.

ABSTRAT

This ethnography is an immersion in the fields of emotions, spirituality and music. This work is guided by an analysis as I said, ethnographical on local reggae bands that have some relationship form with the Rastafarian spirituality. The reason for the choice of this theme should be to the interest of seeking knowledge about the cultural expressions of a people, a lifestyle, including protest songs and related rituals, such as the use of dreadlocks and herbs. In this research the anthropological gaze is directed to the importance of the relationship of music to influence and even rise of spirituality. The main objective is to understand the relationship between the Rastafarian spirituality and musical style of reggae members of reggae bands of Teresina-PI. These are: Jah Une and Regaplanta, beyond rasta Ed Ras vision. Most members of this research are owned by middle class. The methodology of this research include participant observation, field notes, gathering photographic and filmic images, analyzing the images of the tickets, concert posters, photos of bands, etc; interviews collective and individual non-directive, also featured a conversation wheel composed of some members of this research. The theoretical framework of the study consists of the following theoretical apostes: Mauss, Durkheim, Le Breton, Geertz, Aldo Natale Terrin, Koury and others to address issues of spirituality and the field of psychological anthropology and authors Oliveira Pinto, Lundberg, Oak Ilari, Menezes Bastos, Caldas, Brooks, Blacking, Eyerman and Jamison to address the field of ethnomusicology. To address the issue of Simmel sociability, to address the issue of identity Souza, Da Matta and Stuart Hall. It is noticed that not all aspects transmitted through music are experienced in day-to-day of all musicians, because not all members of the band are rastas. I believe that this research is to demystify the reggae in the Teresina society, and seek to break prejudices and stereotypes linked to dreadlocks. This research is qualitative approach, exploiting the resources of subjectivity.

Keywords: Emotions, Spirituality Rastafari and Reggae Music.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 ESPIRITUALIDADE RASTAFÁRI NAS BANDAS DE REGGAE EM TERESINA.....	20
2.1 Teresina ao Encontro do Reggae.....	20
2.2 Convocando os Guerreiros	30
2.3 Religião e Espiritualidade	33
2.4 O Rasta na Modernidade Líquida	37
2.5 Positividade e Nova Era	39
2.6 Corpo e Performance Rasta.....	42
3 PELA VOZ DO NATIVO: REGGAE, EMOÇÕES E MOVIMENTO RASTAFÁRI.....	57
3.1 Conflitos do Movimento	62
3.2 Sendo um Guerreiro Rastafári.....	72
3.3 O Corpo e o Coroamento Sagrado.....	76
3.4 Natureza, vegetarianismo e o não consumo de bebida alcoólica.....	78
3.5 O Que é a Babilônia?.....	80
4 UM ENCONTRO PARA ALÉM DA MÚSICA: PERFORMANCE NOVA ERA E ANÁLISE MUSICAL	82
4.1 Os dois lados da música	98
4.2 Plantas de poder um alimento da alma	99
4.3 Deus e suas variedades	108
4.4 Circuito piauiense de reggae.....	119
4.5 Roda de conversa sobre espiritualidade rastafári e a música reggae	126
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERENCIAS	132
ANEXOS	138

1 INTRODUÇÃO

Corroborando com as ideias de Martins dos Reis (2012), compreendo que expressões musicais e religiosas podem parecer impalpáveis e invisíveis, porém modificam indivíduos e sociedades. A música e a espiritualidade trazem consigo um poder de mudança, de questionamento. Através de um movimento cultural em que ambos são fatores centrais, descendentes de povos africanos escravizados na Jamaica conseguiram reunir forças para idealizar um estilo de vida em que pudessem ter liberdade e adorar seu Deus.

A presente pesquisa tem como um dos objetivos compreender a espiritualidade rastafári dos integrantes das bandas de *reggae* de Teresina. É importante destacar que, dentre as bandas de *reggae* existentes na capital piauiense, somente aquelas que cultuam a espiritualidade rastafári fazem parte desta pesquisa. A saber – as bandas Jah Une, Regaplanta e seu ex vocalista que está em carreira solo Ed Ras.

Assim, dá-se ênfase a espiritualidade contida no movimento rastafári, analisando as bandas de *reggae* locais, implicando conceitos de identidade, sociabilidade e antropologia das emoções. O motivo da escolha deve-se ao interesse de buscar conhecimento sobre as expressões culturais de um povo, de um estilo de vida, incluindo músicas de protesto e rituais relacionados, como o uso de dreadlocks (canudos fortes feito com o próprio cabelo, que para eles são ligados espiritualmente com outras partes do corpo e representam uma união com Jah) e ervas. Para Souza Rosa (2009), tais práticas constituem elementos de identidade e que buscam a valorização e singularidade do grupo.

De acordo com Stuart Hall (2000), a modernidade através de suas transformações densas provocaram uma “Crise de Identidade” que fragmentou o homem moderno e descentrou-o, modificando assim o conhecimento do ser humano sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca.

Outro motivo que me impulsionou a busca por esse conhecimento foi a minha constante inquietude diante de *shows* de *reggae*, surgindo em mim uma imensa vontade de buscar compreender os significados e os personagens que são bastante relatados em letras de músicas das bandas de *reggae* local. Por exemplo: “Tem que ser rasta pra entender a mensagem do *reggae*”. (Trecho da música *rasta* da banda Fullreggae.) E vinha-me o questionamento: O que é ser rastafári? Ou por exemplo em uma música da banda Regaplanta que diz: “Salve, salve a força das plantas de poder!”, o que seriam essas plantas de poder?

Que simbologia existe nessas plantas? Porque elas são tão citadas em músicas de *reggae*? Assim também como Jah, o Deus dos rastafáris que está sempre presente nas músicas. Surgiu assim, curiosidade de saber quem foi/é e o que representa para esses músicos. A partir desses questionamentos a busca pelo conhecimento sobre o tema começou, e descobri outro mundo, com muitos outros questionamentos, que seriam pautados não apenas na existência de um Deus, mas na crença de uma espiritualidade além deste, o que me levou a busca por entender o que seria o fenômeno da Nova Era, que me foi posto após ter contato com alguns músicos.

A música aqui é vista primordialmente como uma forma de comunicação, e assim sendo ela tem seus próprios códigos. Não aprofundarei aqui as ideias sobre afinações e escalas, por exemplo. A minha análise é etnomusicológica¹. Na etnomusicologia, para se entender a música simultaneamente é necessário que se entenda a cultura, analisando os comportamentos psíquicos, verbais, simbólicos e sociais, buscando interpretar as manifestações musicais. (PINTO, 2001).

O antropólogo americano Alan P. Merriam formulou uma “teoria da etnomusicologia”, na qual reforçou a necessidade da integração dos métodos de pesquisa musicológicos e antropológicos. Música é definida por Merriam como um meio de interação social, produzida por especialistas (produtores) para outras pessoas (receptores); o fazer musical é um comportamento aprendido, através do qual sons são organizados, possibilitando uma forma simbólica de comunicação na interrelação entre indivíduo e grupo.(PINTO, 2001, 224).

A música *reggae* tocada pelas bandas teresinenses, se destacam por ter em sua maioria, letras que retratam o movimento rastafári, tendo assim influências da Jamaica, mas também buscam retratar a realidade vivida de acordo com o contexto local, focando-se por exemplo, em personagens nativos do Brasil , como o índio, assim como as plantas e ervas utilizadas por este, como o Rapé².

¹ Etnomusicologia: Estudo antropológico das formas musicais de uma cultura (em si mesmas e em seus aspectos socioculturais). Seus principais autores são: Murray Schafer, Oliveira Pinto, José Wisnik, Menezes Bastos e José Jorge de Carvalho.

² O rapé para os huni kuin (kaxinawás) é uma medicina de poder que te conecta a energia de Youshibu (Deus da Criação). Por isso sempre que usado deve ser com respeito, pois é sagrado. Assim não se deve jamais misturar rapé com álcool, e nem mesmo utilizá-lo em qualquer lugar. Os huni kuin usam a expressão “passar rapé” quando sentem vontade de usar a medicina. Essa expressão é utilizada porque o rapé é assoprado no nariz de quem deseja, e tem que ser assoprado nas duas narinas, pois eles dizem que é para equilibrar a energia da natureza. Se você assoprar em uma narina apenas, você ficará desequilibrado com a floresta. O rapé é utilizado para muitos fins. Os principais são as mazelas do corpo físico, como dor de cabeça, sinusite, nariz congestionado, até mesmo as panemas, que são as mazelas do espírito. Assim quando se usa o rapé deve-se ter em mente que o que entra em você são plantas da floresta e também espíritos de cura da floresta. Sua utilização é muito comum nos rituais de nixi pae (ayahuasca) onde ao “passar rapé” a força do nixi pae se intensifica colocando seu espírito mais em contato com a floresta. Ao utilizar o rapé também pode-se entoar cantos de cura e de pajelança, pois segundo os huni kuin o rapé nos põe em contato com os espíritos da floresta. A combinação

Assim como na Jamaica, em Teresina há fortes influências do *reggae* e do movimento rastafári principalmente através das músicas das bandas de *reggae*, porém é importante salientar que tais movimentos culturais, sociais e espirituais, geram estruturas que ultrapassam aspectos sonoros. Desta forma, por um lado, procuramos compreender um estilo de vida que busca a conscientização do homem, na esfera política, ecológica e espiritual. Por outro, objetivamos analisar a relação entre o *reggae* e o movimento rastafári e como tais podem ser transmitidos através das bandas de *reggae* em Teresina-Piauí.

Todos os usos e costumes da doutrina *rastafári* têm justificativas de cunho bíblico. Assim, características como os hábitos alimentares *rastafáris*, com a exclusão da carne de porco, o uso dos *dreadlocks*, as cores das suas vestimentas ou o uso religioso da maconha³ como forma de ajuda à meditação, encontram resistência na sociedade e tornam a doutrina alvo de críticas e preconceito. (BROOKS, 2001).

Através dos meus estudos procuro mostrar que certos hábitos e rituais tem relação com tradições históricas que muitas vezes são desconhecidas por grande parte de indivíduos. Assim, na busca de entender e explicar as práticas *rastafáris* relacionando, por exemplo, o uso de *dreadlocks* com o voto bíblico de nazireado (Voto (promessa) que se fazia a Deus, relacionado a proibição de cortar os cabelos, encontrado no versículo do Números 6 do livro Números da Bíblia),

6. Sinal de pertença a Deus – Javé falou a Moisés: “Diga aos filhos de Israel: Quando um homem ou mulher quiser fazer um voto especial de consagração a Javé, o voto de nazireato, deverá absterse de vinho e de bebidas fermentadas, e não poderá beber vinagre de vinho ou de bebidas fermentadas; também não tomará suco de uvas, nem comerá uvas frescas ou secas. Enquanto durar seu voto não provará nada que venha da videira, desde a semente até às cascas. Enquanto durar seu voto de nazireato não raspará a cabeça com navalha; deixará crescer livremente os cabelos, até que acabe o tempo pelo qual se consagrou a Javé.

das plantas contidas no rapé irá determinar se o rapé tem poderes de curas, de concentração, de caça ou de outras crenças. Assim o rapé pode além da cura física, colocar nosso espírito nos encantos da floresta trazendo poder e força.

³ A maconha é o nome dado no Brasil ao vegetal *Cannabis Sativa*, também conhecida popularmente como: marijuana, fumo, bagulho, liamba, mulatinho. Os primeiros relatos de sua presença no Brasil datam do século XVIII para a produção de fibras. No entanto acredita-se que a planta já existe há mais tempo utilizada pelos escravos. A planta *Cannabis sativa* produz mais de 400 substâncias químicas. Uma delas é o THC (tetrahydrocannabinol) que é a principal responsável pelos efeitos da maconha. As flores e folhas secas da maconha podem ser fumadas ou ingeridas, sendo que a forma mais comum é a fumada. Nesse primeiro caso a maconha é absorvida por via pulmonar e atinge o Sistema Nervoso Central (cérebro) em apenas alguns segundos. Os efeitos psíquicos agudos dependerão da qualidade da maconha fumada e da sensibilidade de quem fuma. Para uma parte das pessoas, os feitos correspondem a uma sensação de calma e relaxamento, menos cansaço e vontade de rir. Apesar de seus efeitos tóxicos e sua ilegalidade de consumo no Brasil, há relatos até antigos dos efeitos terapêuticos da maconha. Nos dias de hoje a maconha é reconhecida como medicamento em pelo menos 3 condições clínicas: Reduz ou abole as náuseas e vômitos produzidos por medicamentos anticâncer; Tem efeitos benéficos em alguns casos de epilepsia (doença que se caracteriza por convulsões ou ataques); e, Pode melhorar o estado geral de doentes de AIDS (mas não cura a doença).

E as restrições alimentares à lei de Moisés e o uso da maconha à uma prática religiosa ancestral para a qual eles encontram justificativa numa livre interpretação da escrita bíblica que diz: “De suas narinas subiu a fumaça e da sua boca um fogo voraz: dela saíam brasas ardentes.” (Sl 18:9).

Assim, esta pesquisa está contribuindo diretamente para a desmistificação dessas práticas, que corresponde ao combate ao preconceito, além de analisar a relação do movimento rastafári com o gênero musical *reggae*, e também procurando compreender a busca pela liberdade, através de suas ações, expressões, pensamentos, forma de se vestir, além de entender a relação dos rastafáris com o mercado, o consumo e a espiritualidade.

Em Teresina–PI, encontram-se alguns rastas⁴, estes em sua maioria fazem parte de bandas de *reggae*. Em suas letras musicas expressam a busca pela liberdade, pela paz interior através de positivas vibrações e apreço pela natureza. Citam ainda, as práticas ritualísticas do movimento *rastafári*, como o uso de ervas. Questionam a matança do planeta e são contrários ao sistema capitalista, referem-se à sociedade contemporânea como selva de concreto e criticam a vida mundana.

O *reggae* teresinense ganha outra roupagem diante de *reggae's* de outros estados, municípios do país. O *reggae* aqui analisado, pautado na espiritualidade rastafári, é um *reggae* que reproduz o contato e o amor com a natureza, reproduz uma busca divina, através de suas letras pautadas em Jah, diferenciando-se de um *reggae* mais pop⁵, no sentido de composição musical, como exemplo, o da banda nacional Cidade Negra, onde suas letras exploram as questões sobre relacionamentos e diversões, como em sua música “*Sábado a noite*” que diz em um trecho: “Todo mundo espera alguma coisa de um sábado a noite, bem no fundo todo mundo quer zoar (...)”. Em contra partida, como exemplo de música *reggae* teresinense apresentarei um trecho de uma composição da banda Regaplanta, uma das bandas analisadas na presente pesquisa. Música : “*Chegou a Hora*” :Se fazem guerra aqui na terra, é porque não

⁴ Rasta é o nome que se dá aquele que pratica as ideologias do movimento rastafári, ser rasta ou ser rastafári é a mesma coisa. Há três princípios básico e iniciais para ser um rasta: amar a Deus sobre todas as coisas de todo o teu coração, amar ao próximo como a ti mesmo e fazer o bem e não fazer o mal.

⁵ No mundo cultural e comercial do *reggae* encontra-se algumas variações como: *Reggae roots* que seria o *reggae* raiz tendo como principal músico Bob Marley, ao lado desse estilo temos o *reggae* consciente ou *reggae* religioso, que teria suas letras voltadas para a cultura rastafári, relatando Jah como seu Deus, Bob Marley e a banda Mato Seco representariam esse estilo, além desses ainda tem o *reggae* pop ou praieiro aquele que suas letras são mais pautadas em relacionamentos amorosos e coisas cotidianas, como a banda Cidade Negra e o cantor Armandinho.

vivem na Nova Era. Nova Era é paz e muito amor, é conhecer o seu valor e agradecer no seu dia-a-dia por ter uma chance de viver com alegria”.

Não analiso o *reggae* através de uma hierarquia, ou sobre algum conceito que defina ou separe uma música boa ou ruim, a ideia central é a análise etnográfica sobre bandas de *reggae* locais, e para melhor definição para o leitor, comparei acima uma banda local com um nacional, para assim, deixar explícito como o *reggae* ganha uma nova roupagem ao chegar na capital do Piauí.

O ritmo do *reggae*, manifesta a identidade de um grupo, identidade esta em que a corporalidade é ressignificada com base na cultura africana⁶ e caribenha. Para Geertz (2008), existem várias culturas e estas nunca são iguais, cada cultura tem suas especificidades. A antropologia seria uma ciência interpretativa, e a cultura uma teia de significados que é tecida pelos próprios homens. Ele afirma que compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade. (GEERTZ, 2008, p.10). A cultura para o autor é como para Max Weber um conceito semiótico, a partir do que os indivíduos dizem, fazem, é possível compreendê-la. O movimento rastafári traz consigo a cultura de onde surgiu, porém a cada lugar em que se manifesta, dali surgem novos seguidores, surgem também novas formas de se ver e viver. Como o *reggae* do maranhão⁷, o *reggae* aqui carrega uma semelhança rítmica com uma das expressões da cultura popular local, o Bumba-meu-boi⁸, uma sinopse das culturas africanas, indígenas e europeias. (MORIAS e ARAÚJO, 2008).

Os rastas teresinenses, por exemplo, não seguem a risca toda a ideologia do movimento que surgiu na Jamaica. O movimento prega por exemplo, a proibição de cortar os

⁶ A cultura africana é mais conhecida pela sua arte, dança e música. As manifestações culturais africanas sofreram uma intensa destruição pelos regimes coloniais, o que leva as culturas africanas modernas ao embate com o nacionalismo árabe e ao imperialismo europeu. Estilos musicais como o samba, blues, jazz, reggae, rap, surgiram graças a dispersão dos escravos africanos pelo Atlântico. Já no Caribe a região das Caribas é berço de diversos ritmos musicais como o reggae e o ska provenientes da Jamaica, o merengue e a bachata da República Dominicana; o calipso de Trindade e Tobago, entre outros constroem a diversidade cultural caribenha.

⁷ A origem do *reggae* no Maranhão é de uma origem não comprovada, não há ninguém, não há nenhuma pesquisa que indique a data da chegada do reggae no estado; são vários fatores que contribuíram para que ele chegasse até aqui e pra São Luis ser conhecida como Jamaica Brasileira. Para Zé Orlando, existe uma forte semelhança entre São Luis e a Jamaica; a grande maioria da população é negra, clima, modo de vida, além do *reggae*. Os mais antigos, principalmente os da zona rural, afirmam ter conhecido o *reggae* através dos sons captados, via ondas de rádio, no final da década de 60; enquanto outros tiveram contato com a música através de LPs trazidos em navios que aportavam nos portos da capital em meados da década de 70. Segundo Ademar Danilo, no estado já havia uma predominância de ritmos caribenhos nas regiões do Pará/Maranhão como: a lambada, o merengue, a salsa, o bolero, entre outros; ritmos esses que eram tocados em clubes que tem o perfil dos clubes de reggae de hoje e veiculados nas chamadas radiolas, um aparelho de som gigantesco.

⁸ O bumba-meu-boi é um folguedo brasileiro muito tradicional, típico da região nordeste do Brasil. Teve início no século XVIII, misturando aspectos das culturas portuguesa, negra e indígena. É uma das mais expressivas manifestações culturais do estado do Maranhão.

cabelos, que seriam os *dreadlocks*. Para alguns rastas locais, a decisão de colocar *dreads*, é visto como forma de coroamento, como um ato divino que o identifique como seguidor do movimento e de seu Deus, Jah. No entanto, para outros, o ser rasta pode ser exibido pelas ações cotidianas, como fazer o bem, e não necessariamente precisaria utilizar-se dos *dreads*, para se sentir e vir-se como um rasta.

Percebi, ainda que de forma acanhada, alguns conflitos, partindo da premissa que há bandas de *reggae*, com integrantes com *dreadlocks*, mas que não vivem/sentem a espiritualidade. Isso gera um desconforto por parte dos rastas, por discordarem da maneira da vivência destes músicos não rastas. Contudo, de forma geral, percebo que o rasta, é um ser que evita conflitos diretos, apesar de está sempre questionando a sociedade.

Um dos aspectos que marcam a identidade rastafári é a questão da espiritualidade. As bandas de *reggae* analisadas na presente pesquisa, contem integrantes que praticam a religião do Santo Daime, esta realiza algumas práticas do movimento rastafári, como por exemplo, a busca pelo contato com a natureza e a utilização de ervas como um meio de se conectar com o divino.

Essas práticas espirituais também fazem parte da Nova Era, esta teve seu surgimento no Brasil nos anos 70, marcado como herança de movimentos que lutavam contra as desigualdades sociais.(Cavalcante, 2009). Assim, como o próprio surgimento do movimento rastafári, que também veio para desconstruir as desigualdades, e trouxe consigo a grande força da espiritualidade. O pensamento novaerista tem suas raízes no misticismo oriental, não sendo portanto uma religião, mas uma nova forma de se enxergar o mundo. A Nova Era é pautada na busca pela harmonia entre mente - corpo e espírito, o movimento rastafári também prega por essa vivência harmônica, relacionando-se também com a natureza.

O *reggae* é um gênero musical desenvolvido originalmente na Jamaica no fim da década de 1960. Embora tenha sido influenciado pela música tradicional africana e caribenha, além do *rhythm and blues* americano, o *reggae* projeta sua origem direta ao desenvolvimento progressivo do *SKA*⁹e do *rocksteady*. Foi quando os músicos começaram a deixar ainda mais lento os andamentos das músicas, e lhes acrescentaram ainda mais efeitos; o que levou a criação do *reggae*. (CALDAS, 2012)

⁹ O Ska é um gênero musical que teve a sua origem na Jamaica no final da década de 1950, combinando elementos caribenhos como o mento, o calipso e estadunidenses como o jazz. Foi o precursor do rocksteady e do reggae. Rocksteady é como o ska com metade da velocidade, com o trombone substituído pelo piano e pelo baixo proeminente.

O *reggae*, também chamado de música rasta, retrata intrinsecamente as ideologias do movimento rastafári. Este surgiu como um movimento de luta, de busca por um mundo mais justo. A música assim, carrega consigo um grande valor emocional, pois o *reggae*, como já dito anteriormente surge como porta-voz dos rastas, surge como um canto de protesto e de resistência, levando consigo todo um contexto histórico de um povo cheio de sentimentos por um mundo novo.

A teoria antropológica da performance ajuda a analisar a relação entre prática musical e intervenção social. Pensar a performance implica não isolar esferas da vida social como estética, ética, política, religião, etc. Para Turner (1987), todo tipo de performance cultural, incluindo ritual, cerimônia, carnaval, teatro e poesia, é explicação da vida.

O estudo etnomusicológico da performance trata de todas as atividades musicais dentro de um grupo social adotando uma dimensão processual do acontecimento cultural. Através da performance, a música traz à tona fenômenos diversos e não necessariamente acústicos. (PINTO, 2001).

A etnografia da performance musical marca a passagem de uma análise das estruturas sonoras à análise do processo musical e suas especialidades. Abre mão do enfoque sobre a música enquanto “produto” para adotar um conceito mais abrangente, em que a música atua como “processo” de significado social, capaz de gerar estruturas que vão além dos seus aspectos meramente sonoros. Assim o estudo etnomusicológico da performance trata de todas as atividades musicais, seus ensejos e suas funções dentro de uma comunidade ou grupo social maior, adotando uma perspectiva processual do acontecimento cultural. Através da sua performance o acontecimento sonoro da música traz á tona fenômenos diversos, por vezes inseparados e não necessariamente acústicos. Assim performances marcariam todas as atividades humanas, sempre que inseridas em algum quadro de referência sociocultural. (PINTO, 2001, p. 227- 228).

O *reggae* traz em suas letras o desapego à vida mundana e a crítica a este estilo de vida no qual, nesta perspectiva, os indivíduos cada vez mais deixam de trocar informações pessoalmente, não trocam abraços e nem afetos, onde está fortemente presente a correria do dia-a-dia, a falta de tempo para o lazer, assim como o distanciamento da natureza e o desprezo pela sua preservação. O *reggae* pretende passar como mensagem que o ser humano erra, mas também mostra a luz. Através de suas letras enviam-se mensagens de respeito e amor pela natureza, pela humanidade, assim como a incessante busca por positivas vibrações. A música faz parte de uma gama de elementos que compõem a identidade rasta.

O rasta busca combater a sociedade hedonista, egoísta, individualista, capitalista, que despreza o seu próprio lar (planeta) que prejudica a mãe terra (natureza), que matam seus irmãos através de um incessante consumismo. Edgar Morin (2001), alerta que a humanidade

apesar de todas as diferenças possíveis, tem em comum o mesmo destino. Vivencia-se uma degradação da vida planetária e é necessário que se tenha uma consciência desta. O autor afirma que é necessário conscientizar a todos, e o rasta busca transmitir essa conscientização, tenta passar aos seus ouvintes um sinal de alerta, de que é preciso mudar. É necessário se unir, integrar-se para que se permita uma mudança de pensamento.

Nota-se que o *reggae* se apresenta de maneira singular, indo muitas vezes contra o que a sociedade contemporânea que parece condicionar, desde a estética de alguns músicos, no modo de se vestir, de falar, de ser a favor do consumo de ervas que são vistas como drogas maléficas aos indivíduos e por isso proibida. Assim como ir contra o sistema econômico capitalista, onde o “deus” é o dinheiro.

De acordo com Bauman (2007), a maneira como a sociedade contemporânea molda os indivíduos é ditada pelo dever de desempenhar um papel de consumidor, ou seja, indivíduos já nascem condicionados a seguir o consumismo. O movimento rastafári prega justamente o oposto: os *rastas* buscam a liberdade, o desapego a qualquer tipo de coisa, indo contra a lógica vigente. Para eles, a chamada “selva de concreto” significa que indivíduos vivem constantemente na selva, que aqui, se refere a cidade, onde os indivíduos podem matar para sobreviver: constantes lutas entre países, guerras civis, disputas por terras, preconceitos, discriminações, etc. Assim, nos termos de Bauman (2007), poder-se-ia dizer que o homem da “modernidade líquida” vive sempre suspeito e insatisfeito, prejudicando a convivência com os outros.

Na minha ida ao campo pude perceber e distinguir dois tipos de bandas de *reggae*, uma mais focada para o mercado, com músicas mais pops, sem necessariamente conter letras que carreguem a ideologia rastafári e com um público aparentemente mais sofisticado, em oposição a isto, outras bandas destacam-se, na minha visão por ter ideários da Nova Era, bebendo na fonte dos pensamentos novaeristas, contendo assim em suas letras mais referencia a mãe terra – natureza. O público desta, esteticamente falando era mais alternativo, as meninas em sua maioria de saias longas e os meninos de bermudas ou calças largas de algodão. O que também nos leva ao mundo da Nova Era, ligando-nos as ideias da contracultura, não a industrialização, valorização da natureza, vestimentas naturais, alimentos orgânicos.

Qualquer que seja o movimento cultural, é sempre composto por seus conflitos e tensões, com o *reggae* e o movimento rastafári não é diferente. As bandas de *reggae* da cidade de Teresina, mantém uma relação aparentemente saudável, um exemplo disso é que vários músicos tocam em mais de uma banda, no entanto, quando o valor em questão

ultrapassa a ideia de banda e passa para esfera de músicos rastas, é que se percebe um descontentamento. Para melhor explicar ao leitor, trago o exemplo de um dos coautores desta pesquisa Ed Ras. Ed é “músico” perante a sociedade pois se apresenta em shows de *reggae*, compõe músicas dentre outras coisas, contudo, ele não se considera um verdadeiro músico, no sentido de ter a música como uma profissão ou um meio de ganhar renda. Ed Ras auto denomina-se rasta, aquele que sobe no palco como mensageiro da mensagem divina e não com um propósito lucrativo.

A crítica se dá através da questão mercadológica, pois o *reggae* dentro do movimento rastafári é visto como uma música espiritual, portanto, seus fins não são lucrativos. Contudo, há bandas que se utilizam da roupagem rasta (roupas, acessórios, cabelos e até mesmo cunho espiritual em composições de letras) para alcançar um status de valorização musical no cenário cultural teresinense. Isso gera conflitos, como exemplo, já acarretou a saída de membros de bandas e formação de outras na tentativa de assegurar o foco do movimento.

As bandas que se reconhecem como propensas a seguirem ideais rastas, focam suas composições musicais em suas próprias convicções sobre o que seja a espiritualidade, o amor e a luta político-social. Buscam passar mensagens e não apenas tocarem música. Já as bandas propensas a serem mercadológicas, apesar de tentarem copiar por muitas vezes a mesma aparência, como se apropriar do uso do *dreadlock*, percebe-se uma quebra de sintonia composicional. Geralmente tocam musicais mais pop’s e populares¹⁰, não constroem falas políticas entre um verso musical ou uma música e outra, além de tocarem sempre por um cachê, e não participarem com frequência de eventos abertos pautados em uma linha solidária.

Para Roberto Da Matta (1978), é necessário sentir a marginalidade, a saudade, é preciso ultrapassar os caminhos da empatia e da humildade. De acordo com este autor, para uma boa etnografia é fundamental recuperar a relação pesquisador/ nativo.

Utilizei na presente pesquisa a abordagem de perspectiva etnográfica, focando-me na descrição e na análise dos fenômenos culturais particulares, como o ritual do uso da cannabis antes da subida ao palco. Participei sistematicamente dos ensaios e shows das bandas de *reggae* de Teresina, pratiquei a observação participante, analisando o campo de pesquisa, e interpretei os depoimentos dos informantes. Os informantes são os integrantes das bandas. Analisei alguns símbolos expressos e manifestos nas esferas do movimento rastafári das bandas de *reggae* de Teresina.

¹⁰ Pop é um termo usado para designar um estilo de música, em especial a música americana ou as de língua inglesa em geral, feitas principalmente com fins comerciais. A música popular é uma canção com orientação comercial, destinada à apreciação de grandes audiências nas sociedades nas quais predomina uma cultura urbana.

A relação de ética está dirigida ao consentimento dos pesquisados em relação à realização de entrevistas, assim como o recolhimento de imagens fotográficas, fílmicas vídeos e citações de nomes, intenta-se portanto, não ferir o limite ético entre a pesquisadora e os sujeitos pesquisados. Utilizei o caderno de campo para todas as observações feitas tanto em ensaios como nos *shows*. O autor Whitaker (2002), comenta sobre a importância do diário de campo, este seria uma ferramenta essencial permitindo ao pesquisador sistematizar a vivência do campo, para após avaliar os resultados, sendo este assim, um instrumento essencial à pesquisa, instigando a memória possibilitando a espontaneidade e a reflexão.

De acordo com Saad (2001), a espiritualidade pode ser definida como uma disposição humana a procurar significado para a vida por via de conceitos que transcendem o tangível, à busca de um sentido de conexão com algo maior do que si próprio. E o interessante é a capacidade da espiritualidade estar ou não ligada a uma vivência religiosa. Pensando a espiritualidade rastafári dos integrantes das bandas de *reggae* em questão, é possível perceber a forte espiritualidade que nem sempre está vinculada diretamente a religião. É importante destacar que, uma das características do fenômeno Nova Era é exatamente essa dimensão da espiritualidade, do autoconhecimento, da preocupação ecológica, da experiência mística não necessariamente ter uma relação intrínseca com uma única religião.

A presente dissertação está dividida em três capítulos, iniciarei abordando todo o contexto do movimento rastafári, focando em suas ideologias e manifestações de crença. O campo da antropologia das emoções será importante neste estudo para contemplar os objetivos propostos. A espiritualidade é uma das dimensões privilegiadas desta pesquisa uma vez que buscamos compreender a relação entre espiritualidade e estilo musical *reggae* cultuada por integrantes das bandas da cidade. A categoria corpo tem relevância aqui, a medida é no corpo dos integrantes das bandas de *reggae*, que é possível perceber as expressões e manifestações da espiritualidade rastafári. A etnomusicologia será também um dos aportes teóricos deste estudo, uma vez que o estilo musical *reggae* também é alvo da investigação em tela.

O primeiro capítulo versará sobre as bandas de *reggae* de Teresina e a espiritualidade rastafári, dialogando com vários autores. Como Bauman, fazendo uma relação de seu conceito Modernidade líquida com a contemporaneidade vivida pelos rastas, Mauss ao falarmos do corpo como um instrumento do rasta e Terrin ao analisarmos a espiritualidade contida nas bandas de *reggae*. Acrescentei também um pouco do meu caderno de campo, para que o leitor desde o início compreenda como se deu a minha relação com o campo e os coautores desta pesquisa. O segundo capítulo é sobre o movimento rastafári, o *reggae* e as emoções focando-

se no ponto de vista do nativo, através principalmente das entrevistas, utilizando Bauman para analisar as relações sociais, pautando-se no seu livro “Amor Líquido”, além de Le Breton para auxiliar no que tange o corpo rasta, seus símbolos e significados; e Mauro Koury no desvendar das emoções.

O terceiro capítulo será sobre a Nova Era, performance e etnomusicologia, fazendo uma análise das composições musicais, contendo também o conteúdo do meu contato com o campo e conseqüentemente com os coautores dessa pesquisa, os músicos rastas. Interpretando a vivência, a experiência e as emoções vividas por estes. Constará neste capítulo o meu caderno de campo. Os principais autores deste capítulo são Verônica Cavalcante, auxiliando no mundo da Nova Era, Oliveira Pinto com a antropologia da música.

2 ESPIRITUALIDADE RASTAFÁRI NAS BANDAS DE REGGAE EM TERESINA

Teresina, também chamada de cidade verde, está passando por um período de incentivo cultural, atualmente há um boom de novas bandas e novas casas de eventos. A cidade há algumas décadas não continha tantos bares e diversos outros espaços de lazer. A zona leste da cidade, considerada nobre, onde se encontram universidades e faculdades, é o espaço da cidade em que observa-se uma verticalização, uma modernidade, uma zona de amenidades, onde é possível encontrar entretenimentos: os três shoppings , as lojas , os bares, os restaurantes, casas de shows, boates, clínicas particulares, dentre outros. Na agenda cultural da capital piauiense tem-se: o Encontro Nacional de Folguedos do Piauí, o Salão do Livro do Piauí (SALIPI), o Salão Internacional de Humor de Teresina, o Evento Teresina é Pop, que ocorre todos os anos como forma de comemorar o aniversário da cidade, o Boca da Noite, evento bastante conhecido e querido pelos teresinenses, mas que passou mais de um ano sem acontecer e voltou a ativa no ano de 2015, este ocorre todas as quartas-feiras no Clube dos Diários no centro da cidade. Estes são alguns dos eventos onde várias bandas regionais tem a oportunidade de se apresentarem.

A cidade possui uma área de 1.673 km² e uma população de quase 1 milhão de habitantes, ela está se destacando no setor de prestação de serviços, comércio intenso de confecções, rede de ensino privado avançado, eventos culturais e esportivos. Teresina tem um IDH (índice de desenvolvimento Humano) alto, o PIB (produto interno bruto) da cidade de Teresina representa cerca de 45% do PIB do estado do Piauí. Esta é a única capital do Nordeste que não tem litoral, proporcionando aos seus habitantes outras formas de lazer, como a valorização de casas de shows. Já que Teresina não conta com muitas atrações naturais, o investimento no lazer se dá nos bares e nas diversas casas de eventos, gerando assim também incentivo ao mercado musical.

2.1 Teresina ao Encontro do Reggae

O cenário musical teresinense vem abrindo cada vez mais portas para o *reggae*. Existem na cidade alguns eventos direcionados a este gênero musical, São: “Vem pro

Reggae”, que já está na sua segunda edição. Esse evento não é financiado por nenhuma instituição, são os próprios amantes do reggae que juntam forças para disseminar este gênero musical na cidade. A primeira edição quem produziu foi o ManoFire¹¹ com algumas parcerias, e a segunda edição, ele teve o apoio de Edson, conhecido como Ed Ras, ex vocalista da Regaplanta e um dos nossos informantes, interlocutores neste estudo.

A primeira edição ocorreu no dia seis de setembro de 2014 no parque Meus Filhos¹², zona leste da cidade, em que a organização do evento trouxe um cantor rasta, como atração principal, que seria o Daniel Profeta¹³, além deste vindo do Rio de Janeiro, participaram da primeira edição bandas de reggae locais, como: Jah Une, Regaplanta e Cochá, somente as duas primeiras são consideradas pelos seus integrantes como de essência rastafári e justamente por isso que a banda Cochá não adentra a presente pesquisa.

A segunda edição, intitulada “Vem pro Reggae 2”, ocorreu no dia 25 de abril de 2015 no parque Meus Filhos, zona leste da cidade. O evento teve a participação de Dada Yute¹⁴ de São Paulo, O’jan, vocalista da banda Ukiemana, e Solano Jacob, vocalista da banda Leões de Israel também tendo presença de duas bandas de *reggae* locais: Jah Une e Ed Ras, além da presença de dj’s.

O reggae feito na capital piauiense é feito através de incentivos privados, individuais. São membros de bandas que se reúnem e constroem eventos pautados nesse gênero musical, trazendo muitas vezes seus amigos músicos de outros estados para também contribuir com o cenário cultural local, mas sem nenhuma ajuda governamental.

¹¹ Francisco genuinamente piauiense, conhecido como ManoFire é empresário, tem uma loja na capital piauiense chamada Nova Rootika, que vende produtos alternativos, como bolsas, roupas e acessórios, Além disso, organiza e patrocina eventos de culturais como shows de *reggae*.

¹² É um espaço de lazer, onde se encontra espaços específicos para diversas modalidades de esporte, além de ser a sede do Rock Gol, evento cultura da capital piauiense que ocorre todos os anos, misturando música e esporte. É localizado na avenida Raul Lopes, bairro de Fátima zona leste da cidade.

¹³ Músico rasta natural de Niterói- RJ, famoso por produzir o *reggae* rasta.

¹⁴ Grande representante do movimento rastafári da nova geração de reggae no Brasil.



Ingresso do show da primeira edição do evento Vem Pro Reggae.



Cartaz do show da segunda edição do evento Vem pro Reggae.

Além desse evento, Teresina conta com diversos shows em suas casas noturnas, bares e outros eventos grandes, como o “Encontro de Leões”, produzido e organizado por Edson Pereira (Ed Ras). Esse evento já teve três edições, na primeira ele trouxe Thor Caf¹⁵ da Dinamarca, também teve a participação de bandas locais como Regaplanta e Jah Une. Aconteceu no dia 09 de março de 2012, no espaço Ponto Chic¹⁶, no centro da cidade. No evento intitulado “II encontro de leões” contou com a participação da banda Ukiemana¹⁷, no dia 08 de Junho de 2013, a banda se apresentou no sítio Antônio José Lira¹⁸, e ainda teve a participação de Beto Rasta¹⁹ de Minas Gerais e da banda local Cochá. Na terceira edição quem iluminou a noite teresinense foi Jah I Ras²⁰, de São Paulo no dia 13 de Junho de 2015, o show aconteceu no espaço cultural Trilhos e teve a participação de três atrações locais: Cochá, Ed Ras e Espírito Livre.

¹⁵ Caf Thor da Lion canta um roots reggae nayabingy: espiritual, tradicional, rebelde, moderno, com uma voz totalmente original e o ruído do Leão Rastafari da Dinamarca. Canta em inglês, e explica em Português. produziu o disco "Tudo se Transforma" da banda Ukiemana, que também já se apresentou em Teresina.

¹⁶ Espaço onde ocorre eventos culturais localizado no centro da cidade de Teresina.

¹⁷ A banda é de São Lourenço, sul de Minas Gerais. Ukiemana é uma banda de Roots Reggae mineiro que vem se afirmando no cenário nacional de maneira independente, através de fãs espalhados por todo o Brasil. Em suas músicas uma mensagem de paz e esperança é transmitida em letras profundas e em um ritmo pulsante e forte. Aborda temas como o amor, a positividade e a espiritualidade, no roots do reggae jamaicano, unificado na ancestralidade da sagrada música. A banda já atuou em palcos por todo o Brasil e fora, como em Portugal, Espanha e Dinamarca.

¹⁸ Sítio Antônio José Lira, é localizado no Bairro Todos os Santos em Teresina - Piauí. Espaço com bastantes árvores frutíferas e composto por estacionamento interno, três palcos, piscinas, playground, etc.

¹⁹ Beto Rasta nasceu em Bragança Paulista em 1982, onde viveu até os 15 anos de idade, começou a tocar nas rodas de fogueira pelas comunidades alternativas com 18 anos, hoje ele vive nas terras altas da Mantiqueira, vibrando a positividade da Nova Era, vivenciando o amor da mãe terra, se inspirando na natureza.

²⁰ O grupo paulista Jah I Ras é um dos grandes nomes em ascensão no cenário nacional. Fundada no final de 2003, a banda vem se destacando por suas letras fortes e conscientes, com um reggae engajado na doutrina Rastafari e uma linha de músicos de dar inveja às grandes bandas jamaicanas da década de 70. O nome JAH I RAS significa “Deus Eu Sou Rasta” diz Ras Kadhu, vocalista, guitarrista, flautista, percussionista e líder da banda Jah I Ras.

DIA: **09** DE MARÇO

HORÁRIO: **22H**

LOCAL: **PONTO CHIC**
EM FRENTE AO GINÁSIO
VERDÃO-CENTRO

ENCONTRO DE LEÕES

Regaplanta
ROOTS

THOR
CAF

DINAMARCA 

PARTICIPAÇÃO: **JAH UNE**

REALIZAÇÃO: **LIONS FAMILY**

INFORMAÇÕES: 8876-4266 / 8837-5194

INGRESSOS ANTECIPADOS: MORAL TATTOO STREET 



Cartaz do show da primeira edição do evento Encontro de Leões – em 2012.

DIA:
08
DE JUNHO

HORÁRIO:
22H

LOCAL:
NO SÍTIO
ANTONIO
JOSÉ LIRA

II ENCONTRO DE LEÕES

UKIEMANA

Regaplaneta
ROOTS

★ PARTICIPAÇÃO DE BETO RASTA (MG) E BANDA COCHÁ (PD) ★

INGRESSOS ANTECIPADOS:
MORAL, HUMANA SKATE SHOP, BAR RASTA

INFORMAÇÕES:
8876-4266 / 9982-1715

APOIO:

REALIZAÇÃO

az

TATTOO
M
STREET

RASTA

UMANS
SKATE SHOP
(84)3222-6728

nova
Rootika

Cartaz do show da segunda edição do evento Encontro de Leões – em 2013.

DIA 13 DE JUNHO
HORÁRIO: às 22 H

Local: ESPAÇO CULTURAL TRILHOS
CRUZAMENTO DA AV. MIGUEL ROSA
COM FREI SERAFIM

III ENCONTRO de LEÕES

Diretamente de SP

JAH I RAS
#Jahprovidenciaratour

ED RAS **COCHA** **Espirito Tyre**

Apoio: **Captinho da Tapioca**

Ingressos Antecipados: R\$ 20,00
Informações: (86) 9952-8083 / 8837-5184

Cartaz do show da terceira edição do evento Encontro de Leões – 2015.

Interessante destacar que a Jah I Ras, veio trazendo uma nova filosofia que é a vivência do Santo Daime junto com a música *reggae*. O Ras Kadhu²¹, também presente nesse “III encontro de Leões”, é padrinho da Igreja Santa Maria de Sião²², que seria a primeira

²¹ Líder da banda Jah I Ras

²² Está localizada num sítio, na região de Itapeperica da Serra-SP, e foi fundada no ano de 2009, devido aos mananciais e a rica cobertura vegetal, representa um importante cinturão verde para a cidade de São Paulo. Conscientes de seus deveres para com a região, promovem ações de preservação ambiental. A igreja vem crescendo e realizando trabalhos com o Santo Daime na linha do Mestre Irineu e do Padrinho Sebastião. Realiza-se trabalhos de Concentração (Dias 15 e 30), Santa Missa (1ª Segunda do Mês), Trabalhos de Cura e alguns festejos do Calendário. Também comemora-se anualmente o aniversário natalício da Majestade Imperial Rastafari I Haile Selassie I (descendente direto do Rei Salomão) no dia 23 Julho, festejando assim o aniversário da casa. Tem como Igreja Madrinha o "Céu da Nova Era" onde realiza-se os hinários oficiais da Doutrina.

igreja do Brasil do Santo Daime com filosofias rastafári inclusas. Esta funda seus procedimentos na harmonia, no amor, na verdade e na justiça; afirma sua filiação à grande família cristã; respeita as tradições espirituais de outros povos e culturas; é tributária das revelações espirituais dos enteógenos dos antigos habitantes das Américas, considera o Santo Daime um veículo divino e a Filosofia Rastafári como fundamento das práticas e condutas. Manifestada na crença em Deus como ser supremo e princípio de todas as coisas; em Jesus Cristo, redentor dos homens e cujo sangue vertido para a remissão da humanidade vem a estar simbolizado no Sacramento Santo Daime; na Virgem Soberana Mãe, como rainha e protetora; no Mestre Império Juramidam, como o nome adotado na presente Era pelo Espírito Crístico; No guia espiritual São João Batista, no Rei Salomão e todos os seres da Corte Celestial que trabalham por amor a Deus e favorecem a evolução espiritual da humanidade. (KADHU, 2015).

Todos esses músicos, o Ed Ras, criador do evento, os conheceu através de suas vivências rastas, como no ENCA: Encontro Nacional da Comunidades Alternativas²³, que acontece uma vez por ano, em diversos lugares e seu público é de maioria rasta. Esse evento vem influenciando o cenário Nova Era da capital piauiense desde 1992. Através desse contato, Ed Ras, buscou construir um espaço onde houvesse uma interação dos músicos e rastas locais com os de fora, com a intenção de propagar a música, fortalecer e unir o movimento rastafári na cidade de Teresina. Ed Ras não contou com nenhum patrocínio da prefeitura ou do governo, todos esses eventos foram garantidos através de seu próprio dinheiro. A capital piauiense também conta com o “Reggae Swm Fest”, que trouxe como atração musical I Jahman²⁴, no dia 23 de Maio de 2015 na casa de eventos AABB, (Associação Atlético Banco do Brasil) que também contou com atrações locais, como Regaplanta e Cochá.

²³ O ENCA (Encontro Nacional de Comunidades Alternativas) surgiu em 1978 e se realiza uma vez por ano, juntando durante uma semana grupos de pessoas cuja proposta é viver em comunidades rurais, longe da cultura de consumo e praticando a agricultura orgânica, a fitoterapia, a defesa do meio ambiente, a educação das crianças no contato com a natureza. Os encontros são promovidos pela Abrasca (Associação Brasileira de Comunidades Alternativas) e neles, além das discussões sobre aqueles temas, há terapias e exercícios de grupo, atividades culturais como teatro, dança, canto, artesanato e esportes (capoeira e futebol). Todo ano reúnem-se pessoas das mais diversas regiões do Brasil e também do exterior nalgum local onde está implantada ou pensa-se em implantar uma comunidade. No evento é proibido carnes, cigarros, bebidas alcoólicas e outras drogas. Também é desincentivado o comércio e não é permitido uso de equipamentos eletrônicos e elétricos: não há celulares, rádios, tv, internet, laptop. As pessoas acampam, tomam banho nos rios (sem uso de sabonetes), fazem fornos de barro, ajudam na confecção dos alimentos e trocam as experiências de suas comunidades.

²⁴ Músico jamaicano



Cartaz do Show de I Jahman no evento Reggae Swn Fest.

Em todos esses cartazes, percebe-se a predominância das cores da bandeira da Etiópia, chamada por muitos de as cores do *reggae*, pois o verde, amarelo, preto e vermelho sempre estão relacionados a esse estilo musical e ao movimento rastafári. Estas cores foram retiradas do movimento de Marcus Garvey. A cor vermelha simboliza a triunfante igreja dos Rastafári, representando também o sangue dos mártires que existem na história dos rastas. O preto, representa a cor dos africanos, dos quais descendem 98% dos Jamaicanos. O verde representa a beleza da vegetação da Etiópia e da terra prometida. O amarelo é usado para simbolizar a abundância da sua terra natal.

Além das cores, os cartazes estão carregados de outras simbologias. Como os leões, que são chamados de Leões da tribo de Judá, uma expressão bíblica que serve como metáfora para representar a figura de Jesus Cristo, esta expressão surgiu na tribo de Judá, uma das doze tribos de Israel. O leão é mais um símbolo da filosofia rastafári, ele representa força, garra,

coragem e por ser o rei da selva seria relacionado a Jesus, e a sua juba seria relacionada aos *dreams* dos rastas. Encontramos assim uma rede de símbolos entrelaçando música e espiritualidade.

De acordo com Peixoto (2001), a análise das imagens coloca à prova a capacidade de identificar o que há de antropológico nessas imagens e de reconhecer, na banalidade de alguns planos, as manifestações cristalizadas das relações sociais. Assim, "ler imagens" significa classificar seus significados, ler o seu sentido. Entre o texto escrito e a imagem/som não existe nem identidade nem oposições, mas complementaridade.

As imagens tornam-se documentos poderosos. Diversas formas narrativas de natureza exploratória constituem modalidade diferente de utilização da imagem na pesquisa etnográfica e na apresentação pública de formas acabadas. Essa se centraliza na prioridade dada à observação, à construção da narrativa baseada na imagem, às vozes e sonoridades locais, à utilização de arquivos documentais. É esse processo que melhor caracteriza o trabalho antropológico e que se tornou método tanto no cinema documentário (Flaherty, Vertov) como na antropologia visual (Rouch, MacDougall, John Marshall, Trinh T. Minh-há) (RIBEIRO, 2004).

A primeira e a mais simples utilização das imagens na investigação em ciências sociais e, mais especificamente, na etnografia e na antropologia, foi (e é) como auxiliar de pesquisa. Nessa situação as tecnologias da imagem constituem instrumentação de pesquisa ou "instrumento do conhecimento". São reconhecidas ou atribuídas a elas características específicas, úteis à pesquisa científica no quadro de alguns paradigmas de investigação: a sua relação com o referente – a realidade de que constitui índice, a transparência tecnológica (muitas vezes manifesta nos discursos do cotidiano); a observação encoberta (câmara oculta), a observação totalmente participante. (RIBEIRO, 2003).

Compartilhar o universo musical e espiritual dos rastas, exige um conteúdo para além de textos escritos, a imagem é fundamental, pois esta favorece lembranças, anunciam ou denunciam uma realidade. Como diz Clarice Peixoto (2001), a imagem é uma forma de expressão e comunicação, esta é capaz de melhor acompanhar e fixar, sob um outro ângulo, as diferentes manifestações sociais.

Outro ponto favorável no uso da antropologia visual é a possibilidade de fazer uma relação entre a fotografia e as emoções. Koury (2009), trabalha com uma análise crítica da fotografia e de suas relações com a problemática dos sentimentos, da memória dos estados liminares e da questão sempre tensa entre a subjetividade e a objetividade, na análise do social. (KOURY, 2009, p.77-78).

Atualmente, a capital piauiense vivencia uma efervescência de bandas, e um dos estilos musicais que mais está tomando espaço é o *reggae*. O site de notícias 180graus, traz algumas matérias sobre o movimento *reggae* no Piauí, inclusive entrevistas com Hércules Gregory um dos produtores do festival “Teresina Roots²⁵”. Nos últimos três anos surgiram várias bandas, algumas destas se desfizeram e até se refizeram novamente. As bandas que mais se destacam no cenário cultural da capital são Alma roots, Cochá, Espirito livre, Fullreggae, Jah Une, In Nature, Regaplanta. Reitero, dentre estas, nem todas tem uma relação direta com a espiritualidade.

Todas as bandas citadas acima, são bandas conhecidas e admiradas pelo o público teresinense. Deixo explícito mais uma vez que as escolhas de análise não se deu por nem outro motivo além da iminência espiritual de cada uma. Todas as bandas devem ter seu valor reconhecido, afinal, fazer arte, seja ela qual for, e onde for, é um processo intenso de construção/reconstrução, recusa/aceitação.

2.2 Convocando os Guerreiros

As bandas que analisarei na presente pesquisa como já citado anteriormente, são aquelas que contêm uma relação com a espiritualidade rastafári. Estas são: Jah Une, banda formada em Dezembro de 2012, contudo da formação original, só restam dois, o baixista Wanderson Kamylo e o guitarrista e vocalista Antônio Aglildo. Atualmente a banda é composta por seis integrantes. Antônio Aglildo – guitarra e voz: 25 anos de idade, estudante de música da Universidade Federal do Piauí, e tem como religião o Santo Daime; Silvio – guitarra solo e voz: Trabalha na empresa Chilli Beans, tem 28 anos de idade; Wanderson Kamylo, 25 anos – contrabaixo: estudante de administração na Universidade Estadual do Piauí, artesão e tem como religião o Santo Daime, Júlio – bateria, profissão: músico; Gleydson José dos santos, conhecido como Abu, 31 anos de idade – percussão, profissão: músico. Jota : Tecladista, tem 28 anos e trabalha com música. Essa banda afirma que o movimento rastafári precisa de disciplina, como por exemplo, fazer o bem e exercitar a espiritualidade, a partir disso eles afirmam que nem todos da banda tem tal disciplina, mas esses que não tem, são simpatizantes do movimento. Apesar disso, eles afirmam que a

²⁵ Festival de *reggae* da capital piauiense. Sua primeira e por enquanto única edição ocorreu dia 16 de Maio do ano de 2015, ocorreu no espaço Atlantic City, contou a participação da banda nacional Mato Seco, além de atrações locais como Regaplanta, Cabesativa, Fullreggae, Cochá e o DJ JulioRoots.

essência da banda é rasta, a maioria segue uma doutrina espiritual da floresta (referindo-se ao Santo Daime)²⁶.

O nome Jah Une, surge através da ideia de que Deus une tudo, eles acreditam que a energia de Deus constrói uma harmonia não só entre as pessoas, mas com a natureza, formando um só. E assim acreditam que Jah guiou o caminho dos integrantes para que juntos o louvasse e divulgasse sua mensagem divina.

O nome da banda se dá porque foi Jah que nos uniu assim, todo mundo já seguia uma caminho na musica reggae de certa forma, e a gente como estávamos todo mundo com os mesmo ideais a gente se juntou e dessa união surgiu esse nome Jah Une, e aí todo mundo aceitou porque essa era a história que queríamos seguir, levando a mensagem divina em primeiro lugar, deixando tudo de lado. Então Jah Une, porque foi Jah que nos uniu nessa missão. (Entrevista com a banda Jah Une).

Regaplanta, formada em 2009, composta por: Pedro Barros (Pedro Viagem), 28 anos, baterista: formado em culinária e trabalha como auxiliar administrativo, ; Luís Fernando Barros (Místico), 27 anos, contrabaixo: formado em psicologia e trabalha como auxiliar administrativo, Moisés Barros (Moisés Mapô), 30 anos, guitarra solo e voz: professor de inglês; Diogo Breno- back vocal, 32 anos, profissionalmente trabalha como consultor de vendas; Felipe Carvalho, 22 anos, tecladista: profissão músico e Gomes Brasil como seu mais novo vocalista, 42 anos, músico. Ao perguntar sobre suas religiões a resposta central foi o amor, nenhum integrante atualmente tem alguma religião.

A banda sempre se refere ao Regaplanta como uma família formada por todos os amigos, fãs e familiares que estão acompanhando e torcendo pela mesma. O nome Regaplanta foi criado pelo baterista, Pedro Barros. De acordo com ele, o significado da palavra foi construído com o intuito amplo de significados, como regar a planta, no sentido literal, ecológico, de valorizar e cuidar da natureza. Podendo também se referir ao espírito do ser, defendendo a ideia de regar seu espírito, regar a sua luz todos os dias, ou seja, cuidar do lado espiritual. Além de poder ser visto como um cumprimento. Exemplo dito por Luís Fernando: “E aí, Regaplanta, irmão!”. Tal cumprimento pode ser relacionado com a expressão: “E aí, luz, irmão!”. Percebe-se que a partir da criação do nome da banda já se encontram fatores pautados na espiritualidade. A banda tem como lema a frase: “Chama Força Família

²⁶ O santo Daime é um culto cristão surgido no estado brasileiro do Acre, no início do século xx. Seu fundador foi Raimundo Irineu Serra, chamado por seus seguidores de Mestre Irineu. O santo Daime reúne elementos cristãos da tradição espirita europeia, indígenas e africanas em seu culto, é também caracterizado pela ingestão da ayahuasca.

Regaplanta”. Tal frase é bastante citada nas apresentações, sendo geralmente usada pelo vocalista para se comunicar com o público, como uma maneira de pedir energia deste.

Além dessas bandas citadas acima, ainda tenho outro informante, Edson Pereira da Silva Filho, conhecido com seu nome artístico Ed Ras, 28 Anos, atualmente trabalha com música e também na empresa Cantinho da Tapioca, é ex-vocalista da banda Regaplanta e produtor de shows rastas na cidade.

A primeira banda que tive a oportunidade de acompanhar e fazer pesquisa de campo, foi a Regaplanta, esta foi meu campo de análise da monografia. Acompanhei esta banda em alguns shows durante quase dois anos. Nesse período eles se apresentaram em vários lugares, dentre eles no Projeto Boca da noite que acontece no espaço cultural Clube dos Diários, localizado na Praça Pedro II, no Projeto Teresina é Pop que ocorre próximo a Ponte Estaiada, no Planeta Diário localizado na zona leste, no Clube Remelexo na Vila Maria, abrindo o show da banda Tribo de Jah, no bar Ar Livre, no Rock gol, no quiosque Caneleiro, zona leste, entre outros locais também fora da cidade.

No meu tempo de convívio com a banda Regaplanta pude vivenciar mudanças na estrutura da mesma. Meu primeiro contato foi através do Hugo Trincado (Guitarrista) que na época já havia saído e agora está em carreira solo. Ele me passou o contato do Pedro Henrique, guitarrista da banda o qual foi através dele que comecei uma relação mais estreita com Edson, o vocalista da banda quando comecei minha pesquisa. Atualmente, Pedro Henrique não é mais um integrante da Regaplanta, pois foi morar em Brasília. Integrantes novos entraram ao longo da pesquisa, como Gisele e Andressa, que entraram durante minha pesquisa de monografia, mas que já não estão presente no atual momento, Edson que atualmente tem carreira solo e a entrada de um novo vocalista Gomes Brasil.

É importante destacar que apesar da banda Regaplanta ter sido a primeira banda que tive contato, eu já tinha contato com os rastas Wanderson Kamylo e Aglildo, da banda Jah Une. Conversava com eles individualmente, sem me relacionar com a banda. Mas sempre trocamos questionamentos sobre música e movimento rastafári. Na minha graduação, comecei timidamente conhecendo o espaço musical teresinense e a visão dos rastas aos poucos. Antes de escolher a banda Regaplanta como a banda analisada na monografia, tive contato com outros rastas de outras bandas, cheguei fazer entrevistas por exemplo com o Wanderson e o Aglildo, rastas da banda Jah Une.

Mas foi somente a partir de 2014, já cursando o mestrado de antropologia pela Universidade Federal do Piauí, que fui conviver de fato com a banda Jah Une. Esta banda me

comove particularmente até hoje, mesmo já tendo assistido várias de suas apresentações musicais.

O músico rasta Edson Pereira, conhecido artisticamente como Ed Ras, que eu já conhecia das noites de quarta feira da praça Pedro Segundo, no Clube dos Diários onde ocorre o projeto “Boca da Noite”, um projeto que incentiva a música regional e autoral, ocorrendo todas as quartas-feiras, com apresentações de bandas locais. Porém até então, nosso relacionamento era superficial; contudo aqui o “superficial” também me ajudou a construir essa nova ida a campo. Edson se tornou o meu informante guia, desde o ano de 2013. Foi através dele que construí laços com a banda Regaplanta, na qual na época era o vocalista.

Dentre os integrantes dessa pesquisa, alguns são *rastas* e outros não, o que possibilita salientar que a análise será focada nas marcas identitárias dos sujeitos, partindo da ideia de que cada grupo social dialoga com diferentes costumes que se misturam com práticas locais, período histórico e interpretações. Portanto, mesmo o *reggae* e o movimento *rastafári* não tendo origem nacional, o presente estudo foca-se nas especificidades de cada banda, compreendendo as diferenças entre a Jamaica e Teresina. Partindo do ponto que diversas práticas culturais interagem entre si, e tais práticas não são estáticas, novas interações são sempre redefinidas, como é possível perceber na relação entre religião e espiritualidade a seguir.

2.3 Religião e Espiritualidade

Como já citado acima, alguns dos integrantes das bandas têm como religião o Santo Daime, e ser do Santo Daime, e pertencer ao mesmo tempo ao movimento rastafári, não é de fato uma coincidência, pois essa religião tem fatores que se conectam ao movimento rasta, como o culto a natureza, o seu cuidado e preservação, o ato de ingerir chás como meio de ritual e meditação. Os rastas aqui pesquisados necessitam de uma energização diária e por isso além de praticarem os ideais pautados no movimento rastafári, como fazer o bem, ter pensamentos positivos, não comer carne, nem ingerir álcool, ajudar o próximo, etc, alguns deles também se conectam diretamente a um exercício religioso, ou seja, eles praticam a união de um movimento cultural onde trabalham sua espiritualidade e as integra com práticas religiosas. Religião e espiritualidade aqui andam de mãos dadas. E mais um ponto interessante dentro dessa relação é a utilização de bebidas e ervas que socialmente lutam para serem regulamentadas no país. A maconha ou Cannabis Sativa, é utilizada dentro do movimento

rasta, contudo, o uso dessa erva ainda não é regulamentada em nosso país, isso acarreta conflitos e também gera preconceitos.

Na pesquisa feita por Feijão (2015), sobre crianças membros da religião do santo Daime na cidade de Teresina, aborda um aspecto importante sobre a ayahuasca, bebida ingerida no ritual religioso da religião do Santo Daime. Desde o início dos anos de 1980, a regulamentação e o uso da ayahuasca no Brasil, vem sendo estudado, e discutido multidisciplinarmente por antropólogos, psiquiatras, psicólogos, representantes da divisão de narcóticos da polícia federal, teólogos, entre outros (LEMOS & POLARI, 2003) .

A Resolução 05/04 do CONAD (Conselho Nacional Antidrogas) reconhece a legitimidade jurídica do uso inclusive por mulheres grávidas e crianças, no entanto, essa é uma das matérias mais controversa do uso da ayahuasca no Brasil (LABATE, 2008).

A Resolução Nº 4-CONAD, de 4 de novembro de 2004, postula:

“CONSIDERANDO que a participação no uso religioso da ayahuasca, de crianças e mulheres grávidas, deve permanecer como objeto de recomendação aos pais, no adequado exercício do poder familiar (art. 1.634 do Código Civil), e às grávidas, de que serão sempre responsáveis pela medida de tal participação, atendendo, permanentemente, à preservação do desenvolvimento e da estruturação da personalidade do menor e do nascituro;”

O Relatório final do Grupo Multidisciplinar de Trabalho – GMT Ayahuasca – do Conad, apresentado em 23.11.2006, afirma:

“IV.VIII – USO DA AYAHUASCA POR MENORES E GRÁVIDAS”.

35. Tendo em vista a inexistência de suficientes evidências científicas e levando em conta a utilização secular da Ayahuasca, que não demonstrou efeitos danosos à saúde, e os termos da Resolução nº 05/04, do CONAD, o uso da Ayahuasca por menores de 18 (dezoito) anos deve permanecer como objeto de deliberação dos pais ou responsáveis, no adequado exercício do poder familiar (art. 1634 do CC); e quanto às grávidas, cabe a elas a responsabilidade pela medida de tal participação, atendendo, permanentemente, a preservação do desenvolvimento e da estruturação da personalidade do menor e do nascituro.” (LABATE, 2008)

A ayahuasca é regulamentada e sua ingestão é estritamente para o uso religioso, já a marijuana (maconha), utilizada para os mesmos fins na espiritualidade rastafári, sendo esta uma erva sagrada e uma forma de conexão com o divino, ainda não é regulamentada no Brasil. O motivo pode se dá pelo fato do Santo Daime ser uma religião e o respeito à diversidade e liberdade religiosa é garantido pela Constituição Federal, enquanto o movimento rastafári é um movimento cultural com expressões e rituais de espiritualidade, mas não uma religião. O fato da marijuana não ser legalizada no nosso país, faz com que seus

usuários sejam vítimas de olhares e ataques preconceituosos, gerando também estereótipos em cima da espiritualidade rastafári.

A religião Santo Daime e o movimento rastafári fazem parte da Nova Era, onde o foco é a busca pela harmonia entre mente-corpo e espírito e sua conexão com a natureza. Ambos buscam os mesmos objetivos como o autoconhecimento, relação de parceria com a natureza e experiências místicas.

A espiritualidade que analiso nessa pesquisa, está voltada diretamente à uma relação com a música, o *reggae* nessa perspectiva é visto como uma música espiritual,. O *reggae* além disso, é considerado pelos rastas, uma música de protesto, ele vem como um porta voz do movimento rastafári.

A Jamaica recebeu uma grande quantidade de negros da África Ocidental com o objetivo de suprir a carência de mão de obra extinta com a intensa política de exploração e extermínio do sistema colonial. (Moias e Araújo, 2008, p.02). A escravidão e todo tipo de sofrimento vivenciado por aquele povo levou-os a inquietações, gerando uma busca por liberdade física e espiritual. O movimento Rastafári nasce numa condição de reação, de ir contra o que a sociedade implicava no povo jamaicano, trazendo como sua bandeira o ritmo do *reggae*, usando a música para alcançar um status de espírito livre.

O *reggae* torna-se o porta voz dos rastas, ele destaca-se por questionamentos à sociedade, tanto a música como o movimento rastafári buscam a conscientização do homem através das esferas políticas, espirituais e ecológicas. Tais movimentos culturais contribuíram para uma identidade, para a autoestima da comunidade negra que sofria com explorações de trabalho e péssima qualidade de vida. (Martins dos Reis, 2012). Ambos inspiraram jamaicanos a um mundo novo.

Foi na década de 1930 que surgiu na Jamaica o movimento rastafári em torno de uma previsão atribuída ao ativista jamaicano Marcus Garvey: “Olhe para a África – quando um rei negro for coroado, o dia da salvação estará próximo.” Na Etiópia, em 1930, Rãs Tafari foi coroado imperador e assumiu o título de Hailé Selassié I. Garvey foi um dos intelectuais que formalizaram a corrente de pensamento conhecida como pan-africanista, cujo argumento principal demandava a soberania negra na Diáspora africana. O pan-africanismo organizou congressos, entidades e correntes políticas.

O antigo Estado etíope cristão caracterizou-se por uma resistência secular ao Islã. Durante o reinado de Hailé Selassié, houve o incentivo ao uso do amárico (O amárico ou etiópico é a língua falada na Etiópia, atualmente. pertence ao grupo de línguas semíticas.), por exemplo, como língua oficial imperial, o que fortaleceu a tradicional Igreja Ortodoxa,

seguidora de uma tradição cristã de um ramo muito antigo. No entanto, o movimento *rastafári* (nome em homenagem ao imperador etíope Rãs Tafari) formula um sistema filosófico e religioso próprio. Foram adotadas as cores da bandeira da Etiópia, vermelho, preto e verde, e, como marca principal do movimento, os cabelos *dreadlocks*, em contraste à “aparência ocidental”. Garvey instigava a derrota do sentimento de inferioridade, exercendo uma espécie de domínio político-religioso por meio de práticas políticas permeadas por um imaginário bíblico.

Os chamados *rastas* têm grande aproximação com a natureza, muitos são vegetarianos e vivem pelas leis alimentares do Levítico e do Deuteronomio do Velho Testamento. Um conjunto de leis de dietas e de higiene foram formuladas para acompanhar a doutrina Rastafári. Um costume comum é a proibição de cortar ou pentear os cabelos, relacionado ao voto do nazireado ordenado por Jeová – Jah. Esse costume, fundamentado em diretrizes sagradas é conhecido como *Dreadlocks* (canudos fortes feito com o próprio cabelo, que para eles são ligados espiritualmente com outras partes do corpo e representam uma união com Jah). Trata-se, assim, de um voto religioso que expressa profunda devoção, simbolizando ao mesmo tempo a juba do “Leão de Judá” e a rebelião contra os modelos estabelecidos por “Babilônia”, o domínio branco capitalista que vinha há séculos explorando a raça negra.

A *Canabis sativa*, marijuana para os jamaicanos, foi integrada com sentido religioso nos rituais de veneração a Jah, uma forma de Jeová encontrada em antigas versões da Bíblia. A ganja (*Canabis sativa*) é uma das ervas usadas pelos rastas para a limpeza e purificação em rituais. Eles não permitem o uso de medicamento que não seja natural, além de acreditar que só Jah pode curar doentes, por isso, não costumam ir a hospitais. (CABÚS, 2012).

Os rastas assim, são vistos como desviantes das condutas sociais, partindo do ponto de que a maconha é proibida em nosso país. O desvio é uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um infrator. O desviante assim, seriam pessoas a qual esse rótulo foi aplicado com sucesso, ou seja, o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. (Becker, 2008).

Os desviantes tem em comum o fato de carregarem consigo esse rótulo de serem desviantes. Os rastas, por exemplo, não se veem desviantes de conduta social por fumarem maconha, eles acreditam que o ato de fumar é necessário, que é um exercício cotidiano, relacionado a um ato de meditar, tentando levar o físico a um relaxamento espiritual. Se um ato é ou não desviante, depende de como as outras pessoas veem e como reagem a ele. Para Becker (2008), o produtor da ação “desviante”, não a ver dessa forma, assim o “desviante” só seria “desviante” para um outro grupo, nunca para si mesmo ou para o grupo que realiza as

mesmas práticas, como é o caso dos músicos de jazz fumadores de maconha que Becker relata em sua pesquisa.

É necessário destacar que o movimento rastafári engloba várias causas, como a luta pela preservação do meio ambiente, a crítica ao individualismo, ao consumismo, a valorização do amor ao próximo, dentre outros. As críticas sobre a sociedade de consumo direcionam-se não apenas pela perspectiva econômica, mas também pelo viés ambiental, pois o consumismo exacerbado gera uma maior exploração das fontes naturais, prejudicando assim todo o planeta.

2.4 O Rasta na Modernidade Líquida

Bauman (2007), tenta explicar o mundo em que vivemos, partindo do termo sociedade líquida, que é, por assim dizer a sociedade das relações fluidas, das relações frágeis, é a sociedade em que o verdadeiro apreço, respeito pelo próximo já não existe mais. Esse próximo, partindo do ponto de vista rasta, não são apenas os seres humanos que conversam entre si, amigos, vizinhos, parentes, o próximo aqui seria o todo que nos cerca, ou seja, o próprio planeta.

Para Bauman (2007), a primeira vista pode-se imaginar que a condição pós-moderna é uma condição de liberdade, mas é aí que o indivíduo tropeça. Pois este confunde a livre escolha, a liberdade, por um hedonismo pós-moderno, gerando frustrações para si mesmo, construindo uma sociedade onde o mal-estar prevalece.

Bauman (2007), assim como os rastas critica o capitalismo, pois este gera o que seria denominado pelo autor de lixo humano. O lixo humano é uma triste denominação que se dá aos indivíduos que de alguma forma não contribuem com a sociedade, ou melhor (ou pior) dizendo, aqueles que precisam ser eliminados. São eles, o morador da favela, o desempregado, os mendigos, os pobres, os loucos, os usuários de drogas, dentre outros, são aqueles que desafinam o coro dos contentes, que fogem do padrão, os que questionam a ordem.

De acordo com Bauman (2007), há uma nova forma de exclusão, que viria através da globalização, denominada de exclusão do não consumidor. A sociedade, já tem um lugar cativo para os grandes consumidores, os compulsivos, o espaço social é somente deles, aqueles, como os rastas, que pregam por um desapego material, por exemplo, já não teria espaço nessa sociedade. Os não consumidores são os novos estranhos. E de certa forma, os rastas se enquadram nesta denominação. No entanto, não estou afirmando que os rastas são

socialistas, ou mesmo anti-capitalista, os rastas, assim como todos, vivem inseridos em um regime do capital, mas eles tentam sempre de alguma forma ir contra a ordem vigente, ou parafrazeando mais uma vez Torquato Neto, desafinando o coro dos contentes.

Os rastas utilizam-se da música para questionar, criticar os ganhos e perdas que o capitalismo proporciona. Além da crítica através da música, a própria estética e performance rasta já contrapõe a ordem. O corpo rasta em si já é uma quebra dos padrões ocidentais; há também a espiritualidade que é carregada de elementos e rituais (como o uso da maconha) que também rompe mais uma vez com a normalidade da ordem. A maneira de viver e de ser rasta, já é por si própria uma arma contra a sociedade capitalista.

Alguns *rastafáris* classificam sua religião como cristianismo ortodoxo etíope, cristianismo protestante ou judaísmo. Eles acreditam que as traduções comuns da bíblia incorporam mudanças criadas pela estrutura da força branca racista. Alguns acreditam que Hailê Selassiê representa a volta de Jesus Cristo, considerando-se, assim, israelitas. (CABÚS, 2012). Os rastas analisados na presente pesquisa tem afinidade com alguns personagens históricos relacionados a espiritualidade, com Jesus Cristo, Dalai Lama, Gandhi, e relatam que a força maior é o amor.

O Rastafarismo usa passagens bíblicas como modelos ou arquétipos para explicar e justificar a situação em que o mundo se encontra, em especial as populações negras. É uma doutrina profundamente sincrética, e podemos colocar as bases do sistema doutrinário rastafári dentro do seguinte esquema: comparando-se aos Israelitas no exílio em Babilônia, segundo o registro bíblico, o rastafarismo acredita que os negros são o povo escolhido por Deus hoje. A Babilônia, na sua acepção, é o sistema capitalista dos brancos, opressor, que nos últimos séculos vem submetendo os negros a todo tipo de humilhação. A África, às vezes representada só pela Etiópia, é a Terra Prometida, para onde todos os negros irão voltar. E o Imperador etíope, Hailé Selassié, é a própria encarnação do messias, ou o próprio Deus encarnado, uma vez que, de acordo com o Kebra Nagast, ele seria descendente de Salomão com a Rainha de Sabá, e, portanto, parente consanguíneo do próprio Jesus Cristo. Tendo sido este rejeitado pelos judeus quando de sua passagem pela terra, reencarnou em Selassié trazendo libertação desta vez para o povo negro. (BROOKS, 2001, 27).

Alguns músicos como já dito anteriormente praticam a religião do Santo Daime. Da banda Jah Une, dos seus seis integrantes, três fazem parte da doutrina da floresta. São eles: Aglildo, Silvio e Wanderson. Ed ras, também é membro dessa religião.

A religião é, para Max Weber (2006), a chave de interpretação para o entendimento de processos culturais mais amplos, como o desencantamento do mundo. Para ele religião é culto, prece, doutrina e destaca-se da magia por um momento cultural de racionalização ou desencantamento, e é através da racionalização que pode-se ver o mundo. Tal desencantamento do mundo não gera percas para a religião, mas a moraliza. Além disso, ele

define religião como estilo de vida próprio estimulado pelo indivíduo, que, conseqüentemente, interfere na conduta de um grupo ou de uma coletividade historicamente determinados. O autor constrói um dialogo entre religião e mudanças sociais. Para ele, os movimentos inspirados na religião podiam produzir transformações sociais.

Max Weber (2006), toma as religiões como respostas racionais a indagações referentes aos problemas do sofrimento e do destino, quaisquer que sejam os termos em que esses se colocam. A religião tem o potencial para romper, os modos de vida e atitudes tradicionais. Para este autor, a religião influencia de maneira íntima nas atitudes dos indivíduos, ela seria capaz de quebrar com a magia e estabelecer uma relação com o trabalho ou profissão determinando até a conduta econômica

Através de todo contexto da exploração do povo africano na Jamaica, os rastas vem trazendo o reggae para contestar, e assim modificar sua realidade não só com a música mas também com a espiritualidade. A espiritualidade assim como a música gera nos rastas motivações para buscar um mundo mais justo pautado entre outras coisas na relação homem-espiritualidade e natureza. De acordo com Weber (1967), as motivações são realidades que criam novos modelos de comportamento nas sociedades, levando a meios eficazes de inovação. As motivações seriam o meio mais eficaz para o processo de socialização, as quais podem renovar ou criar, novos modelos de comportamento nos indivíduos, grupos e culturas. É necessário compreender que as estruturas sociais são constituídas a partir das ações dos indivíduos, que escolhe e orienta sua conduta tendo referência à ação de outros indivíduos.

2.5 Positividade e Nova Era

Na busca dessa racionalidade e na tentativa de um mundo novo, surgiu o Movimento Nova Era. Esta seria mais ampla do que uma reforma e mais profunda do que uma revolução. Buscando estimular suas próprias mudanças, sem a necessidade de esperar por algo ou alguém ou o próprio governo. (FERGUSON, 1997).

Essa conspiração benigna a favor de uma nova ordem deflagrou o mais rápido realinhamento cultural da História. O grande sobressalto, a mudança irrevogável que nos está empolgando, não é um novo sistema religioso, político ou filosófico. É uma nova mentalidade – a ascendência de uma surpreendente visão do mundo que reúne a vanguarda da ciência e visões dos mais antigos pensamentos registrados(...) Adotando uma visão mais ampla da história e uma medida mais profunda da natureza, a Conspiração Aquariana é um tipo diferente de revolução, com revolucionários também diferentes. Visa a uma modificação na consciência de um número crítico de indivíduos suficiente para produzir uma renovação da sociedade. (FERGUSON, 1997, p. 23,26)

Vivemos em uma cultura pautada no individualismo, levando certos grupos de pessoas buscar um meio de escapar, um dos supostos meios de fuga seria a religiosidade, a espiritualidade. De acordo com Cavalcante (2009) está havendo uma busca de sentido fora das religiões tradicionais, estaria mais visível a flexibilidade das fronteiras simbólicas entre os diferentes setores do campo religioso ou esotérico, entre religiões e novas crenças. O conceito de Nova Era, é caracterizado como a busca ou um retorno ao sagrado, sinalizando “crises”.

As crises nos mostram as formas como as instituições têm contrariado a natureza. Relacionamos a boa vida com o consumo material, desumanizamos o trabalho e tornamos desnecessariamente competitivo, somos impacientes com relação à nossa capacidade de aprender e de ensinar. Cuidados médicos muito dispendiosos pouco têm avançado contra moléstias catastróficas e crônicas, ao mesmo tempo que se vão tornando cada vez mais impessoais e incômodos. Nosso governo é complexo e insensível, o sistema de proteção social está se rompendo em todos os pontos de tensão. As possibilidades de salvação nesse momento de crise não são a sorte, a coincidência ou a crença naquilo que se deseja verdadeiro. Armados com uma compreensão mais elaborada de como a mudança se produz, sabemos que as próprias forças que nos levaram à beira de uma catástrofe planetária trazem em si as sementes da renovação. O presente desequilíbrio – pessoal e social – prenuncia um novo tipo de sociedade. Funções, relações, instituições e velhas ideias estão sendo reavaliadas, reformuladas e remodeladas. Pela primeira vez na História, a humanidade se defronta com o painel de controle de mudança – uma compreensão de como ocorre a transformação. Estamos vivendo na *mudança da mudança*, na época em que podemos nos alinhar intencionalmente com a natureza para uma rápida remodelação de nós mesmos e de nossas instituições em crise. (FERGUSON, 1997, p.29).

Tais crises giram em torno da identidade, da crise planetária ao falar de ecologia, entre outras, que percebe-se presente não apenas nas letras das músicas, mas nas falas dos rastas e as vezes na fala do seu público. O *reggae*, como portador das mensagens dos rastas, tenta levar aos seus ouvintes que para ter paz, o individuo não deve estar em constante luta com o próximo. E incentiva a troca da busca pelo prazer no consumo, pelo prazer na natureza. Os rastas pregam contra o desmatamento, a crueldade com os animais e principalmente por uma vida mais harmônica, tentando conciliar o apreço com a natureza a um amor divino, uma paz interior.

O movimento rastafári tem como seu grande objetivo a busca pelas positivas vibrações, carregar-se consigo os pensamentos positivos seria uma ação contínua. O pensamento positivo exprime uma tendência fundamental da Nova Era, preparando assim um novo curso espiritual da história. A busca por pensamentos positivos, leva a agir positivamente, buscando enxergar a realidade de forma otimista, transformando tal realidade

com a força do espírito. Almejar e alcançar as positivas vibrações, significa tornar-se senhor do mundo através da força do espírito. (TERRIN, 2004).

De acordo com Leila Amaral (2000), a Nova Era seria uma experiência religiosa que busca a transformação individual pela via do encontro, da vivência e pela experimentação. Essa experiência busca um crescente voluntarismo e isso, acarreta um aspecto positivo, pois por um lado pode enfraquecer os laços, de outro, leva a libertação de laços e lealdades compulsórias, caminhando assim para a constituição de um ideal de comunidade. A ideia é através de vivências, ter uma maior consciência do movimento do espírito, tentando alcançar uma realidade para além dos limites da civilização, do âmbito social, cultural e religioso, estando em comunicação com o espírito do mundo.

A Nova Era rompe com a ideia do individualismo moderno, do indivíduo ser autossuficiente. Aqui o consumo não é visto como um fenômeno da mercantilização universal, construída pelo capitalismo, mas como um meio de expandir a cultura moral e espiritual. Para Leila Amaral a busca espiritual e o consumo não são polos excludentes, mas em correspondência.

O movimento rastafári, como já citado anteriormente, surgiu como uma forma de protesto, e também como protesto, a espiritualidade rastafári, vem rompendo com diversos paradigmas impostos pela sociedade contemporânea, como o próprio exagero em torno do capitalismo, assim como também o individualismo exacerbado tão presentes no dia-a-dia, além de trazer a tona questionamentos-chaves para uma boa sobrevivência com o mundo, seja em questões ecológicas, políticas, sociais ou espirituais.

A Nova Era surge para levar aos olhos dos indivíduos um novo refletir, opções que eles próprios podem escolher e decidir, como a questão da espiritualidade. Porque não adorar mais de um Deus? Porque não me considerar um Deus? Ou considerar a natureza a grande Deusa do universo? A Nova Era prega a ideia de liberdade que os rastas tanto buscam. Para Cavalcante (2009), a Nova Era postula-se antidogmática e anti-autoritária, luta contra a ortodoxia e a obediência a hierarquias sem consenso, enfim, o *new ager* é livre e deve obedecer ao seu “eu profundo”.

A espiritualidade rasta se destaca não apenas pela presença de fé em um Deus, mas na própria subjetividade do indivíduo, no respeito por todos os seres, na valorização das emoções e do seu corpo. As expressões de emoções pertencentes aos músicos estão pautadas na própria música, na performance da banda no palco, incluindo assim, o seu próprio corpo, sendo este também fruto de ritualizações, pois os rastas utilizam-se do corpo para expressar sua identidade, utilizando-se por exemplo dos *dreadlocks*, além de suas vestimentas que

destacam-se pelas cores da Etiópia ou como alguns rastas chamam, as cores do *reggae*, é comum também o uso de tocas e roupas com o desenho ou foto de Bob Marley.

2.6 Corpo e Performance Rasta

O corpo dos integrantes das bandas de *reggae* teresinenses apresenta-se repleto de significados, de expressões, de manifestação que evidenciam o culto a espiritualidade rasta, assim como a visão de mundo dos novaeristas pautada numa relação corpo-mente-espírito e homem-natureza. Para Mauss (2003), o corpo é um instrumento de técnica, tudo que fazemos nos foi ensinado por uma autoridade prestigiosa, não há técnica nem transmissão se não houver tradição. O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem ou de outra forma, o primeiro e o mais natural objeto técnico. (MAUSS, 2003, p. 407).

É importante ressaltar a quebra de preconceitos sobre determinados grupos e atores sociais, não compreender o que certos gestos e posturas tentam dizer, faz as pessoas terem uma visão errada sobre determinado grupo social, gera interpretações falsas e mal-entendidas. Assim como outras práticas já citadas anteriormente, o corpo do *rasta*, muitas vezes é mal interpretado. O Ed Ras, relatou por exemplo, que teve que cortar seus *dreadlocks* para conseguir um emprego. Partindo do ponto que para muitos os *dreads* ainda são relacionados a falta de higienização pessoal, além de está fora dos padrões ocidentais, os rastas são coagidos pela falsa interpretação dos demais. Esse fato nos revela o quão a sociedade não compreende e inibi fatores que consolidam a identidade desse grupo.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. (...) o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem (...) Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2008, p. 28).

O cabelo seria uma forma de apresentação e representação do indivíduo, para Goffman (1988), assim como para Leach (1983), o cabelo seria uma forma de comunicação corporal, já que este pode remeter-se a hábitos, crenças, status. O rasta ao mostrar seus *dreadlocks* está ali compartilhando seja para seu público musical ou para a sociedade em si, sua crença, sua ideologia de vida.

Para Leach (1983), o cabelo está cheio de potencialidades mágicas, não apenas por ser cabelo, mas devido ao contexto ritual onde este está inserido, seria assim, a situação ritual que torna o cabelo poderoso. O cabelo poderia assim ser visto como o poder pessoal (mana) do indivíduo. (p.161).

No movimento rastafári, o cabelo faz parte de sua identidade, de sua crença, contudo, a intensidade do “poder sagrado” do cabelo se difere entre os rastas. Alguns não deixam tocá-los, outros já não se importam com a questão do toque; uns preferem exibí-los, outros preferem utilizar tocas ou turbantes. O *dreadlock*, como já dito tem relação com um voto bíblico, mas cada indivíduo vivencia a espiritualidade à sua maneira.

O corpo, como já citado é carregado de emoções, têm com este, uma relação que é sempre permeada por significados culturalmente e historicamente construídos. (REZENDE; COELHO,2010). Ao falar de corpo e identidade, as emoções não poderiam ficar de fora. Durkheim, Mauss, Marx, Simmel e Weber, são os clássicos que investigaram sobre a categoria emoções, sendo entendida como resultado de construções socialmente construídas entre os indivíduos. A Sociologia das emoções beberia destas fontes clássicas, sendo assim herdeira de um conjunto de tradições sociológicas. (KOURY, 2009).

A sociologia das emoções, preocupa-se com os fatores sociais que influenciam na esfera emocional; esta disciplina está presa às duas grandes posições teóricas e epistemológicas : as análises de cunho positivistas e as de feição antipositivista. Outro caminho analítico importante para o desenvolvimento da sociologia das emoções tem fortes ligações com o interacionismo. Este visto como modelo e como método, e, principalmente, na análise da interação emotiva entre indivíduos, isto é, em uma relação social que subentende a subjetividade na troca entre dois indivíduos, para a construção do social. (KOURY, 2009).

A grande importância da sociologia e antropologia das emoções como análise de estudo, é a busca pelo resgate da vida emocional. Este novo campo disciplinar, fortalece a perspectiva que concebe os sentimentos e as emoções como parte de um processo em constante tensão, através de uma racionalidade, ativada pelo indivíduo como ator social, e pelos dispositivos ideológicos e institucionais em que descansa a ordem social. (KOURY, 2009).

Ao falar de música e espiritualidade torna-se impossível não entrelaçá-los as emoções. Ainda mais quando a música aqui em questão é o *reggae*, não que esse estilo musical seja melhor do que outros, mas a questão aqui, é que este já surge dentro de um turbilhão de emoções. Seja através da revolta diante da exploração aos homens na Jamaica, seja pela

crença em um Deus, ou pela motivação de ir em busca de um novo mundo, uma nova realidade. Além da constante luta social contra os estereótipos e preconceitos em torno dentre outras coisas, do seu próprio corpo.

É importante reforçar que no movimento *rastafári*, além de se expressar através da música (*reggae*), da espiritualidade e de pensamentos políticos e ecológicos, os rastas têm como forte expressão o corpo e a sua estética. Segundo Le Breton (2007), em todas as sociedades humanas o corpo é considerado objeto de ritualização, um revelador das tensões do mundo e um instrumento que se serve a construção da identidade do ser humano.

Mauss (2003), afirma que o corpo seria uma ferramenta em que o homem moldaria o mundo, assim também como a sociedade influenciaria no corpo. Seria através das atividades corporais que a estrutura social imprime sua marca nos indivíduos. Para este autor, o corpo é sempre uma construção simbólica e cultural.

Essa adaptação constante a um objetivo físico, mecânico, químico (por exemplo, quando bebemos) é efetuada numa série de atos montados, e montados no indivíduo não simplesmente por ele próprio mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa. Além disso, todas essas técnicas se ordenam muito facilmente num sistema que nos é comum: a noção fundamental dos psicólogos, sobretudo Rivers e Head, da vida simbólica do espírito, noção que temos da atividade da consciência como sendo, antes de tudo, um sistema de montagens simbólicas. (MAUSS, 2003, p. 408).

As técnicas corporais, de acordo com este autor, acoplariam ações eficazes que unem dados biológicos, psicológicos e socioculturais, e que não necessariamente os indivíduos percebam e tenham consciência dessas combinações de ações, como seria o próprio jeito de andar. Mauss relata sobre o fato Social Total, que seria justamente essa relação do social com o individual, e do físico com o psíquico. Considerando o espaço e tempo de cada sociedade, haveria assim, uma união entre representações e coisas.

Ao falar de corpo dentro do movimento rastafári e simultaneamente dentro do *reggae*, não poderia deixar de fora a questão da performance. Essa, muitas vezes vista apenas nos palcos, seja teatrais ou musicais, também é encontrada no cotidiano. Assim como Mauss fala das técnicas corporais que por muitas vezes passam-se despercebidas da consciência de quem pratica, a performance pode ser exercida também inconscientemente.

Para Richard Schechner (2010), a performance pode ser autoconsciente ou não, pode ser produzida em cima de palcos ou não. Para ele, a performance também está no dia-a-dia, pode ser uma simples forma de falar ou um espetáculo de teatral.

Ao lado da abrangente categoria da *performance* autoconsciente há uma muito precisa que engloba os chamados teatro, dança e/ou música. Essas artes são utilizadas em diversos contextos e realizam diferentes coisas. Operam ora como o divertimento, ora como parte de um ritual; eles podem ser feitos por si mesmos (arte pela arte) ou como parte de uma ampla série de atividades que Allan Kaprow chamou de “arte como a vida”, ações que se aproximam muito do ser “apenas cotidiano”, como deslizar no chão ou sair para caminhar. (SCHECHNER, 2010, p.28).

Partindo da explicação sobre performance, dito acima, os músicos aqui analisados, praticam a performance seja nos palcos ou não, os rastas não deixam de ser rastas por não estarem se apresentando musicalmente em um palco. O corpo do rasta é marcado por características próprias e singulares contidas no movimento rastafári, contendo assim, vários aspectos.

Para Mauss (2003), toda sociedade se utiliza de formas e maneiras para marcar o corpo de seus membros. O indivíduo faria do seu corpo produto de suas técnicas e representações. A própria sociedade fabricaria, focando-se nas épocas e lugares, modelos de comportamento que se registram no corpo, construindo assim também, estereótipos. O corpo é acima de tudo cultural e específico de cada sociedade.

O corpo do rasta, traz a tona a força em uma crença, o corpo ultrapassa os aspectos meramente biológicos. Le Breton (2006), afirma que a anatomia não é mais um destino, mas um acessório da presença, algo que possa ser modelado e redefinido. O corpo se torna a peça principal da afirmação pessoal. Este autor, se preocupa com as investigações sociais e culturais do corpo como, por exemplo, os simbolismos, as expressões e percepções construídas na dinâmica social.

O corpo aqui analisado, é um corpo cultural, social e também espiritual, pois o uso dos *dreadlocks*, por exemplo, tem relação intrínseca com Jah, o Deus dos rastas. Além desses aspectos o corpo é acima de tudo, um instrumento que carrega e transmite sentimentos e emoções. Para além do corpo, o movimento rastafári expressa muita emoção através das músicas, transmitidas nos shows de reggae.

Como já dito inicialmente, o movimento *rastafári* manifestou-se como protesto à exploração do povo jamaicano, que surgiu entre a classe trabalhadora e camponeses afrodescendentes e se espalhou pelo mundo, principalmente por dois motivos: a imigração e o interesse gerado pelo ritmo do *reggae*. Em meados de 1970, o movimento ganhou popularidade com o reggae de Bob Marley (1945-1981), que retomava essa filosofia de vida. O movimento rastafári passou a representar uma força cultural importante na Jamaica e o

reggae, era a sua música de protesto. Max Weber (2006) afirma que toda ação social está sujeita a um cunho cultural. Para ele, a arte mescla-se à religião.

The Wailers, uma banda fundada por Bob Marley, Peter Tosh²⁷ e Bunny Wailer em 1963, é tido como o grupo mais conhecido a ter feito a transição por todos os três estágios da evolução do *reggae*, desde hits de SKA, para o *rocksteady* mais lento, até o *reggae*. (CALDAS, 2012)

No início de 1968 as primeiras gravações de *reggae* foram feitas e foi o artista americano Johnny Nash²⁸, que recebeu o crédito de ter colocado o *reggae* pela primeira vez nas paradas de sucesso dos EUA. A partir daí o *reggae* foi tomando espaço nas rádios, fazendo ascender a quantidade de fãs desse estilo, propagando também a força da espiritualidade contida na música. (CALDAS, 2012)

A chamada “Era de Ouro do Reggae” corresponde aos dias de glória do *roots reggae*, o chamado “reggae de raiz”. Além desse, o ritmo ainda abrange outro gênero, o “*dancehall reggae*”, originário da década de 1970. (CALDAS, 2012). O *reggae* tocado pela maioria das bandas teresinenses se enquadram na categoria de *reggae roots*, um *reggae* dançante e ao mesmo tempo leve em sua melodia, que busca um relaxamento físico, mental e espiritual através de seu ritmo e de suas letras.

A presença do *reggae* no cenário brasileiro veio com força na década de 1970, músicos como Gilberto Gil e Jorge Ben Jor são influenciados pelo estilo musical jamaicano. Na região Nordeste do país é onde o *reggae* entrou com mais força. No Estado do Maranhão, principalmente na capital São Luís, é comum a organização de festas ao som de *reggae*. Contudo, o *reggae* ouvido e apreciado pelo nosso vizinho Maranhão, é diferente deste aqui analisado. No Maranhão o *reggae* é ouvido em forma de Mêlos, os regueiros admiram a melodia, mas em sua maioria desconhecem a letra, geralmente cantada em inglês, não tendo assim uma relação com o movimento rastafári.

O dia nacional do *reggae* é comemorado no dia 11 de maio, dia que faleceu o músico Bob Marley, principal representante do *reggae* e do movimento *rastafári*. A lei que instituiu esta data foi aprovada pela presidente Dilma Rousseff em 14 de maio de 2012.

Assim como na Jamaica, em Teresina há fortes influências do *reggae* e do movimento rastafári principalmente através das músicas das bandas de *reggae*, porém é importante

²⁷ Peter Tosh foi um pioneiro músico de *reggae/ska* e Bunny Wailer é um cantor, compositor e percussionista de *reggae*.

²⁸ Johnny Nash é um cantor e compositor pop americano, foi o primeiro não-jamaicano a gravar músicas do *reggae* em Kingston, Jamaica.

salientar que tais movimentos culturais, sociais e espirituais, geram estruturas que ultrapassam aspectos sonoros.

Assim, está implícito que, tal pesquisa não se restringe à musicalidade, tendo em vista que para compreender a música como estrutura, é preciso entender todo ambiente sociocultural onde ocorre a produção de tal estrutura. É importante a observação de que música e espiritualidade modificam aspectos da sociedade, estabelecem e reforçam laços sociais. É necessário também salientar que, a música não é apenas o produto da realidade social, mas acima de tudo um próprio sistema cultural.

A ideologia e os valores do movimento *rastafári*, assim como a música são atravessados de funções simbólicas tornando-se símbolos identitários. (LUNDBERG, 2010). Os rastas se veem pertencentes de uma ideologia onde a busca por liberdade física, espiritual, política, está enraizada e relacionada a certos símbolos, como o Leão de Judá, a mãe terra e também a música. O *reggae* é parte importante na identidade desse povo e o seu potencial simbólico reside no fato de expressar e manter viva não só a história de um movimento social, mas também a busca incessante pela liberdade tanto física como espiritual. Enquanto construção social, a identidade traz um comportamento de aceitação ou de recusa dos outros atores sociais.

De acordo com Roberto DaMatta (1986) a compreensão de que tanto os homens quanto as sociedades se definem por seus estilos, seus modos de fazer as coisas e, para tanto, é indispensável descobrirmos como as pessoas se posicionam e atualizam suas declarações e classificações. Nesse sentido, a construção da identidade pelo sistema de papéis não é tão simples, pois a pessoa é julgada pelos demais membros; as emoções agem modificando essa identidade social ao longo das relações e do tempo.

Para Stuart Hall (2000), a partir dos processos sociológicos surge o *sujeito pós-moderno*, tendo este uma identidade móvel, que é construída no decorrer de sua vida, ou seja, não é dado de forma inata. Assim o indivíduo poderá assumir identidades diferentes em momentos diferentes. Stuart Hall também comenta sobre a globalização, esta provoca fluxos culturais, e como consumidores de culturas os indivíduos passam a compartilhar identidades. O constante contato com outras culturas torna impossível manter as identidades culturais intactas.

Um tópico de bastante importância dentro da presente pesquisa é a questão da identidade, os rastas não se representam apenas pela estética, o corpo lógico, como já citado acima é um elemento essencial e faz parte da identidade rasta, mas dentre outros fatores que

identificam o movimento rastafári está a música, o *reggae*. Através do *reggae*, eles questionam a sociedade e por isso também, muitas vezes a sociedade os questionam.

De acordo com Lundberg (2010), o músico é um importante ator social como detentor das identidades culturais dos seus grupos. Para visualizar a identidade é necessário uma capacidade de expressão e contexto, a visibilidade emerge quando é relevante exibir diferenças culturais. Tendo isto como base, o músico assim teria papel relevante não apenas construindo e reconstruindo sua identidade, mas auxiliando de forma direta e indireta na construção da identidade de seus ouvintes, partindo do ponto que as letras musicais rastas estão pautadas na questão da conscientização de várias esferas e na busca de incentivar uma aproximação com o campo espiritual, gerando assim, a possibilidade de inquietações e questionamentos do público em torno da sua concepção de mundo, variando lógico, subjetivamente de indivíduo para indivíduo.

O *reggae*, assim como qualquer outro gênero musical contribui para o processo de socialização e de sociabilidade, tanto dentro da própria banda, através da incorporação de toda uma bagagem cultural de cada integrante, como através da criação de redes de sociabilidade. De acordo com Pierre Bourdieu as práticas dos indivíduos, os seus gostos, dependem da posição que ocupam no espaço em que se encontram inseridos, interiorizando e introduzindo, por intervenção dos *habitus*. (BOURDIEU, 2006).

Sendo produto da história, o *habitus*, é um sistema de disposições aberto, permanentemente afrontado a experiências novas e permanente afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável. (BOURDIEU, 2006, p.83). As redes de sociabilidade habitam como interesses comuns, a cultura como vínculo de comunicação interativa e de mobilização coletiva. (BOURDIEU, 2006).

É importante salientar a pluralidade de escolhas, gostos e afinidades culturais. A banda é importante para o reconhecimento social da produção artística, no entanto, há também o público que tem tamanha importância dentre os atores sociais. Cria-se assim, relações sociais entre os atores (banda e público).

Através da música revelam-se temas inconciliáveis como o uso da ganja, as tristezas²⁹ em relação à política e, da matança do planeta, dentre outros. São de fato, temas que nem todos questionam publicamente, pois há uma constante força do governo, da mídia para silenciar tais assuntos e calar certos questionamentos. Guy Debord, em seu livro a “sociedade

²⁹ De acordo com Koury, as emoções, são sentimentos dirigidos diretamente aos outros e causados pela interação com os outros, em um contexto e situação social e cultural determinados. Até mesmo as chamadas emoções primárias e universais estariam sujeitas a processos relacionais com a estrutura social.

do espetáculo”, critica o capitalismo partindo do ponto que este utiliza-se da ideia de banalização para evitar questionamentos, gerando uma alienação capitalista. Assim sendo, a própria vida humana seria um espetáculo, onde tudo seria uma ilusão, e o mais cruel seria a utilização do sensacionalismo a favor do consumismo. O rasta tem como uma de suas funções sociais, alertar seus ouvintes, questionar a sociedade, criticar o meio de vida “vazio”, o individualismo, o consumismo, as relações frágeis, dentre outros, assim, ele está enfrentando o capitalismo à sua maneira.

O *reggae* auto apresenta-se como uma música de alerta e conscientização, no sentido que avisa aos seus ouvintes como buscar uma melhora de vida, enfatizando a busca pela liberdade, amor ao próximo e a natureza. Apesar das letras de *reggae* questionarem as condições em que os indivíduos vivem (sendo estas nas esferas políticas, sociais e ecológicas), o *reggae* tem como valor principal transmitir a positividade.

Ao fazer uma análise das emoções, o antropólogo Macel Mauss (1980) não poderia ficar de fora, de acordo com este, a natureza das expressões dos sentimentos nada mais seria do que uma natureza social. A partir disso, pode-se relacionar as emoções geradas pelas letras musicais, com toda carga simbólica atribuída pela banda.

Durkheim (2001), fala sobre as forças coletivas, essas escarnam-se nas consciências individuais e são vinculadas às palavras, gestos e movimentos, e é constituída pelos sentimentos que a sociedade nos desperta, levando assim também a desenvolver ideias religiosas. As forças religiosas seriam forças coletivas individualizadas e, tornando-as objetivadas, permite que a fé seja experimentada de fato por cada pessoa como forma de vida, entusiasmo, dentre outros. Quando ocorre uma reunião do clã, exemplificado por Durkheim, mas podendo aqui fazer uma analogia aos shows de *reggae*, essas forças são trazidas à tona, incitando as emoções e os sentimentos individuais, que ao serem compartilhados reafirmam os sentimentos coletivos próprios daquele ambiente.

Nesta pesquisa faço um diálogo entre etnomusicologia e a antropologia das emoções. Considerando o ponto a partir de que, o músico tem a sua subjetividade, e que apesar de vivermos em coletividade e em meios ao turbilhão de coisas ingeridas pela globalização, um fenômeno visto como provocador de mudanças da identidade cultural, por via da intensa interação com que se dão as relações (MORIAS E ARAÚJO, 2008, p.02) ainda assim o músico, tem a sua individualidade e suas próprias inquietações diante a sociedade. Assim, é necessário analisar o indivíduo como um ser específico, ter uma percepção da singularidade dos sujeitos.

De acordo com Koury (2009), apesar de pertencer a um mesmo e global processo civilizador e com os valores universais da nossa sociabilidade ocidental, o indivíduo mantém características, princípios e ethos particulares da cultura em que está imerso. A sociologia/ antropologia das emoções, assim, constrói uma pesquisa acerca dos fatores sociais, culturais e psicológicos que descobrem expressão em sentimentos e emoções particulares, buscando entender como as emoções interagem e se relacionam com o desenvolvimento dos repertórios culturais diversos nas distintas sociedades.

As emoções pode ser definida como uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causados pela interação com outros em um contexto e em uma situação social e cultural determinados. A sociologia das emoções parte, deste modo, do princípio de que as experiências emocionais singulares; sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre o indivíduos e a cultura e a sociedade. Em sua fundamentação analítica vai além do que um ator social sente em certas circunstâncias ou com relação às histórias de vida estritamente pessoal. (KOURY, 2009, p.84).

Na presente pesquisa faço alusão a essa relação com as emoções. Os sujeitos aqui estudados interferem de forma direta na emoção de quem os assiste, essa emoção pode ser modificada a cada novo show, além de que esta não é apenas dada, mas também, ao mesmo tempo, recebida dos próprios integrantes e do público, havendo assim, um sistema de trocas. Os músicos, ao subirem no palco, carregam consigo a emoção não somente da música, mas da espiritualidade que ela também representa. É possível perceber nessas apresentações musicais a veracidade dos sentimentos, o quão a performance do músico expressa o que eles denominam de verdadeiro rasta: aquele que busca a felicidade na paz de espírito e essa paz também é proporcionada através da música que, para os rastas, também é uma oração. Assim, empolgando-se com suas letras, retratam a positividade e a transmitem também para seu público.

Para o antropólogo e etnomusicólogo Blacking (1995), é necessário dá importância as questões emocionais transmitidas pela música. Pinto (2001) cita esse autor para explicar que as ideias e os sentimentos seriam transmitidos em padrões sonoros e ao mesmo tempo tais padrões sonoros atraem sentimentos e ideias. Construir-se-ia assim, uma rede de produção simbólica, contendo os músicos, compositores e também o público.

A música assim como uma oração é carregada de sentimentos, de emoções, estas são transmitidas através dos músicos. O momento de oração não necessariamente se distingue do momento em que os músicos se encontram no palco. Para os rastas, a música reggae é uma forma de se comunicar com Jah, seria assim, uma forma de oração, de se conectar com o

divino – sendo esse divino não apenas um Deus, um ser superior e distante do mundo real, mas sim, um todo, isso inclui a mata, os riachos, o céu, o sol, o mar. Toda a natureza e o conjunto da vida formam um elo com o sagrado.

Ao falar de natureza, é impossível não se atentar a crise ecológica, crise esta que, os rastos tanto alertam, avisam, criticam e buscam conscientizar seu público. Para Felix Guattari (1990), é necessário uma articulação ético-política, que ele denomina de ecosofia, que seria a harmonia entre três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana. Para este autor a resposta para a crise ambiental viria de uma revolução política, social e cultural.

Se não se trata mais - como nos períodos anteriores de luta de classe ou de defesa da "pátria do socialismo" - de fazer funcionar uma ideologia de maneira unívoca, é concebível em compensação que a nova referência ecosófica indique linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios. Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto à reinvenção da democracia – no registro do urbanismo, da criação artística, do esporte etc. - trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero. Perspectiva que não exclui totalmente a definição de objetivos unificadores tais como a luta contra a fome no mundo, o fim do desflorestamento ou da proliferação cega das indústrias nucleares. Só que não mais tratar-se-ia de palavras de ordem estereotipadas, reducionistas, expropriadoras de outras problemáticas mais singulares resultando na promoção de líderes carismáticos. Uma mesma perspectiva ético-política atravessa as questões do racismo, do falocentrismo, dos desastres legados por um urbanismo que se queria moderno, de uma criação artística libertada do sistema de mercado, de uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais etc. Tal problemática, no fim das contas, é a da produção de existência humana em novos contextos históricos. A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc. Certamente seria inconcebível pretender retornar a fórmulas anteriores, correspondentes a períodos nos quais, ao mesmo tempo, a densidade demográfica era mais fraca e a densidade das relações sociais mais forte que hoje. A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em grupo. E não somente pelas intervenções "comunicacionais" mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade. Nesse domínio, não nos ateríamos às recomendações gerais mas faríamos funcionar práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis microssociais quanto em escalas institucionais maiores..(GUATTARI, 1990, P.14-15).

Guattari (1990), ainda afirma que há possibilidade de vivermos uma implosão bárbara, se não houver tal retomada ecosófica. É necessário a rearticulação dos três registros fundamentais da ecologia, caso contrário, estaríamos a mercê de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, etc. Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e é necessário aprender a pensar "transversalmente" as interações entre ecossistemas,

mecanosfera e universos de referência sociais e individuais. O músico rasta transmite no palco toda a sua relação homem-natureza e busca conscientizar o público a valorizar e cuidar do meio ambiente.

O momento da performance dos músicos no palco, é além de toda objetividade visível, este momento retrata uma subjetividade intrínseca, onde a emoção e os sentimentos se afloram e retratam não só uma comunicação com o público, mas também uma forma de se aproximar e até mesmo de conectar-se com um plano espiritual. As letras das músicas, por exemplo, reforçam o pertencimento do indivíduo no movimento, assim também como o seu compromisso de levar os ideais deste, para quem o escuta. Essas músicas além de estarem repletas de significados e simbologias, estão cheias de sentimentos.

Para Jonh Blacking (1979), o fazer musical provoca uma intensidade de sentimentos, chegando assim, a gerar uma determinada influência social. As relações sociais se refletem nas relações musicais. A arte é um importante veículo para a formação de grupos, integrando socialmente seus membros como um espaço de lazer ou mobilizador social. Para Simmel (1993), a interação constrói redes de reciprocidade, encaminhando assim para uma sociabilidade que é justamente a união de ações humanas. Simmel (1983), compreende a sociabilidade como uma forma de jogo de sociação, onde é necessário o equilíbrio e tem-se como objetivo estabelecer laços, manter relações. A sociabilidade constrói a possibilidade de trocas afetivas, de comunicação, de identidade, dentre outros, que podem ou não, por exemplo, fortalecer o pertencimento do músico dentro do mundo do reggae e da espiritualidade rastafári.

Para Simmel (1993), a sociabilidade permite a compreensão das formas sociais, de modo que a própria sociedade se refere à interação entre indivíduos, essa interação tem base em impulsos ou é função de certos propósitos. É justamente isso que faz com que o ser humano viva em interação, a sociedade.

Max weber (1987), define o conceito de ação social, esta só existe quando o indivíduo estabelece uma comunicação com outros indivíduos. Ele ainda denomina de ação estritamente afetiva a conduta que é movida por sentimentos, tais como paixão, orgulho, vingança, loucura, alegria, inveja, medo, etc. Ou seja, essa ação social seria pautada nas expressões de emoções. O autor também comenta sobre as relações sociais, que podem ser abertas e fechadas.

Uma relação social, independente de ser uma comunidade ou sociedade, será chamada de “aberta” ao exterior, sempre a participação na ação social mutuamente orientada, relevante em seu sentido subjetivo, não for negada pelas regulamentações que regem esta relação a qualquer um que esteja inclinado e esteja de fato em condição de nela participar. A relação será chamada de “fechada” ao exterior, por

outro lado, sempre e quando devido ao sentido da ação e as regulamentações que a regem, a participação de certas pessoas for excluída, limitada ou sujeita a condições. O caráter aberto ou fechado de uma relação social pode depender da tradição ou de atitudes afetivas, ou condicionado racionalmente por valores ou fins. É mais provável que seja fechado por razões racionais nas seguintes situações: uma relação social pode provera os participantes a oportunidade de satisfazer muitos interesses diversos, sejam satisfações espirituais ou materiais, seja participando pelo fim ou pelos seus resultados, através da cooperação ou da conciliação de interesses. Se os participantes, através da admissão de estranhos, esperam chegar a uma melhora de sua situação no grau, que quando a apropriação alcança o extremo dentro do grupo, ele se torna um grupo relativamente aberto em relação aos estranhos. Isto é verdadeiro quando a aquisição do direito de ser membro não está ligada ao consentimento dos outros membros. (WEBER, 1987, p. 87-88).

Assim sendo, as relações sociais dentro do movimento rastafári ou no mundo musical *reggae* são pautadas também em interesses afins, contudo, em uma relação social não haverá necessariamente manifestações pautadas no mesmo sentido subjetivo, ou seja, não há obrigação de que se tenha alguma reciprocidade ou lealdade, pois uma parte pode manifestar uma atitude inteiramente diferente da outra. Por exemplo, uma relação política baseada na solidariedade pode mudar para outra baseada no conflito, ou uma banda de reggae mercadológica pode mudar para uma banda pautada nas premissas do movimento rastafári, ou vice-versa, assim, as relações adquiririam novos sentidos.

Ao falar de emoções, citei anteriormente o músico, contudo, toda emoção vivida por ele em cima do palco, está simultaneamente sendo transmitida ao público. Não que o público receberá ou sentirá na mesma intensidade os sentimentos deste, mas inevitavelmente aquilo bate de alguma forma. A própria ideia dos rastas é propagar a ideia do bem e a sua grande força: a positividade. Portanto, as bandas consideradas rasta, não estão em cima do palco apenas para ganhar o cachê ou ser famoso, mas tem como função e objetivo levar positividade e conscientização para seu público.

Isso implica dizer que de certa forma um dos objetivos das bandas de reggae rastas é provocar emoções em seu público. Estas lógico, podem surgir de várias maneiras, partindo do ponto de vista que cada individuo, como já dito anteriormente tem a sua singularidade. Mas de forma ampla, a presença da banda nos shows causaria momentos de emoção coletiva.

O que está em questão na presente pesquisa, não é o que é ser regueiro, ou o que é ser músico, mas sim o que é ser rasta. Ser rasta vai além de estar no palco e tocar a música reggae, ser rasta é viver seguindo a doutrina rastafári com disciplina, como disse Wanderson kamylo (Jah Une). É você exercitar a sua positividade e o mais importante é não guardá-la para si, mas sim dividi-la com todos ao seu redor. E a positividade seria a força do bom

pensamento, do pensamento do bem, e o pensamento reflete as suas emoções e as emoções refletem seus pensamentos.

De acordo com Mauss (1979), as emoções são atualizadas pelos indivíduos ao vivenciá-las, e ao serem compartilhadas de forma coletiva com o grupo social, estaria assim, dentro de um sistema de trocas. A troca de emoções nos shows de reggae, nada mais seria do que compartilhar das positivas vibrações, as trocas de boas energias, assim o indivíduo/ a banda/ o público estaria sempre formando e reformando os sentimentos do grupo.

Pode-se constatar ao analisar o estilo musical reggae das bandas locais, além do ritmo, as letras das músicas são marcadas pelas dimensões política, ecológica e espiritual. Em alguns casos, como na música das bandas nacionais, Ponto de Equilíbrio, Tribo de Jah, dentre outros, o *reggae* é tido como um gênero musical religioso. Mas, embora o *reggae* seja constantemente associado ao movimento *rastafári* onde há uma predominância da espiritualidade, que influenciou músicos desse estilo musical nas décadas de 1970 e 1980, ele não se restringe à cultura *rastafariana*. (CABÚS, 2012).

Porém é importante ressaltar que, de acordo com a doutrina rasta, esta não se trata de música comercial, e sim de algo que poderíamos comparar à música gospel popular em nosso país, ou seja, uma música de cunho e objetivo espiritual; mas logicamente há músicos e apreciadores de *reggae* que não se consideram rastas.

As ideologias e os valores do movimento *rastafári*, assim como a música são compenetrados de funções simbólicas tornando-se símbolos identitários. O *reggae* é parte importante na identidade desse povo, e o seu potencial simbólico reside no fato de expressar e manter viva não só, a história de um movimento social, mas sim a sua essência, a busca pela liberdade tanto física como espiritual.

Na etnomusicologia, a música é compreendida como uma forma de comunicação que possui seus próprios códigos. A música é manifestação de crenças, de identidade, sendo também universal e singular. (PINTO, 2001). Ela atua como processo de significado social, gerando assim, estruturas que ultrapassam aspectos sonoros. Ela é acima de tudo manifestação sonora da cultura. De acordo com Eyerman e Jamison (1998), as formas estéticas, como a música, carregam tradição e memória coletiva, ela conduz emoções auxiliando a uma melhor interpretação da realidade social.

A música exprime um potencial comunicativo e emocional, podendo, assim, influenciar as paisagens sonoras. Oliveira Pinto (2001), deixa claro, a importância do ponto de vista antropológico sobre a música. De acordo com ele, essa importância dá-se justamente quando se conseguem quebrar ideias estreitas do fenômeno musical, alertando inclusive, para

posturas provincianas, etnocêntricas e preconceituosas, em relação a práticas musicais de outros povos, e até mesmo de outros grupos sociais dentro do próprio país.

O movimento rastafári, através de suas ideologias e simbologias, como a própria música, tráz consigo a vontade de quebrar com preconceitos e estereótipos. Por muitas vezes, o reggae é visto como uma música marginal, onde seus músicos são vistos apenas como fumadores de maconha, sem nenhum benefício a fornecer a sociedade.

Nem todas as bandas de *reggae* da cidade de Teresina, são pautadas em práticas do movimento rastafári, mas algumas se destacam por demonstrar ao seu público uma energia positiva que vai além de letras musicais. Há bandas presentes em redes sociais, como o facebook, e que geralmente postam além de convites para seus shows, mensagens que fazem referência a uma relação com a espiritualidade, mantendo de certa forma uma relação mais íntima com o público. Os rastas participantes dessa pesquisa, ultrapassam o mero aspecto sonoro facilmente e derramam sobre seu público uma magia vinda da busca pelo autoconhecimento, trazendo e levando positivas vibrações.

Para Castells (2000), a partir das décadas 60 e 70, passa a surgir um mundo diferente, em que sociedade, economia e cultura estão integrados, por conta das tecnologias, fazendo surgir uma sociedade em rede – a sociedade da informação. Por conta das novidades trazidas pela era tecnológica, ocorreu uma propagação de culturas pelo mundo, tornando-o cada vez mais virtualizado, aumentando cada vez mais a velocidade da informação. A sociedade, segundo Castells, aderente à essa virtualização é denominada “sociedade em rede”. A tecnologia assim, proporciona trocas de informações, de culturas. O *reggae* e o movimento rastafári, viaja o mundo através dessa sociedade em rede, abraçando novas culturas e dando uma nova roupagem a cada lugar que chega.

Além do *reggae* ser um gênero musical, com ritmo próprio, ele retrata a identidade não apenas da África ou Caribe, mas da hibridização cultural destes dois universos. Isto fez emergir na música um olhar diferenciado sobre si, o outro e o mundo, permeado pelas expressões socioculturais das diversas regiões onde este gênero se apresenta. As bandas locais se inspiram em várias coisas, como Deus e toda a natureza. Porém, também se utilizam de aspectos locais e da vivência de cada um, da interpretação pessoal do que é o amor, do que é harmonia, união, religião, política dentre outros.

O *reggae* teresinense tem influências do reggae jamaicano, um dos principais aspectos seriam as letras musicas sempre retratando algum fator do movimento rastafári, mas para além disso, também possuem sua singularidade, assim como tem cada banda, mesmo sendo da mesma cidade e do mesmo gênero musical, as bandas se diferem e se destacam por fatores

distintos e particulares. Cada banda é influenciada de forma diferente pelo contexto cultural de acordo com sua época e outros fatores, como o local, a vivência e convivência, os conhecimentos individuais, o acesso ao campo musical, etc.

O movimento *rastafári* na cidade de Teresina ainda é relativamente pequeno e disperso. Atualmente o cenário rasta na capital do Piauí, luta para se consolidar, e aos poucos está cada vez mais ganhando força. A ideia é descentralizar, deixar mais firme esse movimento na cidade, rompendo com o ideal de que o estilo de vida rasta, é palpável apenas em montanhas ou comunidades.

3 PELA VOZ DO NATIVO: REGGAE, EMOÇÕES E MOVIMENTO RASTAFÁRI

Começarei este capítulo apresentando as entrevistas feitas por mim desde o começo da pesquisa no ano de 2013 quando ainda estava na graduação em ciências Sociais. Aqui constará a visão do músico sobre ele mesmo, como por exemplo o que é ser rasta e porque escolher ser e viver como um, o que o reggae representa para cada um deles, assim como a espiritualidade e como eles vivenciam esta. Para o melhor entendimento do leitor a cerca do movimento rastafári, trago a entrevista inicial dividida em tópicos-guias específicos, onde o entrevistado Antônio Aglildo, vocalista e guitarrista da banda Jah Une, discorre sobre cada um deles.

Inserção no movimento:

O que instigou entrar nesse movimento foi o reggae, foi Bob Marley foi ele que instigou, como outros regueiros brasileiros, que eu também entendia a mensagem, eu via que aquilo ali era música diferente, não é uma musicazinha que diz que é pra você mexer o quadril, ou diz pra você rir, ela até diz pra você rir mas é uma história totalmente diferente, você vê que ali tem uma informação, eu vi assim! Quando eu escutava o reggae... Eu prestava bem atenção quando ia tocar algum regueiro brasileiro porque eu via que ali ele ia mandar uma mensagem, diferentemente quando eu via alguma banda de rock ou quando eu via alguém falando de amor, de uma coisa que ele nunca nem viveu, escreveu ali. Porque é diferente. O reggae, geralmente, é baseado em vivências, em verdades né? Música de verdade! E eu senti isso ai, o que me instigou, o que começou a me levar foi essas músicas brasileira, ai eu comecei a ver o Bob Marley e comecei a procurar as letras daquelas músicas que eu gostava da melodia, né, ai eu comecei a procurar as letras. Ai você começa a entender a mensagem, que todo reggae, toda música, o Bob Marley principalmente ele passa uma mensagem e o Bob Marley ele cresceu porque são mensagens mesmo muitos fortes, mensagens mesmo libertadoras. Quando eu digo libertadoras, que expande além do que você acha, que expande a sua consciência, e por isso que revolucionou o mundo todo, tanto que Bob Marley fez sucesso no mundo todo, porque são mensagens que aonde vai bate, choca, são mensagens que chegam a chocar. Porque quando chega o Bob, o cara vem falando de amor, que você tem que respeitar todos, amar os seus irmãos mesmo de verdade, companheirismo, e ajudar os pobres, os necessitados, então quando vem uma musica assim é de impacto. Você não vê aquele que tem mais tirando pra dar pro cara que quase não tem, você não vê essa igualdade, você vê é a desigualdade. Então é uma coisa bem chocante né, e ai me instigou a conhecer ai eu fui conheci, gostei, fui gostando, fui gostando, acabei montando um grupo de tocar reggae, a gente tocava reggae mas não tinha o conhecimento da parada rastafári, ai quando eu fiz os dread, cheguei fazer os dreads, até então, fiz sem conhecimento do verdadeiro significado, ainda não tinha o conhecimento do rasta, da força do rasta dentro de uma sociedade, dentro de um espaço, assim, a força do rasta, do verdadeiro rasta. Ai foi quando rolou o encontro da comunidade alternativa, que eu fui e nesse encontro eu conheci vários rastas de todo o brasil até de fora do Brasil, conheci rastas que vivem em comunidade, não são aqueles caras que tem um rastafári na cabeça e vive na babilônia, vive nas coisas mundanas, é um pessoal desligado já, que leva a sério a música e a alma, que vive na

comunidade em prol de um bem maior. E foi nesse contato que eu pude conhecer o verdadeiro significado e foi um choque pra mim né, choque de realidade. Eu até tinha alguma noção mas, é muito forte minha amiga, quando o rasta diz resistência ,a resistência é muito forte, porque é muito difícil, o caminho do rasta não é fácil, não! Não é moleza não! Mas é muita coisa boa também, tem nem o que dizer que é só alegria, é muita coisa boa, é muita positividade, é muito encontro bom com as coisas de Deus mesmo, é divina mesmo a harmonia , muito lindo! E, ai, eu tive contato com o jeito dos rastafári em relação à comida, à religião, assim da música, entender o que era a música pro rasta. Eu tocava numa banda de reggae e não tinha ainda essa ideia do que significava o reggae. Eu tocava no Corisco da Chapada que abrevia-se Cochá, mas também foi no começo da banda eu tive essa ideia. Aí, quando eu voltei, tentei botar em pratica muita coisa do que aprendi. Eu fui me interessando mais, até assumir de vez a parada, até assumir de vez que era o que eu queria mesmo, tá entendendo? porque muitos desistem , muitos entram e quando veem que o negocio é mais serio , que o negocio não é brincadeira muitos abandonam o barco né, porque a coisa realmente é muito seria, o reggae é muito sério eu vejo como algo muito sério . A missão do rasta...outra coisa muito importante do rasta é que você deve tratar todos com igualdade, é tratar todos igualmente mesmo aquele que ta no caminho, mesmo aquele que não esta no caminho , é tratar todos com o mesmo amor, com a mesma serenidade, com o mesmo carinho, é isso que eu venho aprendendo com rastafári .

Alimentação:

A gente não consome nada que venha da linha animal, nada morto, nem que provenha de certa forma do animal, só se alimenta de grãos, ervas, hortaliças né, frutas; são chamados veganos né, veganos é aquele pessoal que se alimenta só de fruta, ervas, nada que venha do animal, por exemplo o leite ou a manteiga. A gente não se utiliza da manteiga, porque a manteiga é feita com derivados do animal, nada tipo, nenhum derivado, a gente come é o que vem da terra tá ligado?! Tem até uma passagem da bíblia que Jesus cita que é melhor se alimentar das ervas, que brota da terra do que se alimentar do ódio, que é da carne, se alimentar do ódio da matança. Tem uma citação, não me lembro qual o versículo, direito., mas, é uma citação da bíblia que é da cultura rasta também, que é não usar nada industrializado. Eu, como vários rastas estou em processo, eu to me tornando vegetariano, já não como carne, minha alimentação é basicamente grãos, quando eu venho pra cá [UFPI] eu não como nada, eu tô no processo ainda, ainda uso algumas coisas industrializadas, ainda não tô totalmente liberto desse comércio, de certa forma ainda estou um pouco ligado, estou me desligando aos poucos porque não é fácil, é uma coisa assim... pra uma pessoa que nasceu na selva de concreto, vive com todos esses paradigmas, quando a gente nasce já é impostos pra gente, então quando a gente vai descobrindo novas vivências, que nem sempre é o que eles mostram pra gente, né, aí a gente vai começando a despertar essa vivência dentro da gente, né?

Natureza:

O rastafári pra mim é um estilo de vida, né, o rastafári é uma ligação, é uma coisa quase fora desse mundo, fora desse mundo que eu digo, desse mundo capitalista. A concepção que eu tenho de rastafári é um processo e eu tô nesse processo de desligamento. Quando eu digo me desligar é me desligar... é de passar a não depender desse comercio, não depender desse...não ser um ser dependente desse mundo, tá entendendo? Ser livre mesmo! Eu tô buscando ser livre, independente e isso é muito desapego e muito amor, isso é o que eu digo, eu tô nesse processo de desapego e muito amor, coisa de Deus mesmo, as coisas simples da vida, a natureza em si, passar a respeitar, a amar, a cultivar esse é o meu processo de desligamento desse mundo! É que eu tô me conectando também com o mundo da mãe-terra, é desligamento desse mundo mundano e uma ligação com a mãe-terra, uma ligação com a mãe-natureza, uma vida sustentável! Hoje em dia, você vê o pessoal falando de desenvolvimento sustentável, o rasta é isso ai, o rastafári é isso ai, é trabalhar sempre com a ferramenta que a gente tem a favor de uma vida melhor. A gente dá valor às coisas simples da vida e era isso que todos deviam fazer! Cuidar das nossas matas, das plantas, nossas florestas, porque a mãe-terra tá ai para alegrar nossas

vidas, né, com toda sua beleza, com as cachoeiras, os mares, os ventos e assim...É preciso dar valor pra isso e o rastafári tem essa consciência de saber respeitar nossa mãe-natureza e amar né? Tem que ter muito amor, porque ela nos transmite amor também. A mãe-terra muitas vezes traz a paz né, o equilíbrio. Faz a gente descansar dessa correria dessa vida mundana e é isso...A gente tem que saber retribuir esse amor.

Ao longo dos meus vinte e sete anos eu vi muita coisa e eu quero ser um ser mais livre, mas livre, quando eu digo mais livre é ser independente dessa coisa toda, dessa vida mundana.

É muito aprendizado, rastafári é muito aprendizado cara! Você para pra olhar a concepção rastafári...então rastafári também vem pra isso ele é um ser também de luz na escuridão e o reggae é a ferramenta, se tornou uma das principais ferramentas pro rasta pra ele mandar sua mensagem de paz e positividade, paz e amor pra todos, pra todos se unirem, se unir em prol do desenvolvimento sustentável, em prol de uma coisa muito maior, em prol da harmonia, em prol de uma coisa que eu acredito que com o desenvolvimento do ser, da pessoa criando consciência de que ela não pode passar meia hora... não pode lavar as mãos com a torneira abertazona porque ela tá derramando muita água e a água é um coisa finita que vai acabar se você não souber cuidar! Não jogar papel no chão! Se cada ser tiver essa consciência, acordar pra essa coisa, que, eu acredito que nós vamos chegar lá...É por isso que nós estamos trabalhando com o maior amor possível, mandando a mensagem do reggae, a mensagem do rasta que é libertação, é luz na consciência pra essas coisas... a gente acordar e ter muito respeito com os animais, aprender a não matar, não matar os peixes, aprender a se alimentar de uma forma mais saudável pra nós mesmos, é tudo isso. E eu acredito que a gente querendo desenvolver a nossa consciência, se desligando um pouco do que o mundo manda pra gente, porque o mundo manda essas informações, essas coisas que é tudo banal, que tem que ser assim, que tu tem que ser desse jeito, que te molda de uma certa maneira, que tem grupos que são mais específicos ainda, meio que te obrigam a participar de algo. Mas a gente vai evoluir, porque a gente também tem muita informação positiva.

Saúde:

Os rastas não consomem nada industrializado, pelo menos é essa a tentativa e com a medicação é do mesmo jeito! Pra nós rastas o remédio tá na natureza, na floresta, nas nossas ervas e chás. A gente vai buscar nossa cura nas florestas e não nas drogarias. A gente busca ser saudável no nosso dia-a-dia, tanto fisicamente como espiritual, por exemplo: não comendo carne! Não comer a carne é bom pro nosso organismo, porque não é muito saudável e também faz bem pra alma, porque se você não come carne de animal, você não tá se alimentando do ódio de quando ele foi morto, assim seu corpo e sua alma estarão limpos, seu corpo não será um cemitério!

Olha, nós rasta não bebemos nenhum tipo de álcool, como eu também falei nada industrializado e assim...a gente já até passou isso nos shows. Se de cem pessoas que estão ali nos ouvindo, se duas ou uma escutar essa nossa mensagem mesmo, escutar com vontade, parar pra pensar, refletir e ter essa consciência de que beber não leva a nada, já é bacana.

A gente até tá pensando em fazer um evento aí, tipo semana rasta, pra divulgar mais a nossa cultura e assim...vai rolar shows e a gente tá querendo proibir a venda de bebidas alcóolicas nos shows de reggae.

Espiritualidade:

O movimento rastafári é muito iluminado, é muito amor mesmo, amor a Deus, a Jah. A gente busca se iluminar e iluminar os irmãos né, passando a nossa mensagem através do reggae. Eu acredito em Jesus como o forte, ele chegou aqui pra deixar seus ensinamentos, pra mim Jesus foi assim, o cara mais massa que apareceu por aqui. Humilde, amava seus irmãos, ajudava o próximo e assim...Eu, como vários rastas, também, tentamos seguir essa linha, que é mesmo a essência rastafári, que é amar, respeitar os irmãos, os animais né! Eu leio frequentemente a bíblia, mais o novo testamento, e lá tem muita coisa massa, é claro que você tem que tentar entender muita coisa. Tu acredita que eu já li a mesma passagem umas quatro vezes

pra tentar entender? A bíblia é muito complexa, mas eu tento buscar o melhor dela. Tem coisas ali que até não acredito, também ela foi escrita há muito tempo, mas tento filtrar as coisas bacanas.

O rasta tem sua maneira de chegar mais perto de Deus, assim como outros segmentos, outros movimentos religiosos...Só que a gente muitas vezes é discriminado. Usamos os dread, que não é só pra enfeitar, como muitos por ai que tem mas vivem perdidos na babilônia. Eu não, agora, hoje eu tenho consciência, eu busquei me informar do verdadeiro significado da crença em um poder maior, uma concepção divina mesmo. E o rasta na sua essência é muito espiritual, assim a gente valoriza a alma né, o que as pessoas tem por dentro, e a gente tenta passar a nossa fé, passar as nossas positivas vibrações nas nossas músicas, a nossa música rasta fala muito de Deus né!

Música:

A música rasta é algo que vem de dentro de si, vem da alma; como já disse Bob Marley, o reggae não se ouve, se sente! E a música é o ensinamento do rasta, é a consciência de querer viver num mundo melhor, sem preconceito, com respeito...E aí, a gente sente tudo isso e é justamente através da música, do reggae que a gente vai passar nossos conhecimentos, nossas vontades, tá ligado?!

Em sempre ficava prestando atenção quando algum regueiro ia tocar, porque eu sabia que o que ele ia dizer ali não era em vão. Ia sair dali uma mensagem mesmo, pra eu refletir, que de certa forma ia me ensinar. A música traz muito ensinamento né, muito conhecimento, faz a gente parar pra pensar.

Nesta entrevista pode-se perceber as linhas/correntes principais que os rastas seguem dentro do movimento rastafári, ficam bastante explícitas, como a música, a questão da alimentação, a espiritualidade, o contato com a natureza. Apesar de ser difícil de encontrarmos uma banda local que seja totalmente rasta, percebe-se que há alguns integrantes que de fato seguem verdadeiramente o que propõe o movimento.

Dentro desse relato pessoal de Antônio Aglildo, percebemos algumas dificuldades encontradas, como a problemática de encontrar a alimentação adequada dentro do espaço de estudo, a universidade. Percebe-se então, que o viver / o ser rasta, passa por pequenas e grandes dificuldades, pois um aluno, não rasta ou mesmo não vegetariano, ou não vegano, tem várias opções de alimentação em vários espaços espalhados pela cidade, incluindo as universidades que dispõem de praças de alimentação e R.U (restaurante universitário).

Outro ponto que se destaca nessa entrevista é a chegada do movimento rastafári na vida do sujeito. Interessante destacar que o entrevistado relata ter sido de outra banda de reggae – Cochá, mas que nessa época não tinha a noção do que significava ser um verdadeiro rasta, ou seja, tocar em bandas de reggae e até mesmo usar os dreadlocks não faz de ninguém um guerreiro rastafári.

Dentre outras coisas pode-se destacar na fala de Aglildo a importância da presença de Deus, ele afirma que o movimento rastafári é “coisa de Deus”, se refere ao movimento como algo que lhe trouxe luz e positividade, afirmando que a linha do movimento é a mesma linha

de Jesus Cristo, aqueles que seguem as ideologias rastafáris estão seguindo os ensinamentos de Jesus, de fazer o bem, amar ao próximo e respeitar a natureza.

Agora trarei uma entrevista feita com outro músico da banda Jah Une, o baixista Wanderson Kamylo. Nesse meu contato com o Wanderson, já utilizei uma metodologia diferente, levei comigo um caderno já com perguntas prontas, ou seja, um pequeno questionário.

Qual a essência do verdadeiro Rastafári?

O rastafári é um movimento que busca a conscientização, através das esferas políticas, ecológicas e religiosas, é o cotidiano fundamentado numa força maior (Deus e seus ensinamentos). O importante é a essência rastafári, que é o que você tem por dentro, a sua bondade espiritual, você não precisa ter dread pra se considerar um; a essência vai além disso, é o respeito aos homens, a natureza, é você plantar seu próprio alimento, respeitar os animais. Eu posso ter uma religião diferente de outro rasta, mas a essência rastafári é a mesma, que é você saber viver em harmonia com todos, sem discriminação nem preconceitos.

Usamos plantas para o autoconhecimento, para nossa busca interna, espiritual, para meditação, também para aumentar a percepção, faço muito isso porque tô participando da comunidade lá do Santo Daime, e lá tem muito rasta também, enfim, a gente sempre busca um encontro com Deus, todo esse trabalho é ligado a algo divino.

O rastafári dentro de várias concepções envolvidas como meio de vida, como religião, como filosofia. Assim... a essência rastafári tá ligada na harmonia com todos os seres, como toda natureza, essa é a essência rastafári.

Qual seria a classe social que mais predomina entre os adeptos ao movimento?

Os rastas não prestam atenção se um tem mais condição financeira do que outro, não consideramos isso importante, lógico que conheço gente que tem uma condição financeira melhor do que a minha, mas isso não importa, somos todos iguais, o verdadeiro rasta quer ser rico de coração, elevar sua alma.

Vocês tem um ponto de encontro?

A gente não se encontra em um lugar específico, de vez enquanto a gente se encontra na comunidade da Igreja Céu de todos os Santos, lá na região da Taboca, mas não que lá seja a igreja dos rastas, a gente combina de se encontrar em qualquer lugar, preferencialmente na natureza, na beira do rio, em uma cachoeira. É sempre bom ter a natureza perto ainda mais quando se se junta amigos e violão.

Qual a sua visão sobre o reggae?

O reggae é a fusão da religião com a música, é uma música de conscientização. É você saber dizer o que pensa, é aquilo também que vem lá de dentro, é toda uma verdade que muita gente sabe, mas que nem sempre pratica e a nossa função como músico de reggae é mostrar, é levar pra todos a ideia de um possível mundo melhor.

Nessa entrevista dá-se alusão a pontos inquietantes para mim como pesquisadora. Quando questiono sobre a classe social, o entrevistado afirma que isso não é importante, que o movimento rastafári não se preocupa com tal questão, mas, não se “importar”, é diferente de não “existir”.

Durante quase quatro anos de pesquisa pude constatar que de maneira geral os integrantes de bandas de reggae e seguidores do movimento rasta, são em predominância da

classe média. São em maioria homens graduados ou em processo de graduação, que possuem automóveis próprios, empregos estáveis e boa moradia. No entanto, na banda Jah Une encontra-se dois sujeitos opostos a essa regra. O percussionista conhecido como Abú, tem até o sétimo ano do ensino fundamental e o mais novo baterista Júlio, que tem até o sexto ano do ensino fundamental, ambos têm como profissão a música e se enquadrariam na classe dos trabalhadores.

3.1 Conflitos do Movimento

A próxima entrevista a ser exposta, foi em conjunto, um diálogo com dois integrantes de bandas diferentes. Onde pude perceber conflitos de ideias, não apenas através da fala, mas aqui o gestual foi o mais comovente, pois revelou o que possivelmente fosse constrangedor ser falado. O brilhantismo da pesquisa de campo, o contato, a vivência com o sujeito, é algo que não pode se restringir às entrevistas focadas em perguntas e respostas, o que não é falado, pode nos dizer muita coisa.

O método etnográfico, é um método qualitativo de pesquisa social, requer uma descrição detalhada do campo pesquisado, explorando os recursos da subjetividade. Para Geertz (2008) a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, levantar genealogias, mapear campos, etc. Para ele o que define uma metodologia é o tipo de esforço intelectual, o que ele denomina de descrição densa.

Tal contato através da pesquisa de campo, foi feito com Antônio Aglildo da banda Jah Une e Edson Pereira, na época vocalista da banda Regaplanta. Esse encontro aconteceu na Universidade Federal do Piauí, em um espaço que fica entre a biblioteca e o Centro de Ciências da Educação, especificadamente em baixo de um cajueiro.

(- Aglildo) O meu primo aqui vai começar a falar sobre a relação da música com a cultura rasta.

(- Edson) A música é um presente de Deus assim, tem que sentir a vibração pulsando no seu coração mais forte, porque Jah te presenteia com esse tipo de conhecimento, e ai nós temos que expandir a música né? expandir o conhecimento, aquele Ihe faz bem, espalhar pros seus irmãos também. E, aí, hoje em dia podemos ver que até na própria selva de concreto é possível o encontro de irmãos né? porque nos consideramos irmãos né, um ao outro sabendo respeitar e é a parti daí que é o verdadeiro valor de cada um. E aí hoje o reggae tá sendo bem aceito né, como é uma coisa boa, fala muito de Deus né!

(- Aglildo) O reggae é uma ferramenta muito forte na cultura rastafári, o rastafári é um ser que busca a liberdade, o bem estar de todos e a música reggae, a música rasta, vem justamente pra libertar o irmão, assim, de certas barreiras quebrar certos

paradigmas impostos pela sociedade, coisas que você faz e nem se pergunta porque, coisas assim que não é de você, não tem?

Essa vida é mais harmoniosa, assim mesmo com o nosso criador e com a criação, com toda criação dele, tá entendendo? Que é a vida em todas as formas, as plantas e tudo, e saber respeitar. Então, a cultura rasta é isso, é todo esse respeito e a relação com a música é muito forte; tem muita gente que se utiliza da música reggae né, pra ganhar dinheiro, fazer fama, mas não é isso. Eu vejo que o verdadeiro propósito da música reggae é libertação mesmo de todos, assim, de quem entra no movimento e de quem tá escutando aquela louvação, porque ali é uma coisa muito forte, é uma ligação com o rasta mesmo e é um ensinamento, a música é o ensinamento do rasta. Questão de libertação mesmo. Eu vejo que é isso aí...meu primo aqui pode completar mais alguma coisa aí...

(- Edson) É isso aí que ele falou com certeza...

O reggae é uma benção, todos nós temos que agradecer né, por esse dom divino que deus nos deu de poder espalhar a semente do bem por aí, mundo afora. Nós, aqui, somos do Piauí, estamos aqui na luta, na resistência, mesmo né, porque a batalha é difícil, vencer preconceitos. A informação é dada a todo momento tanto em TV, rádio, universidade, internet; mas o homem acaba se prendendo em outros tipos de conhecimento né, conhecimento negativo, alguma coisa do tipo, vai levar a negatividade ao invés de pegar coisas boas; não digo todos, sei que muitos estão sabendo utilizar essas coisas, até por isso que eu estou nessa fé e nessa crença. E nós aqui somos do Piauí como uma banda: regga planta, jah-Une, tamo junto, firmeza! Nós estamos saindo da idéia de apenas músicos né, a gente... lógico o rasta, a musicalidade e as plantas de poder né...a gente utiliza as plantas de poder como a ganja conhecida né, a santa maria...enfim, estamos saindo da história de se apegar com o negócio de ser músico, vaidade de tocar isso pertence à babilônia e a gente tá fazendo ser, procurando ser, fazer e acontecer no dia-a-dia, a união e a lealdade e o respeito entre os irmãos, não só aqueles que vestem a causa, abraçam mesmo, a raiz aqui do conhecimento que é a representação dos dreadlocks né, mas também com os outros também, a ideia de unir selva de concreto com a selva verde, a natureza. E é isso aí, Jah está conosco e lembre-se que o reggae é uma coisa sagrada e tem muitos guerreiros levando isso a sério. Força rastafári, salve salve todos os guerreiro de paz espalhados pelo universo!

Todos os aspectos por eles aqui levantados são de tamanha importância, para que se conheça o movimento rasta no recorte local da capital piauiense, contudo darei ênfase na questão do reggae como mercado. Interessante mais uma vez lembrar que a música reggae é vista dentro do movimento rastafári como uma música de cunho espiritual, assim sendo, gera conflitos em torno de bandas que se utilizam da música e de outros aspectos (já citados no capítulo anterior) para ganhar fama e dinheiro, como disse Antônio Aglildo, na entrevista acima.

Esse é um tópico polêmico, pois vivemos em uma sociedade capitalista, necessita-se de ganhar dinheiro para sobreviver, e partindo dessa premissa básica, onde e como o movimento rastafári sobreviveria? Os músicos que seguem a doutrina rastafári, sabem de toda dificuldade para viver e construir tal movimento, mas eles não abrem mão da tentativa de escapar da “vida mundana”, e um dos meios é a luta pela sobrevivência do movimento.

Acredito hoje que a gente tá vivendo um período de renovação, muitas pessoas estão procurando abrir novos caminhos em busca da espiritualidade né, assim, o caos é uma consequência do conflito que rola entre nações, entre irmãos ainda, entre a pauta de pouco entendimento que rola, sobre o que a gente realmente veio fazer aqui. É plantar, plantar paz, plantar amor, viver em harmonia com todos os irmãos. Dentro da vivência rastafári existe um dos pontos delicados também que é a música reggae, que muitos usam(..) a essência da musica reggae mesmo, é uma difusão da música com a espiritualidade né, a essência de onde surgiu a musica reggae é isso, a música e a espiritualidade juntas né e hoje quem segue esse propósito, dessa linha faz a música procurando transmitir esclarecimento, positividade e uma direção para os irmãos. Mas assim também, como hoje veio se tronando um pouco comercial, a música é usada também dessa forma. É respeito, assim como espero que respeitem a música reggae, que não é pra ser tocada em vão. Mas dentro do estudo, cada um procurando seguir o seu caminho, respeitando, acredito que da pra todo mundo viver junto, tocando e se satisfazendo né com a sua música, mas a musica reggae é muito mais além, tem uma seriedade grande pra quem segue realmente a essência da musica reggae. Hoje a minha realidade, minha visão na realidade musical do cenário do reggae, eu vejo um pouco mais de interesse comercial do que o espiritual, o propósito da mensagem reggae, que é transmitir mensagem de informação, conteúdo, de conscientização, de direção para aqueles que ouve, uma mensagem espiritual. Mas assim, respeito todos que de alguma forma, ganham dinheiro com isso. (Wanderson – baixista da Jah Une).

Para os rastas aqui pesquisados e coautores da presente pesquisa, o movimento rastafári pode sim sobreviver através da incessante busca por mudanças, como em uma passagem bíblica que diz que Jesus Cristo não veio pelos bons, mas sim pelos necessitados, pelos fracos, e tendo Jesus como seu grande mestre, os rastas buscam reproduzir essa mensagem em suas ações, buscando também respeitar o outro lado.

A banda Regaplanta afirma que vende sua música em troca de dinheiro, em troca de instrumentos, mas também já trocou pelo carinho do público, pela admiração, pelo voto de confiança e fé na banda. Eles afirmam que fazem músicas rastas, que em todas as suas composições buscam passar uma mensagem de sabedoria e de conscientização, contudo, se um dia suas músicas ficarem famosas e passarem por exemplo em novelas da rede globo, eles vão vender do mesmo jeito, pois acreditam que não estão rompendo com o movimento, mas que seria algo merecedor. O fato de alguém ter gostado do seu trabalho e querer valorizá-lo, não significa um rompimento com as ideologias rastafáris.

Eu acho o seguinte: eu “tô” numa situação que eu trabalho e consigo um dinheiro pra poder comprar comida, comprar enfim, pagar um aluguel, né?!.. Água, luz, telefone.. Se eu não quiser pagar água, luz, telefone, eu vou pra floresta e moro na floresta e vivo do que eu planto.. certo? Sem energia elétrica, sem água encanada, moro perto de uma nascente, como os índios viviam: moram perto de uma nascente, plantam seu alimento, enfim. Eu já com meus 27 anos, eu tenho necessidade de viajar pra algum lugar mais distante, eu quero isso pra mim, eu pessoalmente quero isso pra mim: viajar pra algum lugar, conhecer outras pessoas, poder dar um conforto pra minha família mesmo. Agora eu acho assim: eu componho músicas, eu particularmente componho músicas espirituais, a minha intensão de compor uma música, não é atrair público pra ganhar dinheiro, certo? A Minha música é sempre

pautada em vender uma ideia, de passar o que eu acredito. Você pode perceber, em todas as nossas músicas, nenhuma música a gente deixa de lado a defesa do que a gente acredita, pode olhar em todas as músicas, tem pelo menos algum puxãozinho de orelha pra o que a gente tá querendo dizer, em todas as nossas músicas do nosso CD, das nossas novas músicas, podem prestar atenção, que sempre tem alguma coisa espiritual. Mas porém, contudo, todavia, a gente vende esse projeto aqui dentro da Babilônia, eu vendo shows e vendo Cd's, certo? E camisas, enfim.. que com esse dinheiro eu compro minhas coisas. Se um dia uma música dessas chegue a vender milhões e eu chegue a ser milionário, eu não deixarei de defender o que eu acredito, e nem por isso eu deixarei de ser quem eu sou porque eu tenho Um Milhão de Reais agora, entendeu? Eu acho que é exatamente isso que eu quero dizer, tipo, não vai interferir, eu acho, quer dizer, não deve interferir, na verdade, certo? só saberemos no dia que eu tiver isso, pra eu poder dizer "ó, não interferiu", eu acredito que não vai interferir, mas só saberemos de fato no dia que e se isso acontecer. > Se um dia uma dessas músicas der certo "é novela da Rede Globo", pronto, "Pô o Fernando se vendeu pra novela da Rede Globo".. "Que nada mermão, minha música, gostaram da minha música tanto, a ponto de botar numa novela da Rede Globo. Não vou vender porque é Babilônico? Pode ficar a vontade meu amigo, vendo sim, quanto é que vocês costumam comprar, Tanto? Pois eu vendo até um pouquinho mais barato, tem problema não. A minha relação não é com o dinheiro de maneira alguma, mas sim, eu quero ganhar dinheiro com o meu trabalho, eu acho que é uma forma de ser recompensado. Mas eu troco meu trabalho por outras coisas também, não só por dinheiro, como a gente já tocou por um teclado, a gente fez um show por um teclado, que a gente tava precisando, entendeu? Então tem a troca também, não é só o dinheiro em si, o dinheiro é uma das formas que a gente mais roca na verdade, o nosso trabalho, mais ou menos isso. A gente toca sem trocar por nada, na verdade essa satisfação também já é uma troca, né.. A pessoa terminar o show e dizer "Mermão cara, muito bom seu show, mesmo sem estar recebendo nada, mas muito bom seu show" pra mim, já tô recebendo, é uma troca também. Já tocamos várias vezes e estamos dispostos a tocar várias vezes sem receber dinheiro, mas receber esse carinho e esse afeto, nós estamos à disposição. (Fernando – Baixista da Regaplanta).

O rasta Ed Ras afirma que conheceu o *reggae* através das bandas pops, as bandas não rastas, mas quando ele percebeu que havia um ensinamento maior por trás daquela musicalidade, ele foi tentar conhecer mais profundamente e percebeu uma diferença gritante entre os tipos de *reggae*.

Eu comecei a diferenciar. Saber o que é um *reggae* comercial e um *reggae* de uma mensagem real, uma mensagem verdadeira. E quando eu reconheci isso, achei aquilo ali um absurdo né, porque tem gente usufruindo, montando nas costas daquele que estão pregando a verdade. Tipo aquela história da babilônia né, do lobo em pele de ovelha, é o que tá acontecendo hoje, tem muito lobo em pele de ovelha. E é tão difícil identificar porque as vezes eles praticam até boas ações para sair grande para os outros, para os outros olhares, entendeu? Mas como em toda a história a luz sempre prevaleceu, então eles vão surgir, mas quer for verdadeiro.. quem for enxergar essas pessoas que tão fazendo uma mensagem real, vai ser sentido por todos, entendeu? Se você chegar perto de um homem rasta você vai sentir a energia dele, olhando pra ele, no olho dele, na musicalidade dele, você vai sentir aquela verdadeira vibração e ao mesmo tempo você também vai sentir uma mensagem, quando você tiver um contato com essa mensagem verdadeira, quando vc for ver uma mensagem falsa também vai sentir, entendeu? E é aquela coisa né, a gente não pode fazer nada, não vamos sair guerreando e tudo, deixa eles acontecerem do jeito que tá sendo aí, mas no final das contas a gente sabe quem é que vai reinar. (Ed Ras).

Assim, apesar das tensões geradas em torno do mercado, as bandas que seguem de alguma forma a espiritualidade rasta, buscam não centralizar o foco no dinheiro, (procurando outros meios de adquiri-lo) assim, estão dispostos a tocarem em eventos abertos, de caridade, em eventos de igreja, como aconteceu no dia 17 de novembro de 2014, na pizzaria Sampa, localizada no bairro São João. Onde a banda Jah Une se apresentou. O show desse dia foi em prol de uma criança que precisava fazer uma cirurgia. Esta pizzaria não costuma abrir às segundas-feiras, foi uma exceção para arrecadar dinheiro para cirurgia de uma criança, filho de amigos dos integrantes da banda. A organização do evento, divulgação, o preparo das pizzas e até mesmo servir os clientes estava por conta dos integrantes da banda, assim como de outros amigos dos pais da criança, a maioria praticantes da religião do Santo Daime.

Assim também como no dia 08 de Novembro de 2015, na Poty Cabana onde a banda Jah Une se apresentou no evento intitulado Bazar da Rainha da Floresta, da igreja Céu de Todos os Santos da religião do Santo Daime. De tal modo, entende-se um pouco as diferenças entre bandas que seguem a linha rastafári e as mercadológicas, estas últimas dificilmente tocarão sem ter um retorno financeiro. Porém, reitero que, não afirmo que as bandas aqui analisadas tocam sem ganhar cachê, fazer música também é um trabalho, e se tem um gasto constante com aluguel de estúdio para ensaios, manutenção dos instrumentos. A questão é que, o dinheiro para a música *reggae* não é o foco, mas sim a propagação, divulgação e conscientização do movimento.

É importante ressaltar que embora o *reggae* seja constantemente associado ao movimento rastafári, onde há uma predominância da espiritualidade, que influenciou músicos desse estilo musical nas décadas de 1970 e 1980, ele não se restringe à cultura rastafariana. (CABÚS, 2012). O *reggae* é a música que de certa forma, poderíamos comparar à música gospel popular em nosso país, ou seja, uma música de cunho e objetivo espiritual, mas logicamente há músicos e apreciadores de *reggae* que não se consideram rastas e por isso não utilizam-se do *reggae* para fins espirituais.

O que difere da música gospel é porque eu vejo que a música gospel o pessoal não canta pra deus, o pessoal canta pra sua igreja entendeu? Porque deus transcende qualquer forma, eu canto pra qualquer religião eu, então minha música não é só pros rastafáris, não estou querendo trazer ninguém pra ideia rastafári, vamos se libertar meu amigo, vamos saber quem você realmente é, tá ligado? Vou da um exemplo aqui, mas eu não sou muito perito nisso ai não, eu não sei direito qual é a igreja, qual é o nome porque eu não frequento e tal. Mas, por exemplo, sobre a igreja universal, só um exemplo, não sei se é verdade, a igreja universal não escutam as músicas dos padres da igreja católica, entendeu? E tipo que Deus é esse ai? O deus deles não entra na igreja do outro? Mas ai ideia é o que? A ideia é a mensagem entendeu? A

mensagem, se a mensagem for pro rumo positivo, for pro rumo de deus meu amigo, se for feito com o coração, pra ajudar mesmo e não só pra ficar dentro da sua igreja, partir de todo mundo, aí assim, porque se não, se você quiser acreditar só na sua raça é a mesma ideia do Hitler, só que o Hitler não tinha como chamar os negão pra ser branco, porque se ele pudesse chamar os negão pra ser branco, eu boto fé que ele botava os cara tudinho forte pra ser ariano. Porque na igreja pode, o cara era católico agora virou isso aqui, tem a diferença, mas todo mundo tá naquela ditadura, usa aquela roupa, usa aquele cabelo, meio que desguioua ideia, a igreja que tem mais adeptos gera mais lucro né? Por isso que a minha ideia...eu canto pra deus, não é pra minha religião entendeu? Eu canto pra deus, essa que é a minha religião.

A gente é o conjunto de várias ideias, já participei de culto de missa, eu sei que todo mundo tá no rumo, mas as veze eu vejo o povo meio perdido, deus está naqueles movimentos todinho ali, compreender que Deus tá aqui. Todos estão com o mesmo propósito. O candomblé tá como propósito X que é o mesmo do catolicismo, que é o bem comum. Independente da religião a finalidade é sempre a mesma. Quando você bota as paredes na parada, você fecha dentro da religião, que você não aceita as coisas de outras religiões, você parou, tá reprimindo, tá sendo uma ditadura religiosa, eu acredito que você tem que buscar conhecer a verdade, se você achar que a verdade tá ali, você vai mesmo, no fundo do seu coração e vai buscar, pode não ser a verdade não, mas você tá indo, tá buscando, agora você prender, só é aquilo que o pessoal fala, se for dito pelo índio não pode, mas se o pastor disser, tá certo.

A questão da libertação, por exemplo, já pensou em uma pessoa que não tem um pingão de instrução, que nunca viu uma bíblia, nunca leu a palavra, não sabe nem que foi Jesus Cristo nem nada, mas é uma pessoa que pratica o bem, exercita o bem, trabalha, planta, come o que ele planta ali, tem a sua mulher, seu filho tem o maior respeito pelo mundo. Uma pessoa daquela ali ela vai buscar deus, por exemplo. Independente de religião, entendeu? Porque o fato de você está caminhando no caminho ali, fazendo suas coisas tudo certo, ainda que você não esteja dentro de uma igreja nem nada, isso não quer dizer que você está condenado a A, a B ou a C não, entendeu? Porque a questão é justamente essa, é libertar, não criar regras, nem nada não. Trecho de entrevista com a banda.

A influencia espiritual é total. A música reggae é uma música Africana, é um ritmo que vem da origem nayaming, já vem de outras denominações e a galera cantava um canto da libertação, era um povo que passou muito tempo sendo oprimido como escravo, então, é um canto de libertação, queira ou não queira já carrega o lamento de um povo, que não é uma coisa que está ali de brincadeira, o reggae não é uma coisa que tá tocando, pra tá falando de...ostentando, falando de bebidas, de drogas, exaltando algum outro tipo de coisa, é pra exaltar a liberdade mesmo espiritual de cada um, saber que aquele som mesmo é das raízes, então, é um som que é sério, tem que falar de coisa séria, tem que libertar o povo. Porque a gente tá aqui livre na democracia, mas não é livre não! Todo mundo preço na televisão e tal e a gente ainda canta isso ai, não só o preconceito de negro e tudo, mas essa prisão hoje né? A escravidão mental, é o pessoal alienado com televisão, com culturinhas entendeu? Que eu acho que não vai progredir, que não acrescenta em nada no desenvolvimento da humanidade. Então o reggae já carrega tudo isso aí, então é completamente espiritual a música, cem por cento espiritual, se titubear pra outra coisa, ai você tá fugindo do reggae, botando outra coisa dentro do reggae, mas o reggae em sua raiz é espiritual, religioso. (entrevista Regaplanta).

Como já se pode observar o movimento rastafári é composto por vários símbolos que definem a sua identidade. O reggae, como música sagrada faz parte dessa identidade. Em todas as bandas aqui estudadas, em cada relato dos rastas, percebe-se que a música também está presente para fora dos palcos, a música aqui não é composta apenas por escalas e melodias, mas principalmente por emoções, sentimentos e espiritualidade.

A música reggae, ela é uma música assim de revolução, né? E como a palavra diz revolução ela também diz evolução ao mesmo tempo, revolução – evolução, e aí eu vou acreditando nessa luz. Eu acho que o reggae é sagrado, o reggae é uma música assim que me levou, porque é sagrado e eu gosto muito das coisas sérias, se hoje em dia, se eu vejo a música assim como...A música é uma coisa dos anjos né? É uma cantoria de Deus, coisa sagrada, uma coisa assim que tem que ser falado, coisa mesmo pra crescer, coisa do bem. (Edson).



(Cartaz do show do dia 17 de Novembro de 2014 na pizzaria Sampa)

BAZAR

RAINHA DA FLORESTA

ACESSÓRIOS ROUPAS
ELETRÔNICOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
SAPATOS ITENS DECORATIVOS
LIVROS TERAPIAS HOLÍSTICAS DVD's
CONSUMO CONSCIENTE PREÇOS POPULARES

08 NOV | 16H
NOVA POTYTABANA

ATRAÇÕES:
LAÍZ MARA
JAHUNE REGGAE ROOTS BAND
MANGACRIOLA (TAMBOR DE CRIOLA)

REALIZAÇÃO:

cts
COMUNIDADE TERAPIA SANTOS

Cartaz do evento da igreja Céu de Todos os Santos.



Primeiro Bazar da Rainha da Floresta (08-11-15)



Banda Jah Une na Poty Cabana no evento da igreja Céu de Todos os Santos

Dentre outras coisas analisadas na presente pesquisa, percebe-se a crítica ao capitalismo, o rasta busca pelo desapego material e vontade de alcançar uma liberdade. A crítica ao capitalismo é algo que venho traçando desde o primeiro capítulo, pois é algo recorrente nas falas dos rastas, por mais que a palavra “capitalismo”, não esteja sempre explícita diretamente, a crítica em torno à sociedade em que se vive e todo conjunto de mal estar que ela causa, como individualismo, consumismo, é sempre questionado nas letras musicais de *reggae*.

O homem rasta, ele é um ser que procura seguir as leis divinas né e por estar dentro também da sociedade procurando sempre estar de acordo com as leis da sociedade, mas dentro das leis divinas, uma das principais, acredito eu, ser um dos nossos deveres, é nos tornarmos pessoas verdadeiras né, e assim, hoje o que a gente ver um pouco, não é, enfim em um tamanho amplo. Assim por exemplo, o que a gente ver no poder hoje em dia, na sociedade atual é vários atos de corrupção, então isso vai contra os nosso princípios né, são coisas que revoltam um pouco né, ver como hoje a gente tá sendo governados por pessoas desonestas, pessoas que hora ou outra estão envolvidas em casos de corrupção né, são uma das coisas que nos entristecem não

somente como rasta, mas como pessoa também né. E assim, outra lei divina que a gente procura seguir é o lance da fraternidade, da irmandade né, coisa que a gente também não anda notando por aí, que é o que a maioria das pessoas deveriam fazer que é compartilhar o que tem né, mais sim quem tem mais que r ter mais e quem tem menos acaba ficando com menos ainda, então dentro dessa realidade hoje assim, a gente procura fazer o nosso né, assim porque o que a gente ver no mundo é um pouco mais de miséria num canto, um pouco mais de corrupção no outro e o que a gente pode fazer além de reclamar é fazer a nossa parte, fazer nossa caridade, fazendo nossa união acontecer e assim diminuir um pouco do que nos causa um desconforto né, que é a realidade de um mundo capitalista, de um mundo corruptivo né, é fazendo a nossa parte como pessoa e como rasta que procura seguir as leis divina acima de tudo. (Wanderson –baixista da Jah Une).

Percebe-se na fala de Wanderson um desgosto diante de tanta corrupção na sociedade, assim como a falta de humanidade, as fragilidades das relações, como diria Bauman. Os indivíduos já não se preocupam com o seu próximo, é sempre um querendo mais que o outro, gerando assim um individualismo exacerbado, uma das grandes características dessa modernidade líquida.

3.2 Sendo um Guerreiro Rastafári

No evento da Igreja Céu de Todos os Santos, encontrei com alguns integrantes da banda Regaplanta, Pedro e Luís Fernando, que têm como religião o Santo Daime e também fazem parte dessa igreja. A banda Regaplanta também tem como forte característica musical a presença de vários elementos pautados na espiritualidade rastafári.

Como já dito, percebi que a banda Regaplanta relatava em suas músicas características do movimento rastafári, e o meu questionamento seguinte foi se eles realmente praticavam o que cantavam, se a teoria se relacionava com a prática. Através da pesquisa participante e também da utilização de entrevistas pude perceber que dentro da banda há aqueles que se consideram rastas, há os que não se consideram, e há aqueles que consideram ter o espírito rasta por mais que não pratiquem certas ideologias do movimento rastafári. Busquei então, entender a partir de que, se deu o encontro da banda Regaplanta com o movimento rastafári e como surgiu essa aproximação.

Em uma conversa assim olhando no olho a gente desenrola, e vai procurando entender como é que é. Por isso que eu acredito que não tem...Não é uma matéria, que você: “ah vou ser rastafári, vou botar essa frase aqui, rastafári é isso aqui no dicionário”. Não existe, as palavras não cabem. Pra tu entender aqui não foi só eu ter ti explicado aqui não, tu sabe, tu acreditou em mim, tu viu os exemplos que eu levei, tu olhou no meu olho, tu percebeu, tu viu, teve que se emocionar, que sentir, entendeu? Então não é só isso aqui não, são várias coisas, teve que cansar um pouquinho aqui: “Pô esses caras não vão parar de tocar aqui não! (Pedro Barros - baterista e Luis Fernando – baixista da Regaplanta).

E aos poucos assim, com as vivências nossas assim, ai por fora, conhecendo outras culturas, conhecendo outras galeras ai de fora, diferente, diferente aqui de Teresina, a gente começou a ter contato com a galera do movimento Rastafári, movimento de...é rural mesmo, a ideia de comunidades alternativas, plantar na terra, galera de várias religiões diferentes, pouco divulgado na mídia, assim nas escolas...o contato mesmo com Jah mesmo chamado Jah, mesmo, que a gente fala, é o criador mesmo...ai...é, ai foi somando com o nosso conhecimento né? A gente foi aprendendo aquilo dali, vendo que o caminho era esse mesmo, era praticar o bem no dia-a-dia mesmo (...). E ai, isso ai tudo Jah foi abençoando, ensinando aos que quiseram aprender nessa caminhada ai da banda, eu não digo assim todos, participaram dessa vivência mas, temos assim acho que uns quarto, cinco, metade da banda já teve um tipo de vivencia assim por ai, se tem alguns que não seguem no dia-a-dia, não sei se não é por que não querem, porque já tiveram conhecimento disso tudo, mas eu creio que,...que a luz está em todos, todos nós do Regaplanta temos muito a mostrar, não só nós do Regaplanta ,mas cada um de nós temos muito a viver aqui nessa terra, que aprender uns com os outros mesmo. Eu por muito tempo achava que sabia de muita coisa e Jah mostrou que a gente ainda não sabe quase nada, a gente ta aqui mesmo é pra aprender entendeu? Em silencio mesmo, meditando no dia-a-dia.

As armas que os caras usam, meus Brothers são as mesmas armas que eu uso mesmo, tipo a positividade, a musica reggae, o retorno as origens, lembrar disso aí, levar o astral, reconhecer todos como irmão, que não é uma coisa pra ser fingida, é o olho no olho, entendeu? Então, eu acho que ser um rasta transcende até mesmo todos os conceitos criados por qualquer ser humano mesmo, o conceito do rastafarianismo mesmo é da origem do universo mesmo, já existe, não tem denominação,(...) é o olho no olho, eu conheço cara aqui no olho e ai moleque: Rastafári. Pode nunca ter ouvido um reggae na vida mas eu senti que é um rasta mesmo, entendeu? Mas ou menos assim.

O olho é aquela firmeza, quando o cara vê a conexão dele com a natureza, é isso, tipo a conexão com a natureza, quando o cara vê, que o cara tá ali em prol do bem comum, não do bem pessoal dele, mas do meu, dele aqui, de um cara que ele nem conhece, se ele puder ele vai ajudar, ele tá fazendo uma coisa aqui que é um bem comum pra todas as pessoas, por mais que ele não conheça que chega pra somar! Que é o que a gente estava dizendo aqui, o contrário,né?(referindo-se a música que estavam ensaiando anteriormente) tem gente que chega pra destruir, pra falar uma coisa ruim, não, é o contrario disso, é exatamente chegar pra somar! E nem só ficar só atoa não, ficar sem fazer nada não, “não, estou aqui de boa, num faço nada”. Não é fazer por bem, é fazer mesmo, é entrar na linha de frente, você tá lá defendendo o que é certo, o que você acredita que é certo mesmo, o que está no seu coração e batendo no peito e dizendo: meu amigo eu acredito nisso e é isso aqui eu acredito e pronto, é quando a gente olha no olho e vê que o cara: olha mermão, esse cara bem aqui acredita nele, esse aqui é rastafári.

Na verdade eu defendo a ideia rastafári, né? Eu defendo. Mas essa ideia de denominação, o pessoal denomina como queira, né? Eu defendo a ideia rasta, eu toco a musica reggae eu acredito nisso quero levar isso pra minha vida e quero usar isso...quero trabalhar nisso, não quero trabalhar pro sistema, então acredito que isso seja ser um rastafári. (Relato pessoal de Pedro, baterista da Regaplanta).

Rapaz, eu acredito que eu sou rastafári. Mas como eu ti disse, rastafári, não religião rastafári, né? Sou rastafári, na forma mesmo de entender as coisas, porque as coisas acontecem pra todo mundo da mesma forma, cada um vê de uma forma, a minha forma de vê é mais voltada pra filosofia rastafári mesmo, a minha forma de absorver as coisas é natural, entendeu?. (Relato pessoal de Luís Fernando, baixista da Regaplanta.).

É um Meio de vida né, como a gente vive, desde o que a gente produz ao que a gente come e tudo o que envolve a nossa relação com os irmãos. Procuramos ter

uma comida natural, mas próximo da natureza mesmo, alimentação vegetariana, nós rastas temos um modo diferente do comum, do convencional, procuramos meios alternativos pra sobreviver, nossa essência também é voltada para espiritualidade, cada um trabalha de sua maneira individual ou em centros, igrejas, mas sempre procurando desenvolver nossa espiritualidade, voltada pra fé, a fé no nosso criador. O rasta é a procura de ser um ser melhor, estar mais em contato com a natureza, mais ligado ao pai, respeitando sempre a mãe que nos criou, esse respeito que em sua consciência não devemos feri-la de nenhum modo, procurando sempre harmonizar com os irmãos mesmo, ser rasta é viver no amor, a lei do amor. (Entrevista Jah Une).

A construção do guerreiro rasta, é uma construção contínua, uma luta constante. Vivemos em um país em que há grandes dificuldades e grandes problemas sociais, culturais, políticos e ambientais. O guerreiro rastafári luta por justiça e paz, buscando ter seu espaço na sociedade, mesmo muitas vezes criticando esta.

Os rastas da banda Jah Une, como já exposto em entrevistas acima, também, assim como os da Regaplanta, tendem a seguir um caminho comum. A banda Jah Une afirma que ser rasta é seguir um compromisso difícil, porque se depara a cada momento com preconceitos e várias opressões ditadas pela sociedade capitalista. Além disso, eles afirmam que é necessário disciplina, e isso seria um dos fatores principais pra seguir a doutrina rasta. Como Agildo relatou em uma entrevista aqui já citada, nem todos conseguem seguir o caminho rasta, alguns admiram o movimento mas não conseguem de fato segui-lo, e isso é aceito, partindo do ponto em que vivemos em uma sociedade que nos impõe várias coisas, desde o consumo ao desejo.

Romper com coisas que são tão intrínsecas a sociedade é de fato difícil, na verdade o próprio rompimento, seja lá com o quê, é sempre uma questão delicada. Os rastas romperam com uso de bebidas alcoólicas, com a alimentação de carne, romperam também com o consumismo, um dos grandes males dessa sociedade.

Bauman (2004), discorre em seu livro Amor Líquido (sobre a fragilidade dos laços humanos), a vontade exacerbada do consumo, onde necessita-se que o desejo seja sempre cultivado, retardando a satisfação. O indivíduo, não busca por uma disciplina ou regras, mas apenas por uma vontade individual de satisfação própria, mas que infelizmente nunca é alcançada. Os próprios produtos fornecidos nessa sociedade são eminentemente descartáveis.

Porém, o maior problema é que não somente os produtos são descartáveis, mas as próprias relações. Os relacionamentos são vistos como uma transação comercial. Na medida em que os relacionamentos são vistos como investimentos, como garantias de segurança e solução de seus problemas, eles parecem um jogo de cara ou coroa. (BAUMAN, 2004, p.30).

Este autor ainda comenta sobre o contato via rede social, que demonstra dentre outras coisas a ausência de comprometimento. As relações atuais são compostas por laços momentâneos, frágeis e volúveis, pois se vive em uma sociedade cada vez mais veloz e dinâmica. A sociedade tira dos indivíduos a necessidade de comprometimento, de responsabilidade. O amor, outro sentimento tão divulgado pelos músicos de reggae, é de acordo com Bauman (2004), cada vez mais banalizado, estaria este fora de moda na nossa sociedade.

Ao citar o amor e tantos outros sentimentos, os rastas através de sua música – reggae, contagia de emoção todos os seus ouvintes. A música como já dita no capítulo anterior carrega e leva consigo vários sentimentos. O reggae, por exemplo, nasceu como forma de protesto e até hoje suas letras são pautadas em questionamentos à sociedade, tentando causar em seu ouvinte um sentimento de dúvida, de pararem para pensar se o que fazem está certo, se faz bem pra quem está em sua volta. Dessa forma, o reggae busca alertar, conscientizar e levar emoções para aqueles que lhe escutam.

Dentro das vertentes do rastafári existe um fator muito importante que é a expressão da mensagem divina, a expressão de sentimentos através da música.(Wanderson-baixista da Jah Une).

Para Wanderson, rasta da banda Jah Une, o reggae é coisa séria, ele afirma isso várias vezes, para dar ênfase que esse estilo musical tem como função só passar sentimentos que acrescentem, que somem na vida de quem o escuta. De acordo com Le Breton (2009), a emoção como um encontro entre alheios é um processo lúdico de paixões experimentadas, expandidas, reinventadas e resignificadas.

Os símbolos culturais compõem o jogo do sentir e do interpretar para a comunicação da vida cotidiana. Os sentimentos e as emoções são produtos de relações travadas no cotidiano dos sujeitos. É a vida se fazendo corporificada nas ações e apreensões dos sujeitos. (Le Breton, 2009). Interessante destacar que os sujeitos que compõe essa pesquisa, transformam o cotidiano de quem os escuta, eu mesma ao longo da pesquisa, comecei a ouvir reggae com mais frequência, pois as letras cantadas expressam um sentimento de paz, suavidade e positividade, modificando assim minha rotina.

Ao analisar em um amplo espaço, é possível que através das emoções e questionamentos transmitidos pela música reggae, possa ter alcançado várias pessoas. Tenho como exemplo uma conversa informal sobre reggae e outras coisas, que tive uma vez com amigos, e uma das pessoas da roda, veio me falar que depois dessa conversa, e do leve conhecimento sobre o tema, diminuiu o uso de carne em sua alimentação. E isso me trouxe

um questionamento, quantas pessoas mudaram algum ato do seu cotidiano por terem simplesmente escutado um reggae? Essa resposta com certeza nunca terei, mas sei que o convívio social e cultural, as abordagens da música e as trocas de experiências e energias entre público e banda causam sentimentos e emoções que podem sim alertar para uma nova consciência de vida.

De acordo Koury (2009), as emoções indicariam caminhos profícuos de pesquisa para a compreensão do significado do humano nas relações sociais e nas diferentes formas de sua criação e sentidos. A sociologia das emoções passaria assim, pelos significados intrínsecos da constituição e da construção das emoções e da subjetividade, como fundamento e como um alicerce para compreensão do social e do humano dele e nele inerentes. E para significar o indivíduo social em suas tensas e conflitivas relações de subsunção e de emersão ao coletivo. (KOURY,2009, p.59).

3.3 O Corpo e o Coroamento Sagrado

De acordo com Le Breton (2009), a linguagem do corpo é evidenciada na emotividade. Não só a face nos diz sobre os sentimentos, mas toda a corporeidade dos sujeitos traduz a emoção culturalmente compartilhada. Os shows de reggae são compostos por diversas emoções, as particulares ou pessoais de cada indivíduo, público ali presente e as dos músicos que ao estarem no palco demonstram toda uma vivência, experiência arregradas a uma espiritualidade onde aflora-se emoção. Como pensamentos em ação o aspecto emotivo carrega em si não só o que é corroborado socialmente, mas também o sistema de sentidos e valores próprios aos sujeitos.

O corpo do rasta por si só já diz bastante coisa, é um corpo simbólico. O rastafári traz em seu corpo o registro de uma espiritualidade, seus dreadlocks não são cabelos “da moda”, mas um símbolo de resistência e de conexão divina. Para os rastas os dreadlocks seriam o coroamento do homem rasta. O corpo, já diria Le Breton, também é comunicativo. Contudo, é necessário saber comunicar-se. O corpo rasta é por muitas vezes mal interpretado, causando desconforto e situações constrangedoras para o rasta.

Uma forma de vida do rasta, uma peculiaridade do rasta é o desapego, o desapego com a aparência digamos assim né, então tem uma peculiaridade que é são os dreads né, as tranças cumpridas né, os cabelos, a barba grande. E assim, quando o rasta, ele opta assim por tá vivendo dentro da sociedade né, ele sofre alguns preconceitos né, por viver fora dos padrões, padrões do mercado, padrões do comércio né. Então assim, o rasta procura viver de uma forma alternativa né, então dentro da sociedade

existem vários rastas, em vários segmentos, em vários ângulos, como fotógrafo, como jornalista, poeta, músico, rasta escultor, artesão, então ele procura de alguma forma sobreviver, sobreviver por não estar se enquadrando dentro dos padrões da sociedade e assim essa aparência, ela facilita muito o preconceito, justamente por isso, por tá fora dos padrões, cabelo grande, barba grande e tal, roupas as vezes que não são os padrões, o que todo mundo costuma usar né, causam um certo espanto. Engraçado para alguns, mas constrangedor em vários momentos chega a ser né, como em bancos, como em fila de alguma coisa né, como em comércios, sempre existe um certo preconceito né.(Wanderson –baixista da Jah Une).

Não saber os significados dos símbolos que fazem parte da identidade rastafári gera um desconforto enorme para este que os carrega. Em meu contato com o entrevistado acima, ele me relatou algumas situações constrangedoras. Como pessoas tentarem esconder bolsas, sustos, comentários preconceituosos e até abuso de poder, em um exemplo que ele conta de tentar passar na porta de um banco e o guarda travar, ele disse que não estava com nenhum objeto que impossibilitasse a sua entrada, mas ainda assim travava. Ele afirma que, depois quando percebem que ele é um sujeito confiável fica tudo bem, mas a primeira impressão geralmente o constrange.

Quando você adere o rastafári, você bota os dreadlock e tal, deixa crescer, você tem que tá muito ciente da ideia assim...porque é força muito sabe? A missão é forte mesmo, é revolução, é evolução e é bom! É bom demais, é muito bom sentir no coração (...). Quem tem que se considerar é a própria pessoa, se ele se enxergar que é um rasta, ele vai ser um rasta, entendeu? Porque o rasta não adianta só querer, entendeu? Ele tem que ser mesmo, se ele sente, quando ele sente que ele é o amor, ele vai sentir também que ele é rasta, entendeu? Ele vai seguir o rasta, se ele botar o rasta nele (botar os dreadlocks) e olhar diante do espelho e ele conseguir sentir a essência dele e vê: nossa aqui sou eu. Ele vai ver: eu sou um rasta, aí ele vai ver que é um rasta mesmo (...). Eu digo de coração aberto que eu sou! (...).Esse é o meu terceiro rasta (dreadlocks) deixando crescer, minha terceira vez. Quando eu cortei o primeiro, quando eu me olhei no espelho sem cabelo, nossa, não era eu, sabe? Passei um bom tempo sofrendo assim, porque eu cortei pra trabalhar, pra ganhar dinheiro e tal, trabalhar e tudo. Então, muita gente começou a falar: “Ah nossa, agora você tá com uma aparência muito melhor, tá até bonito e tal num sei o quê”. Mas ai eu não estava me sentindo bem, ah eu to bonito, beleza e tal, mas não estava me sentindo bem! Eu não quero ser bonito, eu quero é tá bem véi, sentido a essência mesmo, eu quero é ser eu, entendeu? Eu gosto de ser eu, onde quer que seja, eu gosto de ser eu, entendeu? Qualquer situação, eu também procuro muito ser eu”. (Ed Ras).

Não é pra ser moda, o rasta não é pra ser bonito, o que vai lhe tornar bonito, vai ser suas atitudes, sua luz interior. Bonito mesmo é a natureza, são as boas ações, o amor e não o que o mercado quer mostrar. “ a mulher bonita é aquela que tem o corpão e que num sei o quê, tem que ter um cabelo assim, tem que usar uma maquiagem”. Isso aí é só pra iludir, entendeu? “O homem tem que ser aquele que tem que tá com a barba feita na gilete, o cabelozim totalmente social”. Mentira! Eles querem impor isso aí, querem impor e esquecer das nossas raízes, entendeu? (...) Você nasce já como se fosse um produto pro mercado. A gente é quase como um produto e não questionamos. (Ed Ras)

É importante relatar que os rastas usam dreadlocks, já comentado aqui anteriormente, porém, eles afirmam que um verdadeiro rasta não está na aparência, mas no espírito. Portanto,

há rastas que não usam o estilo de cabelo dreadlocks e isso não os impede de sentirem e vibrarem com a força de Jah. Edson relata que é comum quando está fora do palco, pessoas passarem e ficar olhando ou comentando, mas afirma que já está acostumado e não se importa, assim como recebe olhares de reprovação, recebe também elogios.

3.4 Natureza, vegetarianismo e o não consumo de bebida alcoólica

O rasta está inteiramente ligado com a natureza, um fator interessante da presente pesquisa, é que o meu contato com os sujeitos, minha pesquisa de campo, fora dos palcos e dos estúdios de ensaio e gravação, foram sempre em lugares expostos à natureza. De baixo de um cajueiro na universidade, na beira do rio na avenida maranhão, em uma praça com bastante árvores, etc. A questão do respeito à natureza é bastante comentada, sempre se referindo a fauna e flora com sabedoria e apego, os rastas pregam pela união homem-natureza.

Como já citado, o movimento rastafári prega certas leis de dieta, como o não consumo de carne e de bebidas alcoólicas. Dentro da banda Jah Une há integrantes que são veganos como Antônio Aglildo (guitarra e voz) que também não consome bebida alcoólica, temos Wanderson Kamylo (contrabaixo) que é vegetariano e também não consome nenhum tipo de álcool. Na banda Regaplanta temos o Pedro (baterista) e o Fernando (baixista) vegetarianos, e Edson, (carreira solo) não consome bebidas alcólicas.

Eu bebia e tudo, participei mesmo dessas coisas. Mas hoje em dia eu não bebo mais, mas também não tenho preconceito de ter como amizade ou viver ao lado dessas pessoas, porque queira ou não, era eu ontem ali, hoje eu já me sinto assim um pouco mais limpo, porque não passar também, né? Chamar os irmãos pra se sentir mesmo... Todo mundo bem assim, melhor mesmo, porque eu vejo que uma coisa que pode acabar mesmo assim, com muitos jovens assim... Nossas crianças, também é o fato dessas propagandas na televisão ensinando a beber cerveja já e tal, tem a mulherzona bonita ali e tal, o cara se interessa por aquilo ali e que aquilo ali que é uma diversão e pá. Eu num vejo muito por aí não, eu não vejo muito por esse lado não, acho que uma das maneiras assim de reeducar nossas crianças, poderia ser pelo lado diminuindo isso aí e tudo, consumismo de... uma alimentação às vezes enganosa assim, né? Muita carne, muita gordura, muita coisas assim também, né? Influencia muito na matança de animais exageradamente. Às vezes uma pessoa pede... uma família de quatro pessoas pede três quilos de carne e não come nem um direito e deixa lá o resto jogado ali, e já vai pro lixo aquele negócio. (Edson).

Essa fala acima foi no começo de minha pesquisa, nessa época Ed Ras ainda consumia carne em sua alimentação diária, contudo, com o passar dos anos, ao longo da presente

pesquisa o Ed Ras foi modificando certos hábitos, estaria ele, se aperfeiçoando ao movimento rastafári. Como dito por ele, em uma conversa: “O movimento rastafári é a minha faculdade”.

Sim, hoje em dia eu pratico o “Vegetarianismo”, naquela época não, hoje em dia eu já pratico mais, a única carne que estou comendo é a carne de peixe, mas a carne de peixe em si, alguns Rastas também praticam Tipo: Dadaiuti por exemplo né, Bobachante, come peixe também, várias outras, Ojahn também, que é um guerreirão também que me ensinou muita coisa, também come peixe. O peixe eu já vejo uma coisa assim que já tem várias citações na Bíblia né, Jesus Cristo também já compartilhou o pão com seus discípulos e tudo, então o peixe eu já vejo mais como alimento pro homem, mas não todo dia aquele negócio entendeu? Se possível uma vez na semana, ou num dia especial, entendeu? É melhor você praticar mesmo só o Vegetal mesmo. Álcool eu já estou com quatro anos sem nada, sem beber. (Ed Ras). Passei muito tempo da minha vida...tipo, eu sou formado em curso de cozinha no SENAC, então eu trabalho com tipo de comida e tal com carne, preparar peixes, e hoje em dia eu não como mais, hoje em dia eu não como. Procuo não fazer toda minha alimentação de alimento vivo, sem matar nenhum animal. Porque eu acredito também, eu não reprovoo o ato de você comer um animal, porque se não eu estaria renegando a minha própria natureza, porque os animais, meus irmãos animais comem os outros animais, é uma fonte de alimento, mas os animais são todos livres, a gente não pode aprisionar o animal, e prender o animal, nascer só pra comer o animal, não pode aprisionar o animal. Tem aquela carne de Vitelo, que é o embrião da vaca, entendeu? Quando a vaca tá grávida, matam ela quando ela tá grávida, que é pra pegar a carne do recém nascido. Então é um desrespeito tão grande com a vida, só por conta de um sabor. Então eu acho que isso aí é errado, mas eu na minha casinha, lá na toca de índio, eu, com minha mulher e minha filha eu pular aqui no rio aqui, armo uma redezinha aqui e pego um peixe, mas aqui eu fui esperto, eu sei fazer armadilha e tal, tenho que usar isso aí, mas o peixe nasceu livre, vacilou pra minha armadilha aqui, mas ele nasceu livre, dei oportunidade dele viver, constituir família, entendeu? Eu não posso chegar e só acabar com a vida não.

O bezerro, por exemplo, porque a gente assim, a gente tem o nosso filho aqui, rapaz ele não pode nem ir pro sol, sair pra pegar um sereno, ave Maria, uma zuada de uma buzina pro nosso filho, ave Maria, pois o do bezerro ele nasce é dentro do matadouro, ele nasce em cima do sangue da mãe dele, a mãe engrávida já sem querer, não quer botar o filho porque sabe que ele vai morrer, vive naquela tristeza, então toda essa tristeza do animal, gera uma maldade, a gente come isso aí, entendeu? Tá comendo o fruto dessa maldade e tudo por causa de dinheiro entendeu? Tudo é por causa do dinheiro, então eu acredito que eu deixando de comer isso aí, deixando de comer eu vou tá dando exemplo pra que isso ai acabe, entendeu? E volte a ser o como era antes, não é você deixar de comer carne não, mas você ter um galinheiro, uma coisa reservada ali, tira um ovo, come um ovo entendeu? Agora você...Tem cara que tem um milhão de cabeça de gado e não sabe nem de nada, mata trezentos gados por fazenda que ele tem, cada fazenda que ele tem mata trezentos gados todo dia, e ele tá ali só lucrando com isso, ele não pensa em nada disso aí, não tá voltado pra nada, então isso que eu acredito que ela tá seguindo um falso deus. (Pedro, baterista da Regaplanta).

Nos trechos das entrevistas acima, pode-se observar o quanto o movimento rastafári influenciou e levou mudanças no comportamento, no dia-a-dia dos sujeitos aqui pesquisados. Praticar as ideologias do movimento como não comer carne de animais, não consumir bebida alcoólica e fazer uso dos dreadlocks, identificam os rastas tanto da banda Jah Une, quanto da banda Regaplanta e do seu ex- vocalista Ed Ras. Além dessas práticas, a identidade dos rastas

é marcada pelo modo como eles veem o mundo, eles tem uma aproximação forte com a natureza, com a mãe terra.

Cito como exemplo um próximo de mim, o baixista da banda Jah Une, Wanderson kamylo, este é meu amigo pessoal de longas datas, conheci antes dele tocar em bandas de *reggae*, antes de ser da religião do Santo daime, antes de ser um rastafári. E é perceptível a diferença do antes e depois da inserção ao movimento. Wanderson, ingeria bastante bebidas alcoólicas e também usava a ganja sem medidas cuidadosas, hoje, após entrar para o movimento rastafári, o baixista Wanderson, não ingere de qualquer maneira álcool e nem carnes em sua alimentação e ainda passou a utilizar a ganja apenas dentro de rituais de relaxamento físico e espiritual, venerando a Jah.

As figuras expostas, por exemplo, no CD da banda Regaplanta, representam a mata, os índios e os animais, de forma a valorizar esses elementos, valorizando assim suas raízes, a capa do CD é pautada em elementos brasileiros, como a figura do índio. Essa forma particular de enxergar a vida, valorizando a natureza, faz referência ao estilo de vida rasta, onde podemos perceber também nas letras de suas músicas.

3.5 O Que é a Babilônia?

Outro ponto crucial que não pode faltar ao falar de movimento rastafári é o que seria a famosa Babilônia, tão citada em músicas de *reggae*. Esse foi um dos meus primeiros questionamentos quando adentrei nesse caminho espiritual e musical, o fato de tantas bandas criticarem a Babilônia me fez refletir sobre o que ela seria para os rastas e o que ela representa dentro do movimento rastafári.

Pois pra mim a Babilônia é todo esse sistema cultural e milenar, que já está aqui antes da gente nascer, que já tá estabelecido antes da gente nascer, esses valores que carregam muita maldade. Por que “que” carrega muita maldade? Porque foi feito pelo opressor, impondo os que são oprimidos a aceitar a voz do opressor, e a gente “eu” não aceito ser oprimido de forma alguma, eu luto pelos meus direitos e por isso que a gente luta contra a Babilônia. Essa pergunta é realmente importante, eu também acho. O que seria a Babilônia? Porque muitas vezes a Babilônia é confundida com a selva de pedra, com o concreto, como se fosse a cidade, não! Você pode estar dentro da floresta e carregar a babilônia dentro de você, como você pode tá na cidade e tá queimando a Babilônia aqui de dentro da cidade, entendeu? Então, acho que essa questão do que é Babilônia, é muito importante a gente tá discernindo aqui. Não é uma coisa física palpável, que a gente possa apontar, mas é como o Moisés falou: essa maldade, essa maldade que você carrega dentro de você, esse sentimento ruim, a inveja, a competição, querer que.. Você só consegue se sobressair quando seu irmão tá na pior, você não consegue crescer junto com seu irmão, isso tudo é babilônia. Isso tem na Floresta, isso tem dentro das igrejas, isso tá em todo lugar, então a Babilônia está dentro do ser. A sua forma de queimar a

babilônia é limpando o seu ser, e a gente queima a Babilônia. Na verdade a Babilônia, esse sistema de valores já está aí antes da gente nascer, então a gente é imposto a esse sistema antes da gente saber pensar. Então, quando a gente começa a pensar a gente vê que dentro da gente em vários valores, várias coisas que estão erradas, que a gente tem que destruir, no caso seria assim: o grande inimigo da gente é a gente mesmo, no caso, né.. essa babilônia que a gente já internalizou, que foi internalizada antes da gente pelo menos saber pensar, mas agora que a gente sabe, é hora de lutar.

A Babilônia de acordo com os rastas da presente pesquisa é um fator social e espiritual. Ela já vem embutida na sociedade, e nos precede, é aquilo que nos implantam socialmente, as regras sociais, que por serem tão “naturalizadas”, poucos questionam se é certo ou se é errado. Mas também é espiritual, porque vem de dentro do seu eu interior, como a inveja, a ganância, a maldade em si. Contudo esses fatores aqui citados, inveja ganância, etc são proporcionados por um padrão imposto pela sociedade. O que leva a Babilônia ser intrinsecamente relacionada a modernidade líquida discutida por Bauman.

4 UM ENCONTRO PARA ALÉM DA MÚSICA: PERFORMANCE, NOVA ERA E ANÁLISE MUSICAL.

Iniciarei este capítulo falando sobre os sujeitos desta pesquisa e como se deu o meu contato com estes. Regaplanta é uma banda autoral que surgiu em 2009, com músicas escritas por toda a banda, tendo uma maior influência do Pedro Barros, seu baterista e do Edson, que atualmente já não faz parte da banda. Suas letras retratam a espiritualidade, reforçando a figura de Jah, assim como as ervas usadas em rituais e o apreço pela natureza. Dentre os integrantes, alguns são *rastas* e outros não, o que possibilita salientar que a análise foi focada na identidade da banda, já citada no capítulo anterior.

Regaplanta tem um grande público teresinense, durante os shows observou-se que a banda consegue conquistar o seu público facilmente e que o mesmo geralmente é bem comunicativo e diverso. Dançam, cantam e pedem músicas. É uma banda querida no cenário musical teresinense, sendo que seus fãs sabem as letras das músicas, apesar de ser uma banda autoral. Partindo do ponto que é perceptível que na capital do Piauí as bandas covers chamam mais público, assim, Regaplanta seria uma das exceções do cenário cultural teresinense. Uma banda autoral que conquistou fama e público.

Como já dito anteriormente, Regaplanta foi meu foco de estudos desde a monografia na graduação, contudo, durante o mestrado, a banda mudou e se reinventou. Quando a Regaplanta foi meu caso de estudo em 2013, a banda era composta por 11 (onze) integrantes, hoje (2016) a banda é formada por seis integrantes. Em entrevista, eles afirmaram que essa mudança só veio a acrescentar na banda, tanto da forma musical quanto espiritual, pois afirmam que um grande número de integrantes carregava um grande número de ideias e gostos diferentes. Alguns gostavam de rock, outros de forró, etc. Agora a banda afirma que as ideias e os gostos musicais estão mais homogêneos, e assim ficaria mais fácil de conduzir a banda.

A gente estava num processo de banda que nós éramos onze, né. E isso foi pesando, não só por conta do trabalho de ter que contratar e de ter que pagar todo mundo, porque todo mundo estava meio aberto pra isso, podia não receber, mas ainda assim acontecia muita, digamos que, pensamentos diferentes, quando na hora de se encontrar pra resolver alguma coisa, porque a gente sempre deixa aberta a ideia pra todos, na hora de se concentrar pra pensar e alguma coisa, eram onze pensamentos diferentes, entendeu? Uma coisa que a gente não vê mais hoje, já que “é” nós seis, nós somos mais parecidos, então quando um dá uma ideia, os outros já acatam mais rápido, essa decisão tá muito mais fácil, foi um dos principais benefícios eu acho, principais ganhos que a gente teve, nessa “enxugada”. Melhorou muito essa ideia, porque agora, tipo assim, é como se a gente tivesse sempre muito próximo, na verdade Moisés, Pedro e Fernando que já são irmãos, o Felipe que vive com a gente, anda sempre com a gente, é irmão também, tá sempre com a gente, o Gomes que é Vizinho, já era vocalista da banda no início, saiu por outros motivos, voltou agora,

vocalista de novo, então tá muito mais coeso agora, quando a gente dá uma ideia é bem mais fácil todos acatarem a ideia, de todos gostarem. O Estilo musical também, a gente gosta do estilo musical mais parecido. Como era onze, um gostava de Rock, o outro gostava de forró e o outro gostava disso ou daquilo, então trazia vários estilos diferentes pra gente, então como a gente tá mais alinhado, os seis alinhados no mesmo estilo de Reggae, então fica muito mais fácil da gente trabalhar essa parte musical também. (Banda Regaplanta).

A banda afirma que todos tentam trilhar o caminho rastafári, mesmo que alguns ainda bebam algum tipo de bebida alcoólica, por exemplo, eles estão cada vez mais diminuindo essa prática, um auxiliando o outro, buscando um progresso coletivo. Um fato importante que aconteceu em 2014 e que não cheguei a escrever na minha monografia, pois o ocorrido foi um dia antes da minha defesa, foi o fato de um dos integrantes, Moisés, ter sido preso por terem encontrado uma quantidade considerada de ganja (maconha) em sua residência.

Como pesquisadora, não pude deixar de questionar ao pesquisado sobre essa vivência na prisão. De acordo com Moisés, guitarrista solo e voz da banda Regaplanta, o momento foi constrangedor, pois a mídia fez questão de lhe expor, contudo, ele afirma ter sido uma experiência válida, que o ocorrido serviu para o fortalecer. Seu irmão e baixista da banda, Luís Fernando, afirma que ficou bastante chocado, pois Moisés, era a pessoa dentre eles que mais tinha a possibilidade de compartilhar a erva sagrada e que mais lutava pelo fortalecimento desta na sociedade, e por isso, ele afirma, que percebeu que os políticos e policiais só vão atrás dos “grandes”, aqueles que realmente são guerreiros e lutam pela causa da legalização.

A banda Regaplanta afirma que a sociedade “treme” com a planta sagrada, os políticos, os capitalistas. “Já pensou você plantar seu próprio remédio em casa?” fala da banda, afirmando que a legalização da erva traria benefícios para um povo, mas para os capitalistas começaria uma guerra, pois estes vivem na babilônia e buscam, mesmo de forma indireta, prejudicar a evolução de muitos.

A banda explica o seu conceito sobre a Babilônia, esta não é algo material, mas algo que está dentro do indivíduo. Eles explicam que muitos confundem babilônia com a selva de concreto, que seria a cidade, o mundo visível e material, cheio de prédios, indústrias, consumismo e capitalismo exacerbado; já a babilônia, o indivíduo pode estar na floresta e carregá-la consigo, que seriam as energias ruins, o pessimismo, o rancor; portanto, também poderia viver na cidade e combatê-la, ou seja, a babilônia, o indivíduo pode combater em qualquer lugar, como também pode carregá-la para onde for. Mas completam que esta também está ligada diretamente ao capitalismo, pois o mesmo gera coisas ruins que acabam

influenciando na construção da babilônia dentro de cada um, como por exemplo, o individualismo.

Nos shows, várias vezes, tanto no decorrer da música quanto nos intervalos entre uma e outra, seu vocalista fala sobre a cultura rasta. Pode-se encontrar, também, mensagens nas letras das músicas que retratam vários aspectos ligados ao Movimento Rastafári como: Jah, plantas de poder, Etiópia. A banda Regaplanta destaca-se em sua performance no palco, pela sua estética, suas vestimentas e os *dreadlocks* de seu vocalista.

A banda também se utiliza de customização de camisetas para gerar renda, eles fazem camisetas com sua logomarca, tendo como maior objetivo das vendas gerar renda e também divulgação. Tais camisetas só estão à venda na internet. O dinheiro ganho nos shows e também com a venda das camisetas é utilizado para suprir as necessidades da banda, como investir nos instrumentos, na gravação do CD e DVD. Todo o dinheiro investido na Regaplanta é resultado do seu próprio trabalho.



Para Wisnik, o corpo e a música estariam relacionados desde as partículas mínimas do som (o pulso) aos exercícios interpretativos na execução musical. Ele explica que o ritmo está na base de todas as percepções, desde bebê, ou mesmo antes disso como ele afirma “O feto cresce no útero ao som do coração da mãe”, o ser humano é capaz de se embalar com sons e nesse embalo descobrir um universo de emoções. A música teria um grande poder de atuação sobre o corpo e a mente.

O grande e famoso lema da banda é: “Chama a força, família Regaplanta!”. Durante as entrevistas, assim como também observei pela página da banda no *Facebook* e também nos agradecimentos na capa do seu CD, ao dizerem “Chama força!” referem-se não a força física, mas literalmente a força espiritual, as positivas vibrações, as boas energias. Ao se referirem à família, explicam que significa “Todos juntos somos um só” (Frase tirada dos agradecimentos do CD). Aqui o termo família é utilizado para se referir a todos aqueles que acompanham, incentivam e torcem pela banda.

Regaplanta foi uma luz abençoada por Jah. Assim, foi uma coisa porque... desde do começo sempre foi chegando com a gente. O cara que fez a capa do nosso CD, o desenho do nosso CD, o Luís Felipe é um artista que se garante mesmo, é um artista plástico e ele é um artista mesmo com aquele negocio de design, computação e tudo, ele se garante e ele chegou pra gente e ele que propôs: “mermão quero fazer de coração e tal, porque gostei mesmo da ideia, eu senti uma coisa boa de vocês e tal”, chegou e somou. Então ele é parte, né? Então a família Regaplanta que a gente fala é isso, esses caras que estão chegando assim, esses homens, essas mulheres, as ideias da geração que estamos passando agora, geração de Emanuel, né? Do Cristo e tal da Nova Era, é isso daí, príncipes e princesas se erguerão pra trazer o novo tempo, revelar um novo tempo então é isso que tá acontecendo, a gente tá se unindo, cada um na sua missão. (Trecho de entrevista com a banda).

Encontra-se nesse trecho da entrevista com a banda, referência a Nova Era, está como já citada anteriormente, busca uma harmonia entre mente-corpo e espírito; harmonia esta bastante procurada pelos rastas da presente pesquisa. Através da Nova Era, eles enxergam um novo mundo, mundo de mudanças e crescimento espiritual.

Sabe-se que a Nova Era não é uma religião, no caso dos novaeristas eles têm como propósito a busca do autoconhecimento e da transformação, uma intensificação da espiritualidade, que faz com que estabeleçam uma relação homem-natureza diferenciada da ideia de dominação, predominantemente no pensamento iluminista. Tal visão apresenta como característica uma nova forma de lidar com a espiritualidade em que não se observa uma separação entre corpo-mente-espírito, provocando uma nova postura em relação à dimensão do sagrado e aos cuidados com a saúde. A partir dessa visão de mundo, eles têm desenvolvido determinadas práticas que envolvem filosofias, técnicas, tradições e rituais, desencadeando a emergência de um novo mercado e abrindo uma forte concorrência com a medicina alopática e a psicologia convencional. No campo da religiosidade, os novaeristas têm provocado mudanças nas formas de lidar com o sagrado. (CAVALCANTE, 2009. pg. 17)

O cenário rastafári na cidade de Teresina seria particularmente as bandas de *reggae*, estas possuem integrantes inseridos no contexto da Nova Era, não somente por recitá-la em composições musicais, mas pela busca de uma nova realidade pautada na espiritualidade, pela busca do autoconhecimento, tornando-se assim um ser capaz de mudar a si próprio e o meio em que convive.

Acredito nesse ano de 2014 ai chegando é nova era, essa espiritualidade tá bem mais aflorada, tipo tem uns picos nas épocas, tipo década de 70 por exemplo, o pessoal estava nesse auge de evolução de buscar pela liberdade, sair do sistema, tinha muita droga no meio e tudo. Eles puxaram pra outro lado, ele levaram pro extremo, a situação estava no extremo tão reprimido que chegou aquela sociedade pra puxar pro outro extremo de libertação, que é pra gente chegar aonde estamos hoje, mais equilibrado, entendeu? Nem tão reprimido, nem tão liberto, tá todo mundo mais consciente. E a gente está nessa década ai depois, a gente é então, o resultado de tudo que aconteceu da proibição, depois daquela liberação exacerbada, depois de uma repressão de novo, veio a ditadura, e aí já estamos aqui, estamos nessa época bem aqui, a ideia dessa época bem aqui, que eu acredito é a espiritualidade, é o desvendar de cada um. Porque a gente já viu que a televisão não resolve nada, televisão só prega o que ela quer, já vi várias religiões ai se contradizendo, padre com pedofilia, tudo voltado pro dinheiro, papa com tudo de ouro. Então eu não acredito que isso aí, não é onde eu vou depositar toda minha fé não, eu deposito toda minha fé mesmo é no olho no olho de cada um, a luta mesmo pra gente e conseguir o que quer mesmo é no dia-a-dia bem aqui, conquistar o outro aqui meu irmão e acreditar nisso ai e fazer a parte dele, pra ele fazer isso aí com outro, daqui de baixo mesmo, da terra mesmo, como se fosse raiz até crescer, pra poder chegar lá, até chegar mesmo num programa de televisão levando a palavra mesmo. A nossa arma aqui é a música, que a gente tem, a gente luta com essa espada que cabe na mão.

A nova era é uma coisa que é assim, a gente vai passando por vários processos né? O mundo vem passando por vários processos, chegou um momento agora que o contato com a espiritualidade essa visão pra espiritualidade que a gente tá dizendo, esse contato mesmo com o altíssimo, tá muito mais fácil, muito mais simples pras pessoas entenderem agora, eu falar isso aqui há um tempo atrás era um absurdo, eu ia ser condenado, hoje se eu falar...um cara que nunca ouviu falar disso, se eu falar pra ele, ele: “é mesmo, pode crê”. Entendeu? Como se já tivesse aqui, já tá fácil agora, já era, já chegou, entendeu? É aqui agora, já era agora é nós.

A nova era, na hora que você acordou, que viu, chegou nova era. Eu acho que agora tá chegando...porque tá chegando pra todo mundo, é a hora que a gente tá vivo, tá lutando é agora, tá mais fácil, tá aí agora. “Chegou-chegou o Leão de Judáh chegou”(Começam a cantar essa parte de uma música).

Qualquer coisinha já tá lá lição, é isso a nova era. Olha ai ó, fazendo a monografia da ideia, monografia! Tá indo pras universidades a ideia, é a nova era! Isso aí é nova era demais, entendeu? Nova era aí... Não tem nem uma coisa certa, não existe um conceito não, a gente tá acabando de vivenciar uma coisa, nova era é isso aqui, olha aí um exemplo aí.

Por exemplo, tu vai fazer esse trabalho né? Tem o trabalho que tu vai fazer com teu professor e tudo, além disso aí, tu vai ganhar outras coisas, tá ligado? Tu vai saber, vai ficar pro resto da tua vida tu vai entender alguma coisa, tu vai saber disso aí, então a mesma ideia, chegou a ideia, já tá aqui nova era, chegou em ti, chegou pra ti. Rapaz aonde eu ia pensar, quando eu era criança que alguém ia fazer um trabalho sobre uma banda de *reggae* aqui em Teresina? Eu pensava que *reggae* era outra coisa, só via na televisão notícia de que não sei quem morreu no baile de *reggae*. Na hora que eu fui conhecer a ideia do *reggae*, foi que eu entendi a sociedade toda por trás de tudo, por trás dos panos com aquele sorriso bonito enganando todo mundo, e nada, a realidade é outra, a realidade é a vida aqui. A babilônia já tá é queimando.

As pessoas estão vendo mesmo já não funciona mais, o sistema já se quebrou, tá todo mundo vendo que isso aí não existe mais. Hoje a gente tem programa de saúde, por exemplo, entendeu? Não existia programa de saúde, como se alimentar bem, entendeu? Queira ou não, chegou a hora disso aí, do ser humano viver bem, se alimentar bem. Quase todas as propagandas da televisão mostrando, num sei o quê, paz e amor e num sei o quê e depois caixa econômica federal, seu mais novo investimento. Ainda assim o comercio agora tá usando o bem , porque é o que tá dando, entendeu? O comércio sempre se apega no que tá dando, quem é que quer ficar numa coisa ruim? Não tem no mundo quem queira não, só que aí a gente vai produzindo às vezes sem saber, desde pequeno o cara vai aprendendo, aí se ele não se ligar assim, numa vida saudável, na amizade, no ciclo de amizades, lugares onde

frequentam, o que ele vai falar no dia-a-dia, o que ele vai fazer. Porque a gente tá vivendo aqui, aí tem todas as energias aqui, dependendo das pessoas que você anda, dos lugares que você frequenta, das coisas que você anda fazendo, pode ter energias positivas...até o que você tá pensando mesmo, muito pessoal, o que você anda fazendo, praticando, quais são suas ações, você faz isso pra que, entendeu? Tipo assim, eu não faço nem o mal, mas aí você faz isso pra quê? Tipo, “não, eu vim aqui, estou fazendo e até hoje eu faço, pronto.” Nem sabe, foi levado pela vida, entendeu? Ele não viveu foi levado pela vida, quando foi vê: “eu fiz isso aqui tudo, foi mesmo? Ah!Eu fiz isso aqui a vida inteira”. Foi levado, mas ele tá consciente das energias que ele tá tendo, do lugar que ele vai, das pessoas,aproveitar verdadeiramente a vida, né? Tá presente, pra presentificar a ideia, presentificar mesmo o ser, está aqui hoje, nessa situação bem aqui, aproveitando isso aqui agora. Na nova era todo mundo sabe que tem que cuidar da saúde, da alimentação e tudo. Antigamente o pessoal...vários obesos lá e tal, era bonito e tudo porque era sinal de fartura e tal, quem era rico, os reis, geralmente, pobre que era magro era feio e o cara morria cedo com problema de saúde e tal, hoje a gente já sabe que toda mal alimentação leva a isso aí, então quem tá nessa aí, já sabe , isso aí é Nova Era, entendeu? Quem tá nessa aí vai enfrentar as consequências sabendo, porque sabe que tinha que ter mudado. A nova era é isso aí, é a busca de informação. Antigamente era bonito o cara que era mais gordo, aí morria de infarto e era isso mesmo, hoje em dia o cara sabe, que se ele for obeso ele tá mais propenso de morrer de infarto, então ele já vai sabendo, a consciência já está nele, se entrar, já entra sabendo.

Eu acredito que a Nova Era é tão forte hoje, em todo lugar, que até o prefeito que tá roubando tá sabendo, ele já sabe que vai pagar, vai chegar a hora que o cobrador vai chegar nele. O ladrão que tá roubando pra alimentar o filho dele, ele sabe que não devia roubar. Gente que chega pra falar da vida alheia, entendeu? Sabe que tá fazendo coisa errada, eu acredito que seja tá fazendo um pacto com uma coisa ruim, porque vai ter uma volta ruim, entendeu? Já tá ciente disso aí, é uma coisa que maior. Se você fizer um pacto com uma coisa boa, você vai fazer o bem, vai reformar, que não importa que seja pra você o bem, mas vai pra aquela pessoa, que no final espalha pra todos nós, pra terra, pra uma energia superior. Nova Era é isso aí meu amigo, é só você saber que a ideia existe, a ideia já existe, já tem uma força, a gente já tá em cima do palco falando pra todo mundo da ideia, entendeu? É nova era! Até os astrólogos...Mas meus estudos são poucos sobre isso aí, mas os caras sabem até matematicamente isso aí, explicação porque já é tudo sabido mesmo, já é tudo certo, Deus mesmo que rege o mundo, é o astral, é inevitável. Isso aí é inevitável, chegou a hora mesmo.

Olha aí, nova era aí, o que é nova era aí? A gente aqui essa hora da madrugada, quem que ia imaginar que ia tá aqui, seis pessoas aqui com uma menina conversando num quartinho, conversando sobre o quê? Libertação! Tá ligado? E várias pessoas não tem isso na cabeça, se tiver numa situação dessa é com outros pensamentos, entendeu? Não conversar sobre isso aqui, nem lembra mais da origem, nem leva isso na vida. Então eu acredito que a nova era tá chegando pra cada um levar espiritualidade em sua vida, eu acredito que tá chegando, queira ou não queira todo mundo sabe que tá errado as coisas. A minha vó já tá percebendo as coisas de errado, assim como minha mãe já tá bem melhor do que minha vó, sabendo muito mais coisas, muito mais aberta, assim como eu já estou muito mais aberto do que minha mãe, assim como minha filha vai tá muito mais aberta do que eu, entendeu? É isso aí a nova Era.

Brasil tem 500 e poucos anos, mais de 300 é de escravidão. Ainda hoje tem escravidão, bem aqui oh, quem é que não tem um parente, um avô,que pega um menino no interior e bota dentro de casa, que faz massagem no pé, faz um arroz, aí bota no colégio e pronto, não recebe, não trabalha, trabalho escravo minha vó criou muitos assim, deu oportunidade e tudo, mas nenhum recebia e trabalhava, fazia massagenzinha, puxava o cabelo, “venha cá menino traz um copo d’água”, a escravidão ainda está por aí.

A Nova Era quer libertar de tudo isso aí, eu acredito que todo mundo já sabe que é uma coisa certa, entendeu? Cada um faz sua escolha na vida, hoje em dia você assume sua escolha na vida, se você escolher a coisa errada, você vai pagar por isso

ai, eu acho que muita gente morreu empune, porque viveu uma vida de luxo a custo de muito sangue e tal e eu acredito que a Nova Era não vai mais permitir isso aí, entendeu? Tá chegando a hora de você pagar por tudo que você fez. A gente ver isso aí, os caras tem tudo, tem todo o domínio, dinheiro e tudo, mas falta alguma coisa ainda. É tão tal que a depressão é a doença do século, né? A doença da atualidade. (Trecho de entrevista com a banda- falas de Luís Fernando, Pedro e Moisés).

A Nova Era aqui relatada pela voz do nativo, dos rastas da banda Regaplanta, destaca-se dentre outras coisas a ideia de liberdade, a chegada de conhecimento e de consciência, a crítica ao passado, aos erros da humanidade, como a escravidão, citada como um evento ainda presente nos dias atuais. Para eles, o movimento Nova Era traz uma nova consciência humanitária, o individuo está cada vez ciente de seus atos e deveres.

Dentro desse nosso contexto e da nossa vivência espiritual, acredito que nós estamos vivendo na nova era, que é um período de ascensão espiritual, né, onde todos os seres estão procurando autoconhecimento, a sua ligação com a divindade, é o que nos tem proporcionado essa ascensão espiritual. E chamamos isso de Nova Era.(Wanderson Kamylo – baixista da Jah Une).

Na capital piauiense, segundo Cavalcante (2009), o fenômeno Nova Era germina no início dos anos 80 com a implementação de grupos e associações de estudos esotéricos, ufológicos, academias de yoga etc, coincidindo também com o surgimento em outras capitais brasileiras como Rio de Janeiro, Brasília e São Luís:

[...] o fenômeno Nova Era floresce nos anos 80, data da mesma época o seu surgimento em Teresina. Na capital piauiense foram implementados: o Grupo de Estudos Ufológicos Alnilan (1982); Associação de Estudos Ufológicos Órion (1983); a Associação Piauiense de Grupos de Estudos Ufológicos (1983); a Fundação de Antroposofia (1983); a Escola de Biodança do Piauí (1985); Consultório de Astropsicologia (1986); Centro Espírita Lar de Jesus (1987); Restaurante Natural Raio de Sol (1988); Instituto Narayama de Yoga e Massagem Oriental (1987); Academia de Yoga De Rose (1988). Com a fundação desses grupos e a implementação desses espaços começaram a acontecer os eventos de divulgação da temática New Age na capital piauiense. (CAVALCANTE. 2009. pg. 63).

É possível destacar que os novaeristas teresinenses, até meados dos anos 1990, não eram tão jovens, bem como a Nova Era limitava-se a 7 (sete) espaços holísticos, os quais não faziam parte especificamente de religiões dos chamados novos movimentos religiosos. Tratava-se de vivências espirituais acompanhadas de terapias alternativas, de rituais e

principalmente de trânsitos religiosos em movimentos que trafegam pelas religiões orientais e ocidentais, antigas e novas, priorizando sobretudo as experiências místicas. Seus frequentadores são sujeitos remanescentes do movimento da contracultura, piauienses que na juventude dos idos anos 60 e 70 eram ativistas políticos de esquerda. (CAVALCANTE, 2009)

É interessante destacar uma mudança de geração ao longo dos anos do que seriam os novaeristas. Com a chegada do novo século, observa-se em Teresina um reflorescimento da Nova Era, na sua versão mais moderna. Encontra-se hoje na capital piauiense não só espaços holísticos como também templos de religiões que fazem parte dos denominados novos movimentos religiosos. O cenário teresinense que contempla a Nova Era hoje, abrange também a União de Vegetal (2002), Vale do Amanhecer (2003), o Santo Daime (2005) e o Movimento Rastafári.

Não se pode deixar de contextualizar o *new ager* no lugar e no espaço que lhe cabe, isto é, na sociedade contemporânea denominada pós-moderna por alguns autores. Pode-se afirmar que, de suas origens aos dias atuais, o fenômeno *New Age* caracteriza-se como um movimento de retorno ao sagrado e que sinaliza “crises”. Estas são: a crise de significado; a crise do paradigma científico; a crise ecológica; a crise de identidade, dentre outras, que decorrem e se desdobram sobre as primeiras. Em suma, suas vozes ecoam de lugares onde a insatisfação, o descontentamento, e por que não dizer, o “mal-estar”, se fazem sentir, numa palavra, o cerne da questão parece ser a busca de sentido e de liberdade, uma busca incessante e sempre renovada que tem acompanhado a humanidade. (CAVALCANTE, 2009, p. 87).

Os rastas utilizando-se do *reggae* como ferramenta de mudança e questionamentos, sinaliza as tais crises citadas acima. Trago a seguir uma música da banda Regaplanta que faz alusão à Nova Era.

Chegou a Hora

Se fazem guerra aqui na terra
 É porque não vivem na Nova Era.
 Nova Era é paz e muito amor
 É conhecer o seu valor
 e agradecer no seu dia-a-dia
 Por ter uma chance de viver com alegria.
 Se não sabes o que quer da vida
 Chegou a hora de saber!
 Escute meu irmão o que vim dizer!
 Você é luz assim como eu
 Capaz de apaziguar as guerras da terra
 E gritar bem alto BEM VINDO À NOVA ERA!

Escute meu irmão o que vim dizer!
Você é luz assim como eu
Capaz de apaziguar as guerras da terra
E gritar bem alto BEM VINDO À NOVA ERA!

A música *Chegou a Hora*, mostra que o indivíduo tem capacidade de lutar e vencer, de buscar um mundo melhor, com mais oportunidades. Sendo assim, capaz de diminuir as guerras da terra, a violência como a escravidão citada na entrevista acima. A música retrata o que seria a Nova Era para os sujeitos em questão, momento onde o indivíduo estaria mais aberto para os conhecimentos, mais aflorado espiritualmente, podendo assim mudar a si e o contexto em sua volta.

O fenômeno *New Age* não se apresenta de forma homogênea quando se refere às relações com as diversas instituições da sociedade capitalistas, as vertentes mais importantes são: a ala da contracultura e a ala da prosperidade. Os rastas tem uma identificação maior com a ala da contracultura, que seria aquela que se expressa através de festivais de músicas, oficinas e terapias espirituais, além da dedicação as práticas da Nova Era na perspectiva de transformar as instituições da sociedade convencional. No caso aqui estudado, os rastas utilizam-se do *reggae* para transformar a realidade social e cultural.

O antropólogo Anthony Seeger (1987), que conheceu os Suyá a partir de sua música, expõe como esta é fundamental para a organização do grupo, tanto para a construção como para a interpretação de processos sociais. Segundo o autor, os Suyá cantam porque através do cantar, eles podem restaurar e criar ordem em seu mundo. Cantar é para o grupo um modo essencial de articular suas experiências de vida com os processos sociais.

Para os rastas a música *reggae* é uma forma de conscientização através de sua própria experiência, seja através do convívio e ritual dentro da religião, seja pautado nas doutrinas do movimento rastafári. Através da música eles buscam construir um novo mundo, pois é através dela que os rastas questionam, alertam, conscientizam seu público na expectativa que este, também busque uma nova consciência, um novo mundo. Para Wisnik (1989), o som torna-se o elo comunicante do mundo material com o espiritual e invisível.

A banda Jah Une, é uma banda autoral que surgiu no finalzinho de 2012, sabe de maneira simples conquistar o público e assim, espaço consagrado no cenário cultural da capital. Esta banda se destaca principalmente pelas questões sócio-políticas que carrega, seja através de suas letras musicais, seja em mensagens passadas no palco, seja em sua rede social na internet, seja no seu cotidiano. Os músicos dessa banda estão sendo sempre vistos em protestos contra o desmatamento da natureza, sempre levantando uma bandeira política da

causa. Um exemplo disso é um movimento denominado #OCUPA PRAÇA, movimento pautado na preservação da natureza, esse é o seu foco- ambiental, contudo esse foco veio através de um mandato do atual prefeito Firmino Filho, que decidiu privatizar a Praça das Ações Comunitárias, localizada no bairro Parque Piauí, zona Sul de Teresina, e transformar esse espaço num terminal de ônibus do SETUT, tendo em vista o corte de mais de 200 árvores, prejudicando assim de diversas formas essa comunidade.

A praça, desde o dia 04 de outubro de 2015 encontra-se ocupada pelos moradores do bairro e por aqueles que também lutam pela causa, tentando proibir a entrada do terminal e por conseguinte, a derrubada de tantas árvores. Os músicos da banda Jah Une, também constroem esse movimento, estão sempre participando de reuniões, manifestações sociais e culturais promovido por este.



Dia 4/11/15 aniversário de um mês do movimento Ocupa praça.



Cartaz do natal Ocupa Praça – com a presença da banda Jah Une.



Manifestação S.O.S Rios na Avenida Maranhão, onde a banda Jah Une tocou a beira do rio.



Pare de destruir a natureza

Pare de destruir a natureza.
 Irmãos vamos aprender a nos preservar
 E preservar os rios
 As nossas plantas
 Ajude todo ser que aqui precise, seja mais um irmão da natureza
 Pratique a humildade em todo ser
 E lute pela onça pintada, pela arara, pelo mico leão
 Pelo sabiá, a anta
 o amigo bem-te-vi
 Por todos os macacos que estão em extinção
 Pelo beija-flor, por todos os bichos da mata
 Procure a luz, procure a paz
 Que ele vai te mostrar o verdadeiro amor
 Em harmonia com os irmãos para sentir a força de todo o universo
 Que manda a luz, aqueles que acreditam.

Na música acima da banda Jah Une, o que se destaca é a natureza, as plantas, os animais, os rios, trazendo assim, uma característica tanto do movimento rastafári como do Santo Daime, o amor pela natureza. Natureza esta, que também é vista como algo divino, pois está sempre auxiliando no cotidiano do rasta.

Percebo uma simplicidade nesta banda que não vejo muito em outras, aqui a ideologia do movimento rastafári aparece com mais força, visivelmente em suas letras musicais e em seu comportamento diário. Os rastas dessa banda sempre estão dispostos a tocarem em favor das causas que eles acreditam, como as de amor e preservação à natureza. Além de sempre falarem sobre o amor à natureza, citam também o amor ao próximo, um amor que é necessário cultivar e regar no dia-a-dia. Na modernidade líquida já citada aqui, onde o amor é banal, quebra essa lógica, mas os rastas vem para inverter e banir essa sociedade de relações intitulada por Bauman (2004) de líquidas. Nas músicas da banda Jah Une, *Cultivo amor com perdão* e *De amor* percebe a busca do amor como uma salvação.

Cultivo amor com perdão

Não existe amor sem perdão
 Não se brota flor sem compaixão
 Eu cultivo amor com perdão
 Eu rego a semente com o coração
 Porque a maior prova da luz na escuridão
 É o amor que te faz seguir.

De amor

De amor, de amor pra vocês
 Esta canção é de amor, de amor pra vocês
 Olhe para dentro do seu próprio ser
 Procure a verdade, faça merecer
 Cuidado com as armadilhas

Não desviei do caminho
 Pois a moral é o q você tem de melhor
 Não fraqueje irmão
 Pois estamos do seu lado
 Para lutar com força e propagar o amor
 De amor , de amor pra vocês
 Sinta essa canção
 Que mal pode fazer
 Ouça seu coração e deixe o amor lhe preencher
 (cuidado...)
 Pra destruir a babilônia vamos propagando o amor, o amor
 O amor a eu, o amor a você, o amor a nós

O movimento rastafári prega pela união homem-natureza, na busca por uma vida mais saudável e harmoniosa. A banda Jah Une é vista pela sociedade teresinense como uma banda que apoia a causa do não desmatamento, a causa da preservação do meio ambiente. Através desse apoio a banda é constantemente convidada a tocar em eventos que também divulgam essa causa. Jah Une, traz em suas letras composições voltadas para o cuidado e preservação da mãe terra, divulgando também as plantas locais e personagens nativos do país, como o índio. Como exemplo disso trago a música abaixo *Sopro do Tupi*, onde é relatada a força das plantas de poder, tendo a mata com um ser libertador.

Sopro do Tupi

Conheci a verdadeira cura no sopro do índio
 Conheci a verdadeira cura no sopro do índio
 Sucuri, arauete, uarani, kambo, karajá
 Sucuri, arauete, uarani, kambo, karajá
 Explanando seguindo na mata para libertar
 Explanando seguindo na mata para libertar
 Pra te acordar
 Acordar e ver, o que se passa para todo esse verde crescer
 Mostra índio, a cura, a cura do pajé
 Mostra índio, a cura, a cura do pajé
 Que trás a medicina do rapé
 Lançou, fechando, O sopro do tupi
 Lançou, fechando, O sopro do tupi
 Yanawa, kaxinawa, jiboia, sucuri
 Yanawa, kaxinawa, jiboia, sucuri

Ed Ras, outro coautor desta pesquisa, também como já dito, ex vocalista da banda Regaplanta, iniciou nesta, como percussionista, em seguida passou a ser o entregador das mensagens divinas, ocupando o espaço de vocalista, saindo da Regaplanta no ano de 2015, construindo sua carreira solo. Ed Ras afirma que deixou a banda porque busca compreender e viver o movimento rastafári para além de uma banda de *reggae*, não desmerecendo a força e a

dinâmica que as bandas carregam, mas ultrapassando as barreiras de palcos e fortalecendo uma busca espiritual.

A saída do Regaplanta veio mais da questão de que eu queria ir mais além do que banda entendeu? Não ficar na ideia só de banda. Então a banda já vem no merecimento assim de você poder tocar né, você ter o dom de cantar, o dom de tocar a música *Reggae* entendeu, mas no momento que eu estava na banda Regaplanta, chegou o momento que eu precisava ir mais além entendeu, tipo porque na banda eu responderia por todo mundo, tipo era “o Regaplanta” né, e o Regaplanta já é muita coisa; Tem gente lá no caso que eu vejo que não se encaixava com a quilo que estava sendo feito, então de certa forma tem aquela “Os incomodados que se retirem” e eu estava me sentindo meio que incomodado com a quilo alí, porque como eu te falei, Rastafári é vida, é um estilo de vida, é um exemplo que você vai dar pro próximo, você vai chegar e passar uma mensagem ao próximo e você tem que tá praticando, pra que aquilo alí seja bem verdadeiro, como eu vi que a banda já tava trazendo uma coisa meio que falsa assim, não só aqui, em toda parte, em todos os continentes, em todo o Brasil, na Jamaica inclusive a galera já estava confundindo muito, já tava levando pro lado de estrela (Ed Ras).

Interessante observar na fala de Ed que, o fato de ter *reggae* sem está de fato pautado no movimento rastafári, o incomoda. Mesmo antes de sua saída da banda Regaplanta, ele sempre trouxe em suas falas um sentimento de angústia ao comentar sobre o *reggae* que não busca ascender espiritualmente, seja de quem esteja fazendo (músicos) ou seja de quem esteja recebendo (público). Ele sempre afirma que seu objetivo não é ser músico, mas sim ser um instrumento divino, um porta voz dos ensinamentos de Jah, e quando há pessoas que se utilizam do *reggae* (a música sagrada) para fazer fama, como ele diz “virar estrela”, corrompe o ideal rastafári.

Como já dito acima, Ed Ras, não se considera um músico de *reggae*, pois pra ele, músico trabalharia com sua música para buscar lucro, buscar reconhecimento artístico, fama e essa não é a sua pretensão. Ele não tem uma formação musical, fez poucas aulas de canto e instrumental. Ed Ras, se reconhece como rastafári e por isso afirmar ser apenas um instrumento de Jah no palco.

Eu não sou um músico entendeu, eu tipo fiz aula de canto, dois meses, mas tipo, não é nada, pra quem sabe, que estuda música, sabe que não é nada. E violão também assim tal, muito pouco também, um ou dois meses, porque eu não aguento ficar assim eu já saio, “num tem”. Então eu vejo como um Dom Divino que chegou até mim através da música eu utilizo isso, eu chamo a força, entendeu? Quando eu tô alí no palco, aquele momento antes eu me preparo e tudo, pro meu corpo, meu aparelho, servir de instrumento pra mandar energia positiva pros irmãos, não pra eu chegar lá como Ed Ras “o Cantor” ou Ed Ras o “Reggaeiro” entendeu? Eu chego como Ed Ras o Mensageiro, entendeu? Como instrumento do bem. (Ed Ras).

GUERREIRO DE JAH

Vivo como um leão de Jah

Meu nome é Ed Ras

Povo de Jah muito prazer
 Já já a força chega
 Quero ver o chão tremer
 Dançando o reggae rots
 Juntos eu e você
 A força positiva é que vai prevalecer
 Eu canto é por amor e não por dinheiro
 Jah o criador me fez mensageiro
 Espalhando a sua mensagem pro mundo inteiro
 Chamando de um a um
 Eu convoco os guerreiros
 Dou graças à vida de noite e dia
 Jah rastafári é a luz que me guia
 O verde da floresta é o que me inspira
 Um salve pros leões que cultivam *sensimilla*
 A erva sagrada veio para abençoar a todos guerreiros filhos de Jah
 A semente do amor eu vou cultivar
 Tudo nos é dado
 Só nos falta praticar.

Nessa música acima de Ed Ras, encontram-se vários fatores do movimento rastafári, como o uso das plantas de poder (as ervas), a crença em Jah. Mas, o mais interessante é que a música apresenta seu próprio compositor, divulgando como este propõe sua arte, afirmando que canta por amor e não por dinheiro, pondo assim mais um dilema travado pelo movimento rasta, a luta pela sua afirmação e a contra posição do *reggae* mercadológico.

Ed Ras relata dentre outras coisas como é importante seguir um caminho de “luz”, em qualquer coisa que o individuo faça, seja em casa, no trabalho, seja sozinho, seja com seus amigos e familiares, o indivíduo deve traçar uma estrada do bem e incentivar quem está a sua volta seguir também. Ele também comenta sobre o seu papel de músico, apesar de não se considerar um bom cantor, ele tem noção da influência que passa para seu público.

.Não ficar como só subir no palco e fazer aquela ideia ali... de artista né? Como se fosse um espetáculo, sim com certeza, ali...aquele momento ali, é o momento em qual o rasta entra em transi, meditação ali. Eu como me considero, eu me considero rasta e justamente eu consegui sentir isso né? É quando você sente Jah entrar dentro do seu coração e é ele que age, é quando você vê que você não é nada, que Deus que é grandioso, e você vê que aquela magia que ele tá ti dando ali, é dele, é uma coisa que você tem que saber entender e respeitar e passar pro irmão, passar positividade e vai indo. E eu vejo aqui em Teresina, assim eu já vi vários cantores, caras que cantam até mais do que eu, muito mais assim...acho que se for analisar de cantor aqui em Teresina, eu acho que vou ficar como último cantor aqui, se eu for pra um programa desses daí, eu também não vou conseguir muita coisa, tipo um *the voice* Brasil daqueles, eu não vou conseguir muita coisa, mas eu garanto que se naquele momento que eu tiver ali (no palco), eu garanto que se você fechar os olhos, os olhos que a babilônia ti dar e abrir os olhos do seu coração você vai sentir mesmo a força do rasta, naquele momento ali, entendeu? A força de Jah naquele momento. Então foi através disso daí eu vi muitas pessoas chegarem pra mim e falando, que enxergavam em mim uma coisa que nunca tinham visto antes entendeu? E tudo isso eu fui entendendo que era o processo que eu tava vivendo, as minhas vivências do dia-a-dia que eu estava vivendo, os meus estudos com as plantas de poder, as minhas

vivências Brasil a fora, em Teresina, nas matas de Teresina, na selva de concreto que é a cidade de Teresina, tudo isso aí, e essas pessoas chegando em mim, eu fui entendendo que eu estava no caminho certo, entendeu? Que tudo aquilo estava sendo verdadeiro mesmo, entendeu? Que era verdade aquele caminho, então era aqui que eu tinha que seguir. (Edson).

4.1 Os dois lados da música

É interessante destacar que em Teresina, encontramos particularmente dois tipos de *reggae*; o *reggae* analisado na presente pesquisa, que é pautado dentro de ideologias rastafáris, tendo assim um cunho espiritual bastante expressivo, e o *reggae* tocado em danceterias, como uma bastante conhecida, denominada de GD danceteria, onde se ouve o *reggae* de radiola, que geralmente tem composições em inglês. É perceptível a diferença entre o público. O público rasta é composto em sua maioria por universitários e/ou trabalhadores que se enquadram na classe média da cidade de Teresina. Já o público de radiola, seria um público da classe trabalhadora e com predominância de negros. Os locais que acontecem tais eventos também são diferenciados, a música rasta está ganhando espaço principalmente na zona leste da cidade, onde encontram-se várias opções de lazer, como casas de shows, bares e restaurantes, enquanto o *reggae* de radiola é geralmente encontrado nas periferias da cidade.

Nossas apresentações, nossas manifestações das mensagens de Jah, é uma coisa saudável, entendeu? É um ambiente família, você pode levar sua família e tal. O que eu estava vendo, vamos supor, as casas de show de periferia...é muita confusão cara, muita morte., sabe? E o noticiário da TV mostrava: casa de *reggae* e tal, morreram três baleados e polícia não sei o quê... E quando...imagina só, a banda Regaplanta e tal, sugeria: galera vamos pro show, show de *reggae*, e a galera: vixe vou nada, lá vai ter é confusão, vai ter é morte e pápápá, entendeu? Ai...o Regaplanta veio mostrando o contrário, veio mostrando que você pode ir de boa...assim um ambiente saudável, você vai escutar uma música que vai somar pro seu dia-a-dia, entendeu? Você pode ouvir em casa, no seu carro, seu filho pode escutar, porque não vai ter baixaria, como é chamado, né? Essas coisas negativas, que é a babilônia, né? A babilônia dentro de nós aflora, então a gente não pode deixar essa babilônia aflorar. Então a ideia é queimar a babilônia, deixar a babilônia lá no lugar dela, pra acolá e a gente fazer a nossa positiva vibração aqui, entendeu? Com o *reggae* mesmo. (Trecho de entrevista feita com a Regaplanta).

Na entrevista acima percebe-se também um relato da preocupação por parte do público, onde este teria medo de estar em locais que tivesse a presença da música *reggae*, por ver esse gênero musical como violento, onde haveria presença de marginais, bandidos, etc. Esse tipo de opinião é bastante propagada em Teresina. Ouvi relatos como esses, de colegas de curso, universitários que carregavam consigo uma imagem bastante negativa do *reggae*.

Em uma entrevista feita com o Edson, quando ainda era vocalista da banda Regaplanta, examinei a opinião sobre o mercado, a música como forma de consumo, levando

assim a um paradoxo, já que na visão do movimento rastafári, o reggae é uma música espiritual e não algo que possa ser mercantilizado. A visão de Edson de forma geral, é que, o *reggae* tem sentido espiritual, contudo, é necessário utilizar-se do dinheiro para, por exemplo, expandir o cenário musical, para dar mais força ao *reggae*, ao movimento.

O que estava rolando na periferia era agressividade e de repente o Regaplanta começou a tocar para um público assim vamos dizer de classe média, classe média alta até uns ricos também já tocamos pra galera rica e tudo e a gente começou a libertar esse povo, acho que o nosso trabalho começou por aí sabe? Por essa galera, porque tipo eles tinham um preconceito com o reggae e de repente chegou regaplanta mostrando que era diferente pra eles, nossa começou a crescer, foi novidade véi, pô tem o reggae da paz, imagina aí e de repente a periferia também ficou sabendo que tem o reggae da paz e Regaplanta hoje toca também...já tocamos no meio da periferia e tudo, e rolou a paz, tocamos na classe média e tudo e é bacana, a galera tá interagindo, galera tá chegando, tá a cada dia mais aumentando, e eu vejo que queira ou não, pra mover a história precisa do dinheiro, pra mover o reggae precisa do dinheiro, entendeu? Então eu vejo que, tem que investir com dinheiro, então vamos mostrar pra galera que tem dinheiro investir na coisa boa, nas positivas vibração. Se a galera investe na música suja é porque ela tem dinheiro, e investe na música suja, por isso que a música tá em toda parte, tem megas e megas eventos. Imagina um mega evento só da positividade aqui em Teresina, imagina! (...) Vai chegar um empresário forte investir no reggae, chegar e investir na história do reggae, e aí o que eu estou querendo? Que os irmãos se juntem, os irmãos que acreditam no reggae né? Se junte, pra fazer os eventos todos no se tudo, quem quer conhecer o rastafári, quem quer ser rasta mesmo, pois vamos juntos galera.

Mesmo o *reggae* rasta, que é o presente nessa pesquisa, vindo na tentativa de romper com ideias precárias, ainda assim há aqueles que enxergam o músico rasta, por exemplo, como um indivíduo sujo, fora dos padrões e marginais por terem fama de usuários de maconha. É correto afirmar que tal fama é merecedora, eles fumam tal erva, contudo o que a maioria não sabe é que o uso desta erva é pautado na espiritualidade rastafári.

4.2 Plantas de poder um alimento da alma

As plantas de poder são todas as plantas/ervas que os rastas utilizam no seu cotidiano como meio de meditação, relaxamento, busca espiritual. As mais relatadas durante a pesquisa são a Ganja (maconha) e o Rapé. Estas são sempre relacionadas ao divino, são plantas sagradas que servem como auxílio espiritual. Os rastas não utilizam-se do termo maconha por exemplo, porque este está carregado de estereótipos e preconceitos, levando consigo uma carga negativa, carga essa que não corresponde com seu verdadeiro sentido de consumo.

De uma forma bem básica assim, de explicar pra entender mesmo, bem ilustrativo. A gente num come frutas e verduras para alimentar o corpo e realmente, todo mundo sabe que as coisas naturais, são as fontes mais ricas de energias pro corpo, porque

realmente aquilo ali vem da terra e a gente também, então tá tudo ligado, quando mais a gente foge daquilo ali, mas a gente tá fugindo mesmo da terra, então comer esse tipo de coisa alimenta o corpo e é de mais forte de alimento que a gente conhece, são os alimentos naturais. E a planta de poder...o alimento natural do espírito que eu acredito é a planta de poder, além da oração, você acreditar mesmo naquilo e orar, além da oração, do ato de você fazer o bem, você alimenta seu espírito, a planta de poder também alimenta o teu espírito, você tá fazendo uma viagem interior, você se conhecer, você se situar no astral, se situar no mundo, saber qual que é a sua. E nessa busca aí, tem várias formas de você chegar lá, várias formas, agora o que eu prego, o que eu acredito é a forma natural, voltar pra terra. Nossos ancestrais faziam consagração de plantas de poder e não é algo atoa, e eu não estou aqui porque... eu não estou fazendo isso aqui não é por acaso, nossos ancestrais faziam, lá na África já faziam a mesma coisa, da mesma planta que tinha aqui no Brasil, da mesma que tem lá na Índia, então é uma coisa que é no mundo todo e eles faziam os estudos deles sem ter contato um com outro, cada um fazia seus estudos individuais, então é uma coisa que é natural do ser humano, fazer um estudo e a natureza é uma aliada dele como irmã nossa, a gente chega e vamos conversar, agora vou conversar com a natureza, pá, planta de poder converso, absorvo, passo o que eu sei pro meus irmãos. Eu acredito que é assim, bem prático mesmo, bem simples”. (Trecho de entrevista com a Regaplanta).

“Eu consagro a ideias das plantas de poder, eu dou valor muito às plantas de poder, eu acho que elas... é que trazem a minha positividade pra eu cantar, entendeu? É através dela que eu canto, chamo a força mesmo, que eu falo no palco, chamo a força através desse tipo de treinamento, que é um treinamento, assim com você e Deus né, o Jah que a gente chama, ele te ensina a ser assim, né? Ser uma pessoa positiva e tudo. Claro que não é todo dia que a gente...tem dia que a gente chega se abala mesmo e tem um sentimento de raiva, a gente tá aqui na terra mesmo é pra passar por isso aí mesmo, por essas provações mesmo, como Cristo passou e todos vão passar mesmo e ele deixou os ensinamentos aí pra nós seguirmos, entendeu?

As plantas de poder são várias, eu até hoje tive contato com muitas assim, já tive contato vamos supor, desde a Santa Maria chamada lá na ideia da religião do santo daime, chamada Santa Maria, ou popularmente de ganja pelos rastafáris. Na verdade, a Santa Maria, como falada até na música: “Momento de consagração a Santa Maria”, a Santa Maria é um ritual envolvido lá da ideia do Santo daime que vem de lá, que eu conheço né? Posso até está errado e tudo, pode ser que não seja, mas o que eu vejo na história, tem muito haver com a ideia do santo daime, que é um ritual mesmo, que chama a força mesmo. E os rastafáris também tem né o ritual com a ganja, né? O sistema babilônico né, imposto pelo homem, que foi a ideia de Cristóvão Colombo descobriu a América e pápápá, aquela história lá e aqui encontrou a terra dos índios, né? Pedro Álvares Cabral e essa terra aqui era de índio e tudo e eles cultivavam isso né, rituais sagrados com as plantas de poder e tudo isso foi roubado, quando eles chegaram, eles escravizaram nossos índios e tudo e hoje em dia ela é proibida né? A erva, a erva sagrada pelos rastas hoje é proibida, aqui no Brasil ela é proibida por exemplo. Popularmente conhecida como maconha, eu não gosto nem de chamar maconha, porque eu acho que não é maconha, pra mim é sagrado no meu dia-a-dia. Eu ter entrado em contato com essa planta de poder me ensinou muita coisa e até hoje me ensina, né? Se não me ensinasse eu não estaria com ela, porque hoje em dia nada assim que não vem pra somar comigo, eu tô desaparecendo, deixando de lado assim e tudo, mas tô sempre ali de olho né? Porque a qualquer momento pode chegar junto esse tipo de energia e eu de repente cair de novo, então tô ali de olho atento né? Então...é... essas plantas de poder né, tem essa daí a ganja, a maconha popularmente, que pra mim é sagrada, é erva sagrada, já tive contato também com a semente, que também é outra coisa...que é a semente de argyreia, que pra mim foi uma experiência também muito boa, mastiguei algumas sementes, tive contato mesmo assim com outro tipo de estudo também, porque isso é um estudo, você entra num estudo e quando você entra com esse contato, você percebe que entra num estudo. Outro também que é o rapé, rapé eu também faço uso até hoje, rapé outra ciência do índio, ensinado pelos nossos ancestrais, que é o sopro do rapé no nosso nariz e tal, é...Tem também o santo daime pra mim também, popularmente conhecido como também ayahuasca, só que no meu caso eu estudei

pelo santo daime, na comunidade aqui do Piauí, aqui de Teresina, lá eu tive um estudo sobre o santo daime um bom tempo lá, atualmente eu estou indo menos do que eu ía há algum tempo atrás, há um ano passei a morar lá um tempo assim, passava de semana por lá estudando com os irmãos que moram lá. Outra também...Sálvia Divinorum, Sálvia Divinorum foi a mais forte assim, eu experimentei poucas vezes e nunca mais experimentei assim, também é muito forte, pra quem tiver conhecimento assim da história e quiser aprofundar né? Pode dar mais exemplo como essa força age e tudo, do que eu, mas essas outras que eu tive contato eu aconselho a todo mundo assim, experimentar algum dia, conhecer mesmo, que é só o bem mesmo, só coisa boa.(Entrevista feita com Ed Ras).

Ed Ras, assim também como outros já citados aqui, relacionam as plantas de poder, as ervas sagradas com o divino. Uma forma de elevação espiritual. Tendo a natureza como meio/caminho de alcançar um status de libertação divina.

Depois que eu comecei a seguir os mandamentos dele, seguir os mandamentos de Cristo, de Deus né, que é o mandamento natural, os mandamentos naturais, você vai se desenvolvendo em harmonia com a natureza com a Erva Sagrada, a gente preza muito a Erva Sagrada por causa disso, que ela é como se fosse “o despertar”, eu digo que eu acordo mais quando eu conservo uma Erva Sagrada, eu tomo um Rapé, que é medicina indígena também, e a Erva está Relacionada tanto com nosso território americano, que vem de cultura indígena, quanto também da cultura Jamaicana, Índia né, da Índia e algumas culturas etíopes e alguns africanos também cultivam. Outros não, outros já conseguem meditar, conseguem encontrar o seu Deus interior através de si mesmo, entendeu? Na meditação, numa oração e tudo. Eu também consigo, mas a erva é bem vinda, essas coisas sempre são bem vinda, entendeu? (Ed Ras).

Em entrevistas acima, Ed Ras, comenta do seu contato com as várias plantas de poder, entre elas a Santa Maria. No CD da banda Regaplanta, encontramos além de músicas que falam das plantas de poder de forma geral, como também duas músicas que especificam a planta Santa Maria, referindo-se à ela a um momento de sabedoria, meditação, amor e verdade.

Consagração

Momento de consagração á santa Maria
 Sabedoria, meditação.
 É misturar, sentir e deixar fluir
 O verde, o azul, as cores da natureza.
 Momento de inspiração e alegria
 É a magia da união
 Se entregar, confiar e reagir!
 Sentir o amor no cheiro da flor
 da natureza.

A planta Santa Maria, seria a mesma ganja para os rastafáris, a maconha, popularmente conhecida. Nas letras das músicas da banda, assim também como em suas falas,

percebe-se um grande apego as plantas de poder. Elas são utilizadas para o autoconhecimento, para relaxar e também para aflorar os sentimentos antes de subir ao palco.

Na Força de Santa Maria

Na força de Santa Maria, na força de
Santa Maria
Só vejo paz, só vejo amor no meu
Dia-a-dia.
Seguindo o brilho dessa força
Eu vou dando a minha lealdade
Pois eu sei como é grande o seu valor
Me trás toda justiça e liberdade.
Só vejo paz, só vejo amor no meu
Dia-a-dia.
Chegou trazendo a nova consciência
Curando toda essa maldade
É a vez do reino da verdade
Salve Jah e tudo que é sagrado.

As plantas e ervas utilizadas pelos rastas são usadas como o objetivo de autoconhecimento, meditação. Através delas eles buscam uma harmonia com o próprio corpo, buscando um relaxamento físico e espiritual, utilizando-a como um ritual antes do shows.

Eu falo por mim, eu Pedro, consagro as plantas de poder no intuito mesmo, de me auto conhecer, e me promover como um ser melhor no meu meio mesmo, trazer o espiritual pra vida, esse é o meu propósito. Eu não vou dizer, que eu não erro, que eu não faço nada, estou dizendo que o meu propósito é esse aí, estou caminhando pra isso aí, é o que eu acredito, a minha religião é essa. E as plantas de poder tão diretamente ligada nisso aí, porque é meu aliado diário, fica me dando uns puxões de orelha, entendeu? Acordando, alertando, ajudando, força de mãe mesmo. (Pedro-baterista da Regaplanta)

Eu também sou a favor das plantas de poder, mas também não só, tem diversas formas. A planta de poder é uma das formas que está em primeiro lugar, digamos assim. Se você estiver em busca mesmo de se autoconhecer, em busca dessa espiritualidade né? Que a gente tá falando aqui, se acreditar mesmo e souber que é isso aqui que quer mesmo, você com as plantas de poder, você chega lá, é um auxílio muito bom, com certeza. Mas tipo como eu não tenho religião, como ti falei, eu conheço várias né? E conheço muita gente que com a meditação...o relato deles com meditação é muito o que eu conheço com as plantas de poder, entendeu? Então é por isso que eu estou falando, a planta de poder é uma das formas de chegar nessa espiritualidade, como tem outras pessoas que encontram diversas formas. Eu acredito que a planta de poder é um aliado mesmo número um nessa sua caminhada entendeu? Nessa sua empreitada”. (Luís Fernando, baixista da Regaplanta).

“(…)Olha aí essa ideia de puxar a orelha, puxando a orelha de todo mundo e quando é pra puxar a minha orelha eu vou lá nas plantas de poder, pera aí meu amigo, como é que é? O que é que eu tô fazendo mesmo aqui? E volta mesmo completo pra si, só ver tu, não tem ninguém, só tu. Aí pronto, você volta pro que está fazendo, o que você andava pensando, as coisas que você estava querendo, as suas intenções mesmo na vida, aí então eu vou por em prática, é isso aqui que é minha vida, então vou por em prática. Vou ser menino não, não vou andar fazendo besteira. Aí é tipo assim, é como se a planta de poder vai lá e puxa minha orelha, oh é por aqui rapaz presta atenção. (Entrevista com a banda Regaplanta).

Mauss (2003) aborda os ritos como sendo da ordem prática, atos que devem contemplar três características fundamentais: tradição, repetição e eficácia, ou seja, devem ser transmissíveis, fixados através da repetição e da tradição e devem, também, ter a legitimidade (crença) do grupo para serem eficazes: “são atos tradicionais de uma eficácia sui generis” (MAUSS, 2003, p. 57).

O uso das ervas é um ritual sagrado dentro do movimento rastafári, por isso é considerado pelos rastas como o alimento da alma. É necessário alimentar o corpo todos os dias, para que se possa viver, é necessário também alimentar o espírito, para que se possa viver bem. O alimento do espírito purifica a mente e o corpo.

Contudo, algumas ervas utilizadas pelos rastas não são aceitas pela sociedade. Um exemplo disso, já comentado aqui anteriormente é a Ganja (maconha). Busquei através do meu contato com as bandas entender a visão dos rastas perante a proibição de algo que é sagrado para eles.

Porque a proibição está relacionada diretamente com o consumo dela tanto financeiro, principalmente, que vai afetar setores importantes (ricos) da nossa sociedade, então ela tá diretamente relacionada com esses setores. Então tem total relação com o Capitalismo, porque ela não é tratada de nenhuma forma espiritual, que é a forma como nossos ancestrais usavam e a forma que a gente defende de ser usada; eles nem cogitam essa possibilidade de existir essa relação espiritual, com essa erva. Então eles tratam a erva de uma forma completamente comercial, capitalista, babilônica. Comida, combustível, óleo, tecido, Religião, tudo isso vai ser afetado com a liberação dessa substancia, então afeta muitos setores poderosos, tem muita gente grande com medo disso, porque, imagina você plantar seu remédio no seu quintal, você plantar inúmeras, por exemplo, o que é feito o papel é o eucalipto.. É incomparável o tanto que você pode fazer com Ganja e com eucalipto. Enfim, eles têm medo, na verdade eles têm medo do poder da Erva, essa é que é a verdade: a “Babilônia” treme com o poder da Erva. (Fernando – baixista da Regaplanta).

Eles afirmam que a sociedade capitalista tem medo da ganja, pois essa pode libertar o ser, acordar para uma consciência, para uma análise crítica tanto de si, como da sociedade. Isso causa terror para aqueles que dominam o mundo (os burgueses). Os rastas, em contrapartida, não se calam e buscam sempre divulgar a sabedoria que as plantas de poder podem trazer. Como eu já havia feito minha monografia em cima da banda Regaplanta, sabia que naquela época, nem todos da banda, usavam a ganja, contudo como a formação de seus integrantes foi alterada busquei saber se havia uma nova roupagem afetiva entre as plantas e seus músicos.

Todo mundo da banda Fuma. Olha, acredito que, é como eu te falei: quem não usa com um objetivo, ou pelo menos quem não tá usando nesse momento com um objetivo espiritual de engrandecimento do Ser, conhece essa ideia, apoia e busca, certo? Por mais que esse “baseado” aqui não seja pro meu engrandecimento espiritual, se eu tô fumando um baseado de forma “recreativa”, se eu perguntar pra qualquer um da banda, você pode perguntar que aquilo tem um cunho espiritual, que vai lhe engrandecer, todos tem a capacidade de lhe responder que sim e que sabe que vai lhe engrandecer, por mais que esse baseado bem aqui, nessa hora, seja pra brincar, eu sei que tem uma coisa espiritual e que não é só de bem daqui desse “Back”, que vem de muito tempo atrás, que vem trazendo, enfim, vem trazendo toda uma defesa, toda uma ideia. (Banda Regaplanta).

As vezes a gente fuma no carro, inda dar uma volta; as vezes eu termino meu trabalho, meu dia de trabalho, chego em casa com minha mulher e com minha filha, eu fumo “Uma” e agradeço a Deus por aquele momento eu estar alí com minha filha. Então pra mim é verdadeiramente um contato meu, espiritual meu, comigo e com Deus. Então é uma coisa mesmo séria minha comigo mesmo. Eu não digo pra ninguém fumar ou pra deixar de fumar não, mas eu, dentro de mim, pra mim é sagrado. E Eu tenho direito de fazer tudo o que eu quiser, dentro desse meu sagrado. E se a Babilônia disser não, eu digo sim. (Moisés – guitarrista e vocal da Regaplanta).

É necessário compreender que, o que para a sociedade pode ser uma droga, para o movimento rastafári é uma erva sagrada. Compreendendo o significado da planta dentro de um ritual espiritual, conseqüentemente, pretende-se desconstruir falácias sobre o reggae ter músicos “maconheiros”, relacionando sempre o rasta a uma figura de marginal e de drogado, sendo assim, um poluidor da sociedade. Para combater a “demência” dessa sociedade, os rastas trazem as plantas como temas de suas músicas.

Jah Jah Vive

Oh Jah Jah vive. Dentro de todo o meu ser
 Oh Jah Jah vive
 Para explicar o amor
 Procure conhecer
 Sabedoria pra vida
 Procure na boa “*medite*”
 Quando estiver ao longe não se sinta sozinho
 Procure o abrigo do amor
 Do amor para sempre
 Pra sempre irei clamar a minha mãe natureza
 Belos frutos ela nos dá
 Frutos para a nossa riqueza espiritual
 Por fumar ganja me julgam bandido
 Fora da lei
 Que lei é essa que oprime o povo?
 Só não pune os bandidos que a os fez
 Bandidos que fazem suas próprias leis
 Um dia serão punidos pelas suas próprias leis
 O rei de meu Jah é lindo
 Então vamos todos se firmar
 Pedir nosso perdão
 Tentar melhorar, firmeza no amor, firmeza no amor
 Por onde caminhar .

Na música acima da banda Jah Une, pode perceber o clássico do movimento rastafári, citadas em praticamente todas as suas letras musicais que é amor e apreço pela natureza. Mas, o que mais chama atenção para essa música, atenção esta que me fez colocá-la aqui como análise, foi o fato de questionarem a sociedade, de questionarem as leis do sistema, sistema este que oprime o rastafári, pois proíbe sua relação com certas plantas de poder. Além disso, a música retrata quem seriam de fato os “verdadeiros bandidos”, os donos da lei que não compreendem a especificidade do outro, prejudicando a harmonia em sociedade.

Plantas de Poder

Salve! Salve a força das plantas de poder!
 E viva a união sagrada
 Do homem em harmonia com a natureza!
 Salve! Salve aqueles que buscam se autoconhecer!
 Fortes e resistentes como soldados de Jah.
 Fortes e persistentes como soldados de Jah.

Na música acima, percebe-se o apreço pela planta de poder, sempre enfatizando o contato e o respeito com a natureza. Além desses fatores, pode-se encontrar na letra a ideia da utilização das plantas para o autoconhecimento, para uma elevação do ser.

E de repente aumentando cada dia mais o público, mais e mais, e a gente vendo muitos jovens se libertando na questão da legalização da maconha, né véi? Inclusive já participei de uma caminhada, aqui da primeira, da marcha da maconha e tudo, muita gente...a galera aí tem uma galera que tá na ideia dessa movimentação, né cara? A gente às vezes vai tocar nas casas de shows e nosso público, queira ou não, o nosso público a maioria gosta de fumar a erva, entendeu? Uns gostam de beber, outros gostam de fumar, entendeu? Então, tipo cada um, acho que tem seu espaço, tem espaço pra todo mundo. A galera...nosso público, muita gente querendo fumar e tal e não pode, tem essa discriminação e tal, entendeu? E nós estamos nessa resistência, né? Eu mesmo, eu abraço essa causa, porque sou muito mais...vamos supor, algum dia, um filho meu fumando a erva, do que um filho meu numa mesa de um bar tomando uma cerveja ou cheirando uma cocaína, fumando uma pedra de um crack, entendeu? Porque meu filho fumando a erva, eu fumo a erva, eu sei o que ela tem a oferecer, eu já usei aqueles outros tipos de coisa, de química eu sei também o que elas tem a oferecer, então, eu prefiro meu filho fumando a erva, porque ele vai ter um aprendizado, uma educação muito mais sadia, assim como eu tive, entendeu? Através da erva eu aprendi a respeitar mais as pessoas no dia-a-dia, eu aprendi a escolher meu caminho, como onde eu vou, o que eu quero da minha vida, o que vou fazer, hoje eu sou ciente disso. (Entrevista feita com Edson).

Percebe-se tanto nas letras musicais como nas falas dos rastas, que utilizam-se das plantas de poder, a referência do seu uso a uma maior aproximação com a natureza. Encontra-se aqui a presença da natureza influenciando na busca pela paz de espírito, na busca pelo conhecimento do ser, no relaxamento pessoal, além de uma inspiração cotidiana.

Há leis que nos direcionam na nossa batalha e assim, dentro do estudo em harmonia com a natureza, o rasta é conhecedor das plantas de poder, que temos pra nós como professora, plantas que nos dão uma capacidade de entrar em transição e em contato com o nosso eu, nosso eu superior, com a divindade né e dentro do nosso estudo com as plantas como a ayahwasca, como o cactus, como o cogumelo, uma das mais polêmicas é a ganja, a erva santa, conhecida como maconha dentro da sociedade né, um nome pejorativo. Essa planta é uma das plantas mais polêmicas que tem uma capacidade muito grande de cura, ainda não descoberta pela maioria das pessoas, mas que é preciso também ser usada com respeito, assim como outras plantas também, é uma planta de poder, e assim como a diferença do remédio pro veneno as vezes tá na dosagem né, com as plantas também é preciso ter consciência do uso adequado quando se faz o uso dessa planta, entrar numa reeducação né, assim porque ela pode trazer benefícios mas só com o uso correto. (Entrevista banda Jah Une – fala do baixista Wanderson Kamylo).

A banda Jah Une em seu relato acima traz o cuidado que se deve ter com o uso da ganja, eles afirmam que os rastas não se referem a ganja pelo nome maconha, pois tal terminologia é carregada de estigmas e preconceitos. Além disso, pude observar o cuidado que eles têm ao falar sobre as plantas, eles não incentivam o uso exacerbado, mas o uso consciente. O baixista Wanderson fumava a ganja antes de ser rasta e ele relata que quando percebeu que a proposta era outra, quando ele se reconheceu como rasta reeducou o seu uso da planta, usando-a com sabedoria para fins espirituais.



Wanderson kamylo – rasta da banda Jah Une consagrando a erva sagrada (Ganja) e fazendo um dread em uma colega. (Foto tirada por mim em um de nossos contatos, antes de uma entrevista na praça do bairro saci zona sul da cidade).

Um fato que chamou bastante atenção da sociedade teresinense foi a prisão de Moisés (guitarra solo e voz) da banda Regaplanta, por ter sido encontrado em sua residência uma grande quantidade de maconha. Sua prisão ocorreu justamente na semana da minha defesa da monografia, lembro-me que componentes da banca examinadora até me questionaram sobre

esse fato, contudo não a coloquei, tendo em vista que a monografia já havia sido entregue. Contudo, ao continuar a pesquisa no mestrado, retornando meu campo, não poderia deixar de levantar o questionamento de como se deu aquele momento opressor. Lembro que na época do ocorrido, uma das coisas que me chocou foi a falta de ética da mídia ao relatar a prisão, causando uma má impressão aos músicos de *reggae*.

Na época foi complicado. Agora, que eu já tô fora dessa situação, ficou só o aprendizado, né? Na verdade eu tô maior e mais forte, pra mim foi uma experiência, e agora eu tô maior e mais forte, devido essa experiência. Na época foi muito ruim, né.. porque rolou toda essa repercussão e eu sempre fui um cidadão de bem, respeitado na sociedade, na minha comunidade, aí tive esses valores “tudo exposto”, e todo mundo meio que a sociedade é contra isso, a população é contra, então tipo que por essa parte foi muito ruim pra mim a repercussão, no começo. (Moisés - guitarrista e vocal da Regaplanta).

Eu posso falar um pouco pela banda, que a gente tava fora, a gente via meio que tipo assim: era um dos caras aqui dentro da banda que era mais militante na defesa, principalmente, desse auto cultivo, né.. isso de você plantar sua própria Erva, na verdade era um dos principais militantes dentro da banda, que era o que, no caso, nos dava acesso maior a essa planta mesmo sagrada, né.. natural. E quando ele foi preso, a gente ficou meio que tipo “pô mermão, eles tão sendo sempre em busca dos nossos soldados mais fortes, né.. Eles querem desestabilizar mesmo a gente, mas nós não vamos deixar vencer não, a gente vai continuar mantendo aqui”.. A gente sabe o que que a gente acredita e nós vamos defender até o último segundo da nossa vida a gente vai defender o que a gente acredita, entendeu? Então, não vai ser essas pequenas quedas que vão derrubar a gente, não. (Banda Regaplanta).

As pessoas que agem com isso, elas tem o conhecimento de quem é maléfico, digamos, à saúde da sociedade, né.. Ele pega um cara como esse daqui, como o Moisés, ele sabe que esse rapaz aqui em si não vai prejudicar a sociedade, mas pra ele, ele ganha muito mais estrelas, no uniforme dele, prendendo esse rapaz aqui do que um “pé rapado” que ele tá sempre prendendo e sempre batendo na periferia. Então pra ele mostrar pra sociedade que ele conseguiu pegar um cara desse, aí coloca toda aquela roupa do mal em cima desse cara, pra dizer que ele, com toda a postura de detentor da segurança da sociedade consegui pôr um cidadão, uma pessoa dessas um criminoso desse atrás das grades, enfim, isso já se sobressai, é como a gente tava falando sobre a babilônia: ele só se sobressai quando diminui alguém. Então, chama ele pra gente conversar aqui por igual a respeito dessa substância pra gente ver, pra gente conversar aqui por igual a respeito dessa substancia, pra até onde a gente chega. (Fernando – baixista da Regaplanta).

A banda e o seu integrante Moisés, apesar do acontecido, mostra-se mais forte para combater o sistema em que oprime o individuo, por não compreender a verdadeira relação entre a ganja e o rasta. Não sabendo assim distinguir o profano e o sagrado.

4.3 Deus e suas variedades

Ao falar de natureza é impossível para o movimento rastafári não falar de Deus/ Jah, o criador do universo, de todos os seres. A relação da natureza como também um ser divino, é relatada tanto em entrevistas como em suas composições musicais.

Deus, na linguagem rastafári Jah, e vários outros nomes para distinguir um ser criador, um ser criador de todos os seres, da terra, da água, do ar, do vento, da floresta, criador da terra e dos céus, então acredito em um ser superior, e dentro do estudo espiritual é uma nova revelação, uma outra realidade também. E podemos ver também que além de Jesus Cristo, vários outros seres iluminados também passaram aqui na terra para nos direcionar e esclarecer um pouco mais sobre a nossa missão do que é viver do que é estar aqui né. Então Deus é o que nos move, Deus é o que nos direciona, Deus é o que nos fortalece, Deus é natureza, Deus está em nós. (Entrevista banda Jah Une – fala do guitarrista Aglildo).

Ao falar em religião dentro do movimento rastafári, não poderia esquecer de falar do rei negro que é considerado por alguns a reencarnação de Jesus Cristo- Hailé Selassié. O povo negro seria o povo escolhido, escolhido para salvação.

O Rastafarismo usa passagens bíblicas como modelos ou arquétipos para explicar e justificar a situação em que o mundo se encontra, em especial as populações negras. É uma doutrina profundamente sincrética, e podemos colocar as bases do sistema doutrinário rastafári dentro do seguinte esquema: comparando-se aos Israelitas no exílio em Babilônia, segundo o registro bíblico, o rastafarismo acredita que os negros são o povo escolhido por Deus hoje. A Babilônia, na sua acepção, é o sistema capitalista dos brancos, opressor, que nos últimos séculos vem submetendo os negros a todo tipo de humilhação. A África, às vezes representada só pela Etiópia, é a Terra Prometida, para onde todos os negros irão voltar. E o Imperador etíope, Hailé Selassié, é a própria encarnação do messias, ou o próprio Deus encarnado, uma vez que, de acordo com o Kebra Nagast, ele seria descendente de Salomão com a Rainha de Sabá, e, portanto, parente consanguíneo do próprio Jesus Cristo. Tendo sido este rejeitado pelos judeus quando de sua passagem pela terra, reencarnou em Selassié trazendo libertação desta vez para o povo negro (BROOKS, 2001, 27).

Em meu contato com Edson - enquanto vocalista da Regaplanta - questionei a figura do Hailé Selassié, perguntei qual a visão dele sobre esse rei. A resposta de maneira ampla foi que não tinham se aprofundado muito em sua história.

A questão dele, eu pouco vi, pouco estudei sobre ele e tudo. Ao meu ver, se fosse pra eu acreditar...Ter essa fé do Deus Negro, eu estava vendo no... Santo Daime eu vejo no mestre Irineu Serra, né? Que é o mestre da doutrina Santo Daime, então o mestre Irineu eu vejo como se fosse um Hailé Selassié desses sabe? É como se fosse esses...De vez em quando vem à terras eles entenderam? De vez em quando vem essas pessoas assim, essas pessoas que representam a ideia de Cristo, tá entendendo? Então eu vejo que nos dias de hoje tem muitas pessoas que são capazes de ser que nem Cristo, de representar ele aqui na terra, eu vejo como nós mesmos, entenderam? (...) muita gente não acredita que pode ser, entenderam? Sabe? Então às vezes caímos em tentação e nós temos muitas tentações, o pecado está entre nós. (...) A ideia do imperador Hailé Selassié, eu não descordo não, muitos tem fé e a fé move muita coisa. (Edson).

Contudo, três anos depois após meu primeiro contato, voltei a lhe fazer a mesma pergunta, pois percebi em meu contato, que sua visão sobre religião havia mudado um pouco.

Ed Ras ao longo da pesquisa estudou e se aprofundou nos conhecimentos do movimento rastafári, modificando ao longo dos anos suas práticas.

Ele veio para ser Luz, né... Ele veio mesmo pra mostrar que deus é verdadeiro e que nós somos Deus, né... Deus é a imagem e semelhança do homem né, todo livro sagrado diz e ele veio pra provar isso, tanto é que com a profecia que vem dizendo com Marcos Garvey apontando pra gente olhar pra África e que de lá viria o Deus Negro, o Rei Negro coroado, quando fosse coroado, a profecia iria se cumprir e foi assim que aconteceu, entendeu? Depois que ele foi coroado Haile Selassie, Imperador da Etiópia, você pode ver que o povo africano se manifestou com mais força com mais amor, acreditando na sua raça, acreditado na sua cultura, entendeu? O seu modo de vida, entendeu? Amando mais a si mesmo, tendo mais coragem e força, entendeu? Isso se espalhou em toda Terra. Hoje, tipo a América, hoje, a prova, estamos aqui no Piauí né, a milhares e milhares de quilômetros de distância, atravessar um oceano e nós estamos vendo pessoas acreditando e se desenvolvendo, se tornando pessoas melhores a cada dia que passa, por causa dessa fé, entendeu? E ele, foi um grande mensageiro, a Etiópia, conquistou sua independência e ele entrou como um dos países da Liga das Nações, aquela dos grandes países do mundo tal e tudo, que se reúnem, não em quanto tempo, pra discutirem a história do Mundo e ver como é que tá. E ele era um cara que era bastante ouvido, ele tinha um poder muito grande de oratória, se você for pegar, pesquisar e ver os “discurso” dele, que ele queria tem até aquela música (...) do Bob Marley, aquele lá é o discurso dele, entendeu: “Enquanto os irmãos da Terra morreram de fome de sede, a opressão, ainda haverá guerra, enquanto não tiver respeito, independente de raça ou de cor, sempre haverá guerra...” Ele veio pra ser Rei mesmo, é uma Majestade, e nós todos viemos pra isso, pra sermos Reis e Rainhas, todos nós somos Reis e Rainhas. E a profecia tá cumprida (...)comecei a enxergar que Haile Selassie é verdadeiro, a profecia é verdadeira, você só tem a si tornar um ser melhor, entendeu, porque a gente tem que aprender com essas pessoas boas, entendeu, pra gente se tornar pessoas boas também. Se você for seguir os falsos mestres, os falsos profetas, pessoas ruins na sua vida, você, com pouco tempo, se tornará uma pessoa ruim, e vai fazer tudo isso normal achando que é normal, e é o que as Religiões fazem, então as Religiões hoje, tá um absurdo, um absurdo mesmo estampado na cara e ninguém faz nada e cada dia mais corrompendo, corrompendo, corrompendo, caindo por terra suas palavras. (Ed Ras).

Raiz Rastafári

Nunca se esqueça da raiz rastafári
 O leão de judá
 Que jah mandou aqui para a terra
 Veio trazendo a positiva vibração
 Para todos filhos seus
 Desfrutar do puro amor
 Os mandamentos foram feitos para todos praticarmos
 e vivermos em harmonia
 Junto de selassie I
 Onwohhh yeiehhh
 Rastafári é o leão de Judá
 Quando Cristo nasceu a floresta agradeceu
 Onde ele é rei
 Filho do nosso senhor
 Mas o homem não compreendeu
 Ao invés de respeita-lo
 pendura-lo uma cruz
 Mas ele ressuscitou e á todos perdoou
 Trazendo a paz de Jah para nos abençoar.
 Oowuoooh yeiehhh
 Rastafári é o leão de juda.

Essa música acima é composição do rasta Ed Ras, ele traz na letra a presença do rei negro Rã Tafari, que tem o título de Selassie I e refere-se a ele como o filho do criador, que seria, a reencarnação de Jesus Cristo. Destaca também a ideia de raiz rastafári que significa dentre outras coisas seguir Haille Selassie I. Este seria o mesmo Leão de Judá, em uma ideia metafórica o leão representa a força e garra de um Deus, tornando-se assim mais um símbolo da filosofia rastafári.

No meu primeiro contato com Edson, na época de minha monografia, percebi que ele também carrega uma forte influência do Santo Daime junto com algumas ideologias rastas. Em uma de nossas entrevistas, Edson afirmou que queria levantar aqui na cidade de Teresina a bandeira do Rasta-Daime. Esclareço novamente que o rastafári não é uma religião, é um movimento cultural que engloba vários elementos, onde um deles é a espiritualidade e esta, está presente com bastante força. Contudo três anos se passaram, e o Ed Ras, assim como os outros integrantes mudaram em alguns aspectos. Hoje, Ed, seria um apreciador do Santo Daime, simplesmente admira, mas não pratica como uma religião. Hoje ele é bem Nova Erista, constrói uma vivência espiritual pautada no movimento rastafári, focando-se na elevação do ser, descrente de igrejas, mas firmando cada vez mais sua fé num ser divino.

A Religião pra mim, eu fui um cara que eu sempre fui criado no meio de Religiões, desde pequeno, minha mãe é evangélica, né?! Aqueles crentes mesmo fanáticos... E aí ela sempre levou a gente pra igreja, tudo. Então, a palavra de Deus sempre esteve próxima a mim, só que de certa forma, a igreja evangélica, ela assustava muito assim, né?! Aquelas proibições, de proibir muita coisa e tipo, aquele negócio de expulsar demônio, aquele negócio todo e eu como criança, como a informação chegava de maneira incorreta até mim, eu achei que aquilo ali não era pra mim, entendeu? De certa forma chegou eu momento que eu não estava mais nem acreditando em Deus, Entendeu? Um momento em minha vida, acho que a adolescência, eu não acreditava em Deus e tudo. Aí fui vivendo e “pá” passando os anos, aí foi quando eu conheci o Santo Daime, antes de eu chegar no Santo Daime, eu conheci a ayahuasca, né, fora do Santo Daime e vivência assim de galera mais natureza. Quando eu cheguei ao Santo Daime eu comecei a receber ensinamentos no qual eu vi que Deus era verdadeiro, que ele existia, a partir daí, das plantas de poder. A partir daí eu conheci o Santo Daime, né, foi, digamos, por muito tempo, uma religião que eu tive, né.. Só que com o passar do tempo, eu fui tendo uma nova visão das coisas quanto a questão de religião. A Religião pra mim... Sim, teve o movimento Rastafári que chegou junto com a ideia de ayahuasca, a ideia de Santo Daime e tudo, conheci o movimento Rastafári. Mas até então não tinha o conhecimento um pouco da cultura, um pouco de Haile Selassie né, foi o imperador da Etiópia, o Deus vivo né, a profecia cumprida né, feita por Marcus Garvey, o mesmo João Batista, assim como o profeta Elias, eu não tinha conhecimento disso. Então o Santo Daime era minha Religião. Só que aí o próprio Santo Daime, o próprio vegetal me mostrou essa questão da Religião. A Religião hoje em dia, eu não sei antigamente, mas no decorrer dos anos foi muito corrompida, hoje é uma corrupção muito grande, eu vejo, entendeu? A religião pra mim é a Babilônia, entendeu?! Ela mente descaradamente e se aproveita da inocência de seus seguidores, de alguns. Hoje você vê Pastor fazendo coisas absurdas, não só o Pastor, o Padre, a Igreja Católica por muito tempo, o Vaticano escondendo várias coisas que a igreja fez... A Igreja é sempre a boazinha, o Papa é o bonzinho, sempre aquele

negócio todo, o próprio movimento Rastafári também, tem umas falhas assim, alguns seguidores, o Santo Daime também achei. Então, vendo assim, analisando minhas vivências, conhecendo pessoas assim e "pá", de certa forma eu, de certa forma eu achei uma decepção quanto a isso. E aí a partir daí eu vi que eu não precisava de nenhuma religião para encontrar Deus, pra ser feliz, aí foi que eu encontrei Deus em mim mesmo, Entendeu? Deus eu mim mesmo. E aí com o passar do tempo estudando um pouco mais dos ensinamentos dos profetas Rastafári, dos verdadeiros, que a gente tem que seguir mais esses, entendeu? Os que iniciaram a história, profeta Emanuel também, os ensinamentos de Selassie Também. Templos sagrados fazem o contrário, entendeu? O homem é pecador, tipo, o homem foi feito pra pecar mesmo. Mas não é obrigado você estar pecando o tempo todo, ele peca pra aprender, entendeu? Peca e aprende, com aquilo, com seus erros. Agora se ele não quiser aprender ele vai ficar o tempo todo pecando, pecando e nunca vai se desenvolver. Então eu acho que a Religião, por si, é uma coisa boa porque os ensinamentos de Deus, os ensinamentos do livro sagrado, ele é bom; se você for entrar em qualquer Religião, você vai achar uma coisa muito linda, porque de repente você vai tá precisando de ouvir aquilo, mas ao mesmo tempo uma corrupção total, porque cai por terra, seus seguidores mostram o contrário daquilo, entendeu, então eu vi que a Religião, a gente não precisa dela, que sim, a gente precisa quer em Deus dentro do nosso coração e que nós mesmos somos capazes de sem precisar daquela ajuda alí. (Ed Ras).

Em uma conversa informal com Ed Ras, ele me conta que procura conhecer várias religiões; já leu sobre o Budismo, Espiritismo, leu também coisas sobre Krishina. Em uma entrevista feita com ele, pergunto diretamente sobre a questão da religiosidade e ele me responde de um jeito leve, sereno e percebo em sua fala mais uma vez a referência ao movimento rastafári e ao Santo Daime.

Eu falo muito, que a religião que sigo é o amor, sabe? Porque nenhuma religião assim no caso, eu não vou dizer que eu sigo né? Eu, por exemplo, a religião que eu sigo é o amor, né? Tem uma religião que eu tenho mais simpatia que é o Santo Daime, foi a religião que mais me chamou atenção e há muito tempo assim...eu tenho o maior respeito, tenho um grande respeito mesmo pelo Santo Daime e me ensinou a ser um guerreiro mesmo, me evoluiu muito, mas a minha religião mesmo é o amor, o amor é a junção de tudo, é a junção de todas as religiões, é o que Cristo queria, né? O que Cristo era, o que Cristo foi, o que Cristo fez aqui na terra e eu vejo Cristo como um grande rasta, o rasta mesmo que revolucionou. (Ed Ras).

Encontra-se na fala de Edson algo muito enraizado dentro do movimento rastafári, que é predominância da espiritualidade, mesmo sabendo que há rastas que tem uma religião, como o Santo daime e a Umbanda, praticada por exemplo, pelo percussionista Abú da banda Jah Une, percebemos a força da espiritualidade, da busca pelo conhecimento através de vários nomes, como de Buda, Gandhi, Bob Marley etc.

O que eu vejo da religião é tipo uma forma de aproximar a pessoa de Deus, desse meio espiritual. Eu acho que a gente como filho de Deus, como ser natural mesmo, que surgiu, que nasceu, que estamos aqui vivendo e tal, a gente tem como Deus mesmo, dentro da gente, entendeu? Nosso corpo mesmo é a casa de Deus, tudo que agente faz é manifestação divina. Eu acredito cegamente mesmo que o propósito de

cada pessoa aqui na terra não seja destruir nenhum tipo de comunidade, nem matar, nem dominar outra comunidade. Todo mundo tem que se unir e trocar as informações, que a gente vai desvendar o segredo universal. Porque tem um cara lá na África, tem um cara que sabe todos os segredos daquela terra, o cara lá na Groelândia sabe todos os segredos da terra fria e tal daquele jeito, no Brasil já é outro, indígena da mata, aqueles animais ali e tal, se todo mundo se juntasse , em vez de querer explorar o outro e absorver tudo aquilo de melhor ali e trabalhar na sua vida , lá no outro, a gente vai desvendar o segredo universal, que é mesmo só união. Todo mundo, se soubesse de tudo e fosse aberto, claro e quisesse somar na vida do outro, em vez de explorar, em vez de tentar ganhar de alguma forma, em vez de usar da maldade. O que eu acredito que seja a minha religião é mais ou menos seguir isso ai, coisa que é além de qualquer coisa, de nome, de denominação. Eu acredito que não existe um nome pra isso, na verdade Deus né ? É a vida, o astral sei lá. (Entrevista feita com a banda Regaplanta).

Um ser muito presente na banda Regaplanta é Jah, tanto nas letras musicais, como em suas frases expostas em redes sociais e até mesmo em suas conversas no dia-a-dia. Indaguei a banda, quem seria de fato Jah para eles, o que Jah significa e representa em suas vidas.

Todo mundo chama de Deus e é Deus mesmo, Deus todo poderoso, o que há de supremo mesmo, criador do céu e da terra, não é uma pessoa. Aquela concepção de Deus mesmo, a energia superior que é o que vai mover tudo, que é o que faz eu pensar no meu irmão que eu não conheço, entendeu? Essa conexão com Deus, com Jah, que vai fazer com que eu pense no meu irmão que eu não conheço, que eu pense no animal ali que eu ainda não vi, entendeu? No amanhã no ontem, em tudo, essa conexão de tudo, de tudo que veio dos ancestrais todos e de tudo que ainda vir depois de mim. (Entrevista Regaplanta).

Regaplanta, assim como o Ed Ras e a banda Jah Une, também presentes nessa pesquisa tem como visão sobre Jah, o Deus dos rastas muito parecida. Aqui Deus é visto como um ser criador, criador de todos e de tudo. Deus também é uma conexão divina com universo, através dessa relação espiritual toda a natureza forma um elo sagrado com o homem.

Justiça de Deus

A verdadeira justiça está diante de nós
 Mas ninguém consegue ver
 Pois somos todos impuros de coração.
 Comecem a ver, vamos todos nos purificar
 Pois todos vão ver, a justiça de Deus operar.
 A justiça de Deus!
 A justiça de Jah!

Trago como exemplo a música acima *Justiça de Deus*, da banda Regaplanta, na qual sua letra retrata que nós humanos, somos todos impuros de coração e por conta disso, não conseguimos enxergar atos e gestos de Deus. Em suas falas os integrantes da banda afirmam

que Deus, está o tempo todo aqui presente, por muitas vezes ele pode passar despercebido, mas isso não implica dizer que não esteja entre nós. Tal música representa esse pensamento, além da ideia de que precisamos nos purificar, cuidar do nosso espírito, para que assim consigamos enxergar além do que se vê.

Os integrantes da banda auto consideram-se guerreiros, no sentido de lutar por uma consciência coletiva mais aflorada, buscar energias positivas por mais que o momento seja de dificuldade, ir à luta por um mundo melhor, lutar para defender suas convicções. Percebi que essa força, essa vontade de lutar é espelhada em ídolos, em pessoas que eles consideram fortes e que também lutam ou lutaram por suas causas, entre eles Jesus Cristo.

Eu tô ligado que vários guerreiros mesmo, vários negros, vários índios, antes de morrer, pensou mesmo assim: Tá me matando mas estou indo pro lado vencedor mesmo, no final das contas o cara vai saber no final das contas que estava errado, ele vai pagar por aquilo que ele fez, e eu morri pela minha ideia, morri do lado de Deus, entendeu? Morreu mas venceu. Que nem Jesus Cristo, a ideia de Jesus Cristo né? Jesus Cristo perdeu? Não, ele venceu! Mas morreu. Mas ele morreu pra provar que não é morrendo que se perde não. É defendendo a ideia que se ganha. Ele defendeu a ideia e tudo, e até hoje ele guia... até hoje Jesus Cristo é um farol pra todos nós, ele é um exemplo mesmo, amante da natureza mesmo, Jesus é o *brother* mais legal que eu conheço, meu amigo. É um ser transcendido né? Ele estava em conexão mesmo completa, o cara vinha, falava uma coisa ele rapaz que é isso, não existe cara, não fale isso, rapaz esse cara é louco, né? Mas ele defendeu mesmo a ideia dele até o último minuto, tenho certeza que ele morreu pensando: Não morri! É tão tal que ele falou: eu vou morrer e tu vai ver que eu não vou morrer, né não? Eu vou morrer, mas não vou morrer, eu vou ressuscitar. Tá vivo num tá não? Está vivo ainda hoje. A gente busca na nossa vida esse tipo de coisa, esses exemplos aí, procurar seguir os exemplos, que eu acredito mesmo na palavra, eu acredito na palavra, procurar a palavra de Jesus Cristo, tem muito na bíblia e tal, tem relatos pessoas que conviveram com ele e tudo, a palavra dele mesmo e ter isso como farol, as coisas mesmos da natureza, até mesmo os animais, estuda os animais, vai ver como é os animais, vai ver se ele mata os animais por raivinha, vai passar a estudar a vida da natureza, esqueça televisão, a musicazinha que tá só pornografia, o que os professores estão dizendo nos colégios, com preconceito, todo mundo com preconceito com a homossexualidade e tudo.

Se você tiver isso aí como farol, tiver aquilo que é aquilo eu acredito, as pessoas que morreram acreditando pela ideia, de pregar a natureza, de pregar o autoconhecimento, de pregar a espiritualidade, de voltar pra si, se você seguir isso aí, você vai ter uma coisa boa, mas não você passar seu dia correndo atrás de dinheiro, passar seu dia destratando todo mundo, tratando mal, com sentimento ruim, com inveja, com ciúme, trabalhando com essa energia aí o tempo todo e não aflorar a espiritualidade em nada, não faz nada na vida voltado mesmo pra palavra. Tem que refletir. É engraçado porque se for pra perguntar aqui 99% da população é católica, católica cristã, mas se for perguntar mesmo, o que Jesus Cristo é na vida dela na ação diária né? Quase nada, entendeu? Porque se você vir mesmo a maioria, tá todo mundo preocupado é com o seu aqui, com o seu dinheiro, com seu menino aqui, com sua casa, com seu carro do ano, sua televisão.

Um líder religioso que prende todos seus fiéis dentro de uma igreja e impede o cara de ir pro outro lado, se o cara for tá errado. Pois eu não concordo não, se você quiser vim pra minha religião aqui, eu não tenho religião nenhuma não, pode até inventar um nome depois aí, mas se você quiser vir pra minha religião eu não posso proibir de você ir pra lugar nenhum não, você pode fazer o que quiser na sua vida, a minha religião é você se conhecer, faça o que você realmente tenha que fazer meu amigo,

só isso, se conhecer, se situar na vida, vá buscar palavra, siga exemplo, siga exemplo de pessoas que acreditaram naquilo que falam, como várias pessoas Jesus Cristo, Bob Marley, vai ver o que Bob Marley estava falando, Mahatma Gandhi, vai ver o que ele pregou, Dalai Lama, vários índios, vários indígenas, eu não sei o nome cara, mas tem vários índios que falaram quando seus povos estavam sendo dizimados, deixaram sua missão, que eu acho que é a mesma ideia de Jesus Cristo, viu que aquela ideia estava se perdendo, estava morrendo, que a religião estava daquele jeito e todo mundo seguindo o rei e o reino até, o imperador era o dono do mundo, entendeu? E ele ficou abismado porque o dono do mundo é Deus, então ele morreu pra acreditar naquela ideia, da mesma forma que o indígena na terra morreu defendendo a ideia dele, ele tentou deixar escrito pra que a gente soubesse, entendeu? Deixou até hoje as cançõezinhas indígena, deixou as histórias indígena contada pelos índios, que a inda hoje... a missão que eu acho nossa maior, seria resgatar isso aí, nossa verdadeira origem, brasileira aqui né? Nossa origem é multe racial mesmo.

Eu acredito tipo assim, é como se fosse o legado de nossos ancestrais, na hora que, por exemplo, os brancos chegaram aqui e falaram vou matar agora porque essa religião de vocês não existe, vou matar todo mundo aqui se vocês não vierem pra minha, se vocês não vierem pra minha religião vou matar todo mundo aqui, pois o índio, olhou aqui pro branco e falou: pois eu não vou, vou ficar bem aqui na minha, vou morrer defendendo a minha, ai morreu, pois teve um ládo branco que olhou e viu rapaz se ele morreu...tudo é a vida, se aquele cara morreu defendendo aquilo ali, bem ali tem alguma coisa. Um do branco que viu ali acreditou, não adianta, é tão tal que estamos aqui discutindo a mesma coisa, a semente foi plantada no coração daquele ali que viu meu amigo e outro já disse, rapaz pode ser que seja, foi testou, verdade. Pronto, é isso aí, é o legado do ancestral, ele olhou e disse: eu vou defender minha ideia, que nem Jesus cristo, a mesma ideia, morrer defendendo minha ideia, morreu pra provar que aquilo ali existe, ai quem viu sabe que existe, acredita.

E hoje a gente vive por falsos deuses e ninguém sabe mais isso aí e o legado dos nossos ancestrais? E a ideia de Jesus Cristo ficou por quê? Estamos fazendo o que mesmo da nossa vida mesmo, hoje em dia? O legado tem que ser é lembrado, o legado é uma coisa importante, é pra nossa felicidade, só fizeram tudo isso aí pra gente ser livre mesmo, então a minha missão aqui na terra é buscar libertação mesmo, não só minha, mas de todos que estão por perto, todos livres, expulsar a maldade do mundo mesmo. (Pedro Barros e Luís Fernando. Baterista e baixista da banda Regaplanta).

O interessante desse relato é que encontramos mais uma vez uma critica a sociedade, aos indivíduos individualistas e consumistas que só pensam no seu bem próprio sem se preocupar com todo o universo a sua volta. Mais uma vez lembrando Bauman, os rastas estão aqui criticando a sociedade líquida, questionando os relacionamentos frágeis. Lipovetsky fala que as relações entre os indivíduos acabam se modificando a partir dos moldes hedonistas de nossa sociedade. Para este autor, a decepção, é própria do momento histórico em que se vive. Contudo Lipovetsky, assim como os rastas, mostrou-se em seu livro, *A Sociedade da Decepção*, que é bastante otimista, quando envolve o futuro da sociedade, vendo o consumismo exacerbado apenas como uma fase de transição.

A entrevista acima ainda trouxe a importância de ter como base os ancestrais, e cita como exemplo o índio, personagem nativo do país. Este também se encontra desenhado na capa do CD da banda, mostrando a importância das raízes e da valorização de seres que lutaram para que seus descendentes tivessem um mundo melhor. Esse é um dos motivos da

luta do rastafári, construir uma sociedade mais justa, com mais respeito e amor com os irmãos e a natureza, para que no futuro toda a humanidade possa gozar de um mundo novo, com mais qualidade de vida, tanto física como espiritual.

Convoco os Guerreiros

É caindo que se levanta!
 Um guerreiro nunca se abala!
 Com as feridas deixadas
 Depois de mais uma longa batalha
 Aquele que compreender a palavra
 Não cairá na escuridão, não!
 Desse sujo sistema
 Que quer levar mais um pra escravidão!
 (eu e eu)
 Lutamos por paz!
 Lutamos pela harmonia!
 Uma grande família!
 Natureza interior!
 Na paz de Jah!

A letra da música *Convocando os Guerreiros* da banda Regaplanta, reafirma a fala dos integrantes no trecho da entrevista acima, expondo novamente a ideia de que aqueles que compreenderem a palavra de Deus, assim também como conhecer as ideias de sujeitos que marcaram a história, como por exemplo, Mahatma Gandhi e Bob Marley, aqueles que acreditarem e seguirem o caminho do bem, não cairão na escuridão e por mais que se tenha dificuldades no caminho, um verdadeiro guerreiro, não desiste da luta.

Guerreiro rastafári

Rastafári é guerreiro
 Na babilônia ele luta contra a dor
 Rastafári é guerreiro na babilônia
 Ele luta, sua arma é o amor
 Pra acabar com toda escravidão que é esse sistema
 Para libertar o irmão e seguirmos lado a lado
 Semeando a paz, o amor, justiça e igualdade
 E buscando na floresta a cura, o alimento, a percepção
 Perceber que todos seres vivos
 Somos todos um
 Buscar nossas raízes e sempre vamos cultuando a gaia mãe
 Cantamos pro sol, pra lua, pra chuva, pra água,
 pra terra, pro mar, pro vento, pro solo, pros campos
 sempre semearem os grãos da fartura
 Em nossas mentes, nossos corações
 Rastafári vive na força da positiva vibração

Mais uma música colocando o rasta como guerreiro. Esta música acima da banda Jah Une, retrata o rasta como um ser de luta, luta contra as armas do sistema, como a escravidão.

Mostra também o apego do homem rasta à natureza como uma forma de libertação e elevação. Através do seu contato com a natureza o rasta busca uma percepção maior do mundo, construindo a ideia de que todos somos um só, além disso o rasta tem como função propagar as ideias de paz, igualdade, justiça; tentando assim, fazer com que esses ensinamentos cheguem aos seus ouvintes.

Além das postagens das bandas e do Ed Ras em redes sociais e de suas letras musicais, percebi também em suas falas, em entrevistas, as inquietações já citadas anteriormente, em relação à desunião humana, o querer só pra si, a crítica ao individualismo, que infelizmente é uma marca bastante presente nos dias atuais. Percebe-se também em suas falas a autocrítica, o auto se conhecer, para isso eles utilizam-se, por exemplo, da meditação e das plantas de poder. Para Edgar Morin (2001) a verdadeira racionalidade não é apenas teórica, apenas crítica, mas também autocrítica.

Uma nação...Aquele país de primeiro mundo e todo mundo é inteligente, ah aquele é de terceiro mundo, pessoa não é tão inteligente, mermão pois e a aí o que agente pode fazer? E agora? Vai ficar com as fronteiras todas fechadas e um julgando o outro, e o que a gente pode fazer? Na prática mesmo bem aqui, é o olho no olho, e você é mais evoluído em que? Você sabe de quê e como? É inteligente, beleza. A gente ainda está na ideia do ancestral, a gente tá mais na terra, a gente sabe dessas coisas e você não sabe também, e o segredo é a união meu amigo, é você somar comigo. Eu não tenho nada contra ninguém, eu não sinto mesmo nada, não tenho problema com nenhum tipo de raça, acho que a raça é o ser humano, qualquer manifestação de ser humano que seja pro bem é aceita e é uma manifestação divina. Agora você fazer uma coisa pra denegrir, pra matar, pra se apossar, pra crescer só você, está fazendo o mal. (Edson).

De acordo com Edgar Morin, o conhecimento como palavra, ideia de teoria, é fruto de uma tradução/construção por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro. O conhecimento comporta a interpretação, o que introduz o risco de erro na subjetividade do conhecedor, de sua visão de mundo e de seus princípios de conhecimento. Daí os numerosos erros de concepção e de ideias que sobrevêm a despeito de nossos controles racionais. A projeção de nossos desejos ou de nossos medos são perturbações mentais trazidas por nossas emoções que multiplicam os riscos de erro.

Jah Une todos os irmão

Jah une todos os irmãos

Jah une todos os irmãos

Jah Une, Jah Une

Vamos se ligar, vamos se ligar, vamos se ligar meus irmão

Vamos se ligar com a natureza irmãos

Vamos se ligar com as coisas boas da vida

Um só amor

Um só coração

Meu mestre disse Jah Une todos os irmãos
 Um só amor um só coração
 Meu pai me disse Jah une todos os irmão
 Meu pai é senhor do universo
 Sinta a beleza que ele quer mostrar
 A mensagem de sabedoria
 Pros irmãos aqui na terra se ligar
 Vamos se ligar
 Jah Une todos os irmãos
 Jah Une, Jah Une
 Seguindo a natureza somos muitos
 Servindo a natureza somos um
 Até quando vai viver da ilusão
 Abra o olho desperte seu leão
 Despertando a luz na consciência
 Vamos irmão para poder recuperar
 o planeta clama por nós
 Homens de bem que vem na terra semear
 Vamos se ligar...
 Jah Une todos os irmãos.

Nessa música acima da banda Jah Une, percebe-se um apelo a sociedade, para que os indivíduos busquem repensar suas atitudes, o “vamos se ligar”, daria menção a essa ideia, ao despertar da consciência, “ abre o olho – desperte seu leão”, seria um : fique esperto e desperte sua força, sua capacidade de fazer o bem e de seguir os mandamentos de Jah.

De acordo com as falas dos pesquisados pude observar questionamentos sobre como as pessoas enxergam o mundo, que por muitas vezes pegam caminhos confusos e errados. Um dos conselhos que eles dão, é a busca por palavras sábias, é chegar pra somar, é ir atrás de pessoas que deixaram seu legado escrito, pra que com elas, possamos nos desenvolver, aprender a trilhar um melhor caminho e assim caminhar rumo a lucidez.

A sociedade, assim, se eu fosse dar atenção pra todo olhar que me olha errado, pra toda pessoa que me julga pelo jeito que eu sou, pela aparência, pela cultura que eu levo, pelo estilo de vida, eu não sei nem se eu estaria aqui mais, ou então estaria trancado dentro de casa, mas ao mesmo tempo também é bom, porque tem muita gente que ainda não sabe de algumas coisas, algumas etnias, outras culturas diferentes e ao mesmo tempo é bom você parar pra trocar uma ideia, pra passar essa informação que a pessoa pega: “Ah sim, então existe isso assim...?” “Isso, exatamente, existe e tudo”... e eu gosto muito da música Reggae por causa disso (...)Sim, pois é como eu tava dizendo, antigamente o máximo que eu tinha visto de um homem Rasta seria os *brothers* da BR, que tem os “maluco” os hippies, chamado ne, que na verdade hoje não é mais Hippie é artesão, os Hippies já... poucos, poucos, raros, raros, mas tem, raros, raros. Então eu via aquilo alí como o homem Rasta, né, e aí eu comecei a me aprofundar naquilo alí, comecei a praticar o artesanato, ficava com a galera na praça pra “mim” ver... de certa forma eu via aquilo alí como uma libertação do padrão de vida que eu vivia né, tipo social; “ah, vai pro colégio, tira notas boas pra ser alguém na vida e tal, pra ser feliz você tem que acumular riqueza, ter aquele dinheiro, aquele negócio, tem que se vestir de uma maneira se não os outros vão olhar diferente pra ti, vão falar de ti, a polícia por exemplo, vai te confundir com outra coisa... E aí eu achava aquilo como uma libertação e aí fui viver a Rua, fui morar na Rua, com a galera, com os hippies, passei por volta de quatro meses morando na Rua. Tipo saí, fui pro Ceará, rodei várias cidades do Ceará pá,

chegou a certo momento eu voltei; quando eu tava lá eu vi como realmente a sociedade olha essas pessoas, que são a chamada “galera invisível” pra sociedade, a galera nem ti vê sabe? Poucos que te reparam; tem muita gente boa que vai lá e te dá café da manhã, quando tu menos espera tu ficar dormindo de baixo de uma ponte, de baixo de um... dentro de uma casa abandonada e tal, essas coisas assim; e eu procurei fazer isso, essa experiência, porque pra mim, eu tinha que está naquilo alí, senão não era entendeu, tipo, morar na Rua, entrar numa casa abandonada aqui “pá” dormir, aquele negócio, fazer o artesanato, dialogar com a sociedade, a partir dalí eu fui vendo o tanto de preconceito que tem na sociedade entendeu? Eu vi mau olhado, aquele negócio todo, as vezes tinha até menina assim na BR assim que eu conhecia, ela até gostava de mim, passeia todo dia lá, mas quando chegava na frente dos amigos dela ela mudava porque ela tinha vergonha entendeu? Ela tinha vergonha de mostrar assim: “Olha aquele menino, eu gosto dele, é meu amigo e tal, alguma coisa do tipo, ela tinha vergonha, e aí eu fui vendo, isso de certa forma me revoltou muito entendeu, quando você tá alí vivendo alí. (Ed Ras).

Essa entrevista acima é carregada de muita riqueza, pois demonstra o quanto cruel pode ser a sociedade. Interessante destacar também a mudança de status do pesquisado. Ele se encontrava no grupo, denominado por ele mesmo como “invisível”, e ele enxergava-se como um individuo que quebrava os padrões, Ed por pertencer ao movimento rastafári continua quebrando padrões, contudo, a sua volta para Teresina e sua entrada na banda Regaplanta e agora com sua carreira solo, fez com que a sociedade o aceitasse de forma mais positiva, pois Ed Ras ganhou visibilidade e se destacou no cenário cultural, dentre outras formas pela sua própria aparência física que é sempre associada ao movimento rastafári.

4.4 Circuito piauiense de reggae

No dia 15 de janeiro do ano de 2016, aconteceu o festival de *reggae*, denominado Circuito Piauiense de *Reggae*, iniciando-se a partir das 17:00 horas no centro da cidade na praça Pedro II, tendo assim entrada franca. Esse evento reuniu as maiores bandas e djs de *reggae* do Piauí. Cada banda confirmada no evento traz em sua página do *facebook* suas informações, como em que ano surgiu, qual seus objetivos, quem são seus componentes, etc. Para melhor explicar trago abaixo essas citações do *facebook*.



“O que dizer de uma das maiores influencias do *Reggae* Music Piauiense.....Regaplanta é uma banda autoral e independente, que dentro do roots encontrou uma forma de lutar pelo que acredita. Trazendo o ensinamento da mãe natureza, com respeito e humildade, alertando sobre os perigos nas paredes coloridas da babilônia. Sagaz e humilde, Regaplanta mostra que é uma família, que a justiça de Jah está no meio de todos e que em momentos de consagração se pode linkar a humanidade e unir a todos. É por essa experiência e compromisso com o *reggae* music que a Família Regaplanta é mais uma banda confirmada no CIRCUITO PIAUIENSE DE REGGAE...Um só coração, uma só vibração...”



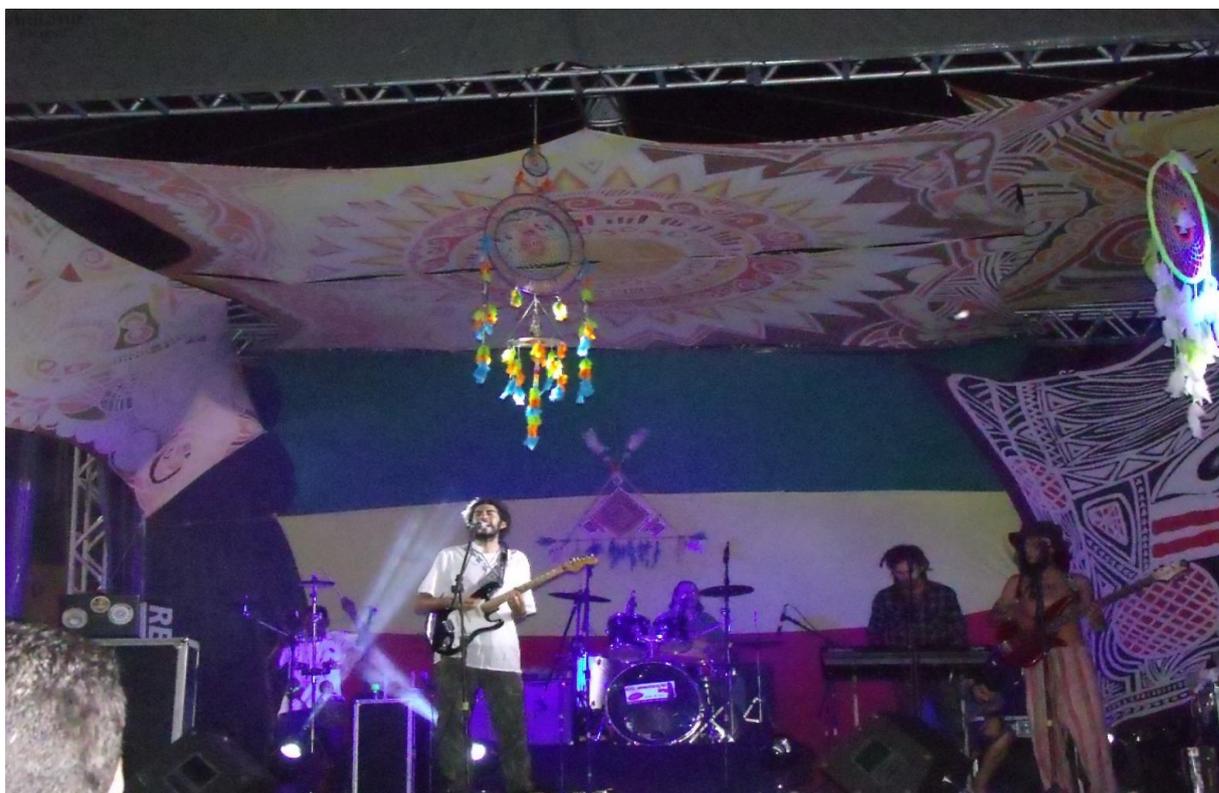
“Da Chapada do Corisco surge um projeto que visa o crescimento Espiritual através de atos e canções, buscando sempre a integração com a natureza levando a frente a cultura Rastafári....Erguendo bandeiras como a da preservação ambiental e respeito a toda criação de Jah. A banda Jah Une soma o seu projeto musical junto a lutas sociais em projetos como degradação de bens e poluição dos rios....Mais que uma banda uma bandeira de libertação e respeito , assim é Jah Une a primeira banda confirmada em nosso CIRCUITO PIAUIENSE DE REGGAE”.

Esse evento foi organizado pelas bandas de reggae do estado, não houve patrocínio do governo, foi algo idealizado pelos músicos desse estilo musical. Destaco que esse evento não foi um evento rasta, foi mais uma divulgação do que seria o *reggae* mercadológico, no entanto, contou também com a participação de bandas que se intitulam rastafáris.

O dinheiro investido nesse evento foi o dinheiro do próprio músico. Houve um evento dois dias antes para ajudar a arrecadar dinheiro para o pagamento do som, iluminação etc. Esse evento aconteceu no bar Ar Livre, seria uma espécie de prévia do circuito piauiense de reggae, que reunia músicos de varias bandas, dentre elas a Regaplanta e a Jah Une.

O que a gente tá fazendo lá no Ar Livre é pra arrecadar uma parte dos fundos pra gente também ajudar a pagar o festival, tipo a gente tem uma grana que a gente tem que pagar que é antes do festival que é a metade de tudo, tipo a metade do Som, metade de tudo e a gente não tem de onde tirar; patrocinadores não tem, a prefeitura não ajuda com dinheiro, ajuda com a disponibilização da Polícia, da STRANS, o que já é demais, né.. Do espaço. Mas o financeiro mesmo: Pagar som, iluminação, segurança, banheiro, a gente tem que correr atrás mesmo, a gente tá correndo atrás do nosso mesmo, tirando do bolso pra que o movimento Reggae autoral e cultural no Piauí, cresça. (Banda Regaplanta).

Os músicos comentam que a cidade tem várias bandas de *reggae*, que esse estilo musical cresce cada vez mais no estado, contudo não existe nem um evento grande que reúna e fortaleça esse gênero no estado. Fazem uma crítica ao cenário cultural, apontando que há vários festivais de forró e outros gêneros, e que apesar do crescente número de bandas de *reggae*, esse parecia não ter tanta visibilidade.



Banda Jah Une no Circuito Piauiense de Reggae.



Banda Jah Une no Circuito Piauiense de Reggae.



Alguns integrantes da banda Jah Une após o show do Circuito Piauiense de Reggae.



Banda Regaplanta no Circuito piauiense de Reggae.



O evento contou com a participação de várias bandas de *reggae* de todo o Estado, como Jamile Jah, Preto kedé, que traz o *rap* misturado com o *reggae*, In Nature, Cochá, Alma Roots, dentre outras. Contudo deixo explícito que esse evento tinha como objetivo propagar a música *reggae* e não um *reggae* rasta.

4.5 Roda de conversa sobre espiritualidade rastafári e a música reggae

O evento aconteceu na Universidade Federal do Piauí, fez parte do seminário de antropologia e curso de extensão: “Pesquisar Antropologia e Arqueologia”. Ocorreu na tarde do dia 18 de Janeiro de 2016, sob a coordenação da minha orientadora Profa. Dra. Francisca Verônica Cavalcante. Os participantes da roda de conversa foram: Fernando (baixista da banda Regaplanta), Felipe (tecladista da banda Regaplanta), Antônio Aglildo (guitarra e voz da banda Jah Une), Wanderson Kamylo (baixista da banda Jah Une), Ed Ras, além de mim, da minha orientadora Francisca Verônica Cavalcante e da professora Maria do Amparo Alves de Carvalho. O evento também contou com a participação dos estudantes ali presentes, que dialogaram e fizeram perguntas.

Inicialmente houve a apresentação de todos os componentes da mesa, delimitando dez minutos para a fala de cada componente, contudo, os rastas se prolongaram, falaram de sua iniciação ao movimento, sobre bandas, espiritualidade dentre outras coisas. Após todos da mesa se apresentarem, foi aberto para perguntas, e por mais que já não houvesse tantas pessoas presenciando tal evento, a conversa seguiu fluida e bastante animada, consumindo mais o tempo do que se esperava.

Nesse evento discutiu-se sobre a relação dos rastas ali presentes com o movimento rastafári, com suas espiritualidades, com a natureza, com as emoções. Houve relatos, por exemplo, sobre o consumo de carne e bebida alcoólica, ponto que sempre é alvo de críticas por aqueles que não compreendem certas práticas e rituais do movimento. Ed Ras, um dos participantes da mesa, afirmou que o cigarro, foi feito pra trazer o câncer, que o correto a se fumar seria as ervas sagradas, pois estas proporcionariam uma melhor saúde mental, espiritual e física. Além também de criticar o álcool, afirmando que este serve como uma ‘alegria falsa’.

Cada rasta ali presente deu o seu relato de vivência, um relato de como ser rasta, desde a coroação com os dreadlocks até a relação do reggae como gênero musical mercadológico. Relataram e incentivaram o vegetarianismo, citaram a relação e vivência com o Santo Daime e do que seria a espiritualidade pra cada um, revelando assim aspectos da Nova Era.



Apresentação da presente pesquisa antes da roda de conversa



Integrantes da roda de conversas

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento rastafári como um todo, incluindo o *reggae*, ainda necessita alcançar voos mais altos dentro da cidade de Teresina, para que com a expansão e popularização do movimento, venha surgir uma dinâmica mais harmônica entre o movimento cultural e aqueles que por ventura desconheça a prática do mesmo.

É necessário destacar que o *reggae* em Teresina está crescendo bastante, mas comercialmente, está formando um “novo” movimento, separado do movimento rastafári. Como já dito no decorrer da presente dissertação, o *reggae* dentro do movimento rastafári é visto como uma música espiritual, contudo, o *reggae* em ascensão na capital do Piauí, é em sua predominância um *reggae* não rasta, um *reggae* que não prega as ideologias rastafáris.

Esse fator dificulta até mesmo a ascensão dos rastas na cidade, pois eles afirmam que pelos reggaeiros estarem em maior número e terem práticas que o movimento rastafári condena, como uso de bebida alcoólica, fazem com que o público que não tem tanto conhecimento da espiritualidade rasta, confundam quem é rasta com quem não é. E esse fator pode gerar atritos, distorções de uma verdade, estereótipos e preconceitos.

Além disso, esse mesmo fator prejudica o fortalecimento do movimento, no sentido que, tal movimento necessita de um apoio cultural na cidade, tanto para eventos rastas, como na construção e divulgação do movimento rastafári. O rasta Ed Ras, tem como proposta a construção de uma aldeia rasta, essa aldeia, seria um espaço para todos os rastas, viverem, compartilharem suas experiências, plantarem seu próprio alimento e exercerem seus rituais.

Volto para a problematização desta pesquisa, já discorrida entre os capítulos, que se dá a partir de uma “invisibilidade” da espiritualidade nas bandas de *reggae*, não pelas bandas lógico, mas por toda uma população que não tem acesso a determinadas informações, e que reproduzem falácias em cima dos rastas, do *reggae* e do movimento rastafári. Assim sendo, a presente dissertação vem com o intuito de divulgar à sociedade tanto dentro como fora da academia, um movimento cultural que contempla e distribui respeito e não guerra, conscientização e não matança, plantas de poder e não drogas.

A relação entre espiritualidade e *reggae* é constatada de forma harmônica entre alguns integrantes desta pesquisa. A música de fato é utilizada como um meio de divulgação das ideologias rastas, como também um ato de orar e meditar. Assim, *reggae* e espiritualidade tornam-se um apenas. As letras musicais das bandas de *reggae* analisadas na presente pesquisa são todas pautadas nas ideologias do movimento rastafári, assim também como a

presença dos aspectos da Nova Era, como o respeito e apreço pela natureza, a referência a Jah, o uso de ervas, e a crítica a sociedade contemporânea.

É possível afirmar que não há bandas rastas, mas sim bandas que são compostas por alguns integrantes rastafáris. A banda Regaplanta afirma que todos os atuais integrantes estão caminhando juntos em busca de um mesmo objetivo, sendo este cada vez mais próximo dos ensinamentos rastafáris.

O rasta Ed Ras, se considera rastafári e isso se destaca a partir do seu nome artístico, Ed, abreviação de Edson e Ras, título de nobreza Etíope muito comum nos nomes adotados pelos Rastas. Edson, não se considera um músico, e sim um rasta, quando está no palco ele afirma ser apenas um instrumento de divulgação da espiritualidade rastafári, sendo assim um porta voz do movimento.

Já a banda Jah Une, dos seus seis integrantes, dois se consideram rastas, Antônio Aglildo e Wanderson Kamylo. Eles além de exercerem o movimento rastafári no seu dia-a-dia, eles também fazem parte do Santo Daime, sendo Aglildo fardado e o Wanderson não, além de Silvio, o outro vocalista, que também faz parte do Santo Daime. Eles afirmam que mesmo que nem todos da banda sejam de fato rastas, a banda em si, se ver como uma admiradora do movimento.

Durante todos os contatos com os pesquisados, um dos fatores bem definidos é como a mensagem do *reggae* vai além de um aspecto musical, em todos os casos, com todos os entrevistados e durante a observação, pode-se notar que o *reggae* é visto como uma música espiritual e carregado de emoções. Mesmo aqueles integrantes das bandas que não se consideram rastas, enxergam a música além do seu aspecto meramente sonoro.

É possível perceber além da harmônica afinidade entre movimento rastafári, música reggae e Nova Era, a aproximação também do Santo Daime. As letras musicais das bandas e do Ed Ras estão todas pautadas em cima de ideologias rastafáris, isso lógico, não impõe dizer que todos ali praticam as filosofias do movimento. Percebi também que os músicos têm uma maior inspiração para compor e para subir no palco após algum contato com as plantas de poder.

Os chamados rastas teresinenses são poucos, o movimento *rastafári* na capital piauiense ainda é tímido. Contudo, os rastas com que mantive contato focam suas ideias e ideais em questionamentos em busca de mudanças, principalmente políticas e sociais. Eles destacam que é através do *reggae* que buscam alcançar esse propósito, além de transmitirem nas suas letras seus verdadeiros sentimentos e ideais.

Percebe-se que as filosofias dos sujeitos da pesquisa, são pautadas na busca de conscientizar os “irmãos”. Suas falas são geralmente focadas em uma visão positiva do mundo, no sentido que acreditam que cada um pode fazer sua parte, por mais que encontremos dificuldades na sociedade como: discriminação, injustiças, o desmatamento e desprezo pelo mundo, dentre outros. Eles sempre buscam pela conscientização humana e pelas energias positivas no dia-a-dia.

Na visão dos rastas aqui pesquisados, encontra-se uma grande força da espiritualidade, não afirmo que todos praticam alguma religião, mas sim que estão de alguma maneira em contato com espiritualidades. Como se pode observar nas entrevistas, quando citam, por exemplo, a Nova Era, esta não seria uma religião, nem teria uma igreja, mas seria um forte fator para enxergar o mundo de uma maneira mais conectada ao divino, pois é pautada na conscientização do ser, e assim conseqüentemente elevaria seu espírito, através da consciência por exemplo, da harmonia homem-natureza.

A presente pesquisa não está de fato concluída, no sentido que ainda há muito para se aprender e compreender sobre o movimento rastafári e sobre a sua relação com a música *reggae*, as emoções e a Nova Era. Esta pesquisa não esgota na vivência da espiritualidade rastafári dos integrantes das bandas de *reggae* em Teresina, mas pretende contribuir para alargar o conhecimento já existente sobre espiritualidade e *reggae*. A ida ao campo por muitas vezes deixa-nos com mais dúvidas do que certezas e isto é o que me incentiva no campo de pesquisa, portanto, deixo aqui explícito meu interesse de alongar tal pesquisa ao longo da minha vida acadêmica.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. **O corpo na teoria antropológica.** *Revista de comunicação e linguagens*, Lisboa, n. 33, p. 49-66, 2004.

AMARAL L. **Carnaval da alma. Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era.** Petrópolis:Vozes, 2000.

APPOLINÁRIO, F. **As etapas do trabalho científico.** In: Metodologia científica- Filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Thomson Learning, 2006, pp.73-83.

ARTE, J. Banda Ukiemana, disponível em: <http://jornalarte3.blogspot.com.br/2013/08/a-banda-ukiemana-de-sao-lourenco-foi.html>, acessado em 16 de Fevereiro de 2016.

BASTOS, M. **A Musicológica Kamayura: Para uma Antropologia da Comunicação no Alto Xingu.** Brasília: Fundação Nacional do Índio, 1978.

_____. **Esboço de uma Teoria da Música: para além de uma Antropologia sem música e de uma Musicologia sem Homem.** In: *Anuário Antropológico*, n. 93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1995, 9- 73.

_____. **Etnomusicologia no Brasil: Algumas Tendências Hoje.** In: *Antropologia em primeira mão / Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, n°1 Florianópolis: UFSC/Programa de Pós Graduação em Antropologia Social*, 1995, 1-17.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: zahar, 2004.

BOUQUET, S. Introdução à leitura de Saussure. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

BECKER, H. Outsiders. **Estudos de sociologia do desvio.** Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

BLACKING, J. **Music , Culture and Experience**. In: BYRON, Reginald (Ed.) *Music , Culture and Experience; Selected Papers of John Blacking*. Chicago: University Chicago Press, 1995, p.223-242.

_____. **The Study of Man as Music-Maker**. In: BLACKING, John and KEALIINOHOMOKU, Joann W.(Ed.) *The Performing Art Music and Dance*. New York: Mouton Publishers, 1979, p. 33-45.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BROOKS, M. **Uma tradução moderna de Kebra Negast**. (A Glória dos Reis). São Paulo: Edição do Autor, 2001.

CABÚS, L. **A história da cultura rastafári**. Disponível em:
<http://www.spacereggae.com/home/?Page_id=682>, acessado em: outubro de 2012.

CALDAS, M. **Saiba um pouco sobre a história do reggae**. Disponível em:
<<http://mtv.uol.com.br/musica/saiba-um-pouco-sobre-a-historia-do-reggae>>, acessado em outubro de 2012.

CAMÊU, H. **Introdução ao Estudo da Música Indígena Brasileira**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais/MEC. 1977.

CARVALHO, J. Transformações da Sensibilidade Musical Contemporânea. In: *Horizontes antropológicos*, v. 5, n.11, outubro 1999, p. 53-91.

CASTRO, C. **Evolucionismo Cultural** – Textos de Morgan Tylor e Frazer. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2007.

CAVALCANTE, F. **Os tribalistas na nova era**. Teresina, Fundação Quixote, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DAMATTA, R. **O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues**. In: NUNES, E. de O. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Paulus, 2001.

Edição pastoral. José Bortolini. Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, São Paulo: 1991.

EYERMAN, R. e JAMISON, A. **Music and social movements:** mobilising traditions in the Twentieth. Century. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

FERGUSON, M. **A conspiração aquariana.** Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1997.

FRISBY, D. **Georg Simmel.** México: Fondo de cultura Econômico, 1993.

GUATTARI, F. **As três ecologias.** Campinas: Papirus, 1990.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** 1.ed., 13.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008.

GEERTZ, C. **O antropólogo como autor.** Obras e vidas. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1995.

GOELLNER, S. V. **A produção cultural do corpo.** In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

ILARI, B. **Em busca da Mente Musical.** Curitiba: Ed. UFPR, 2006

KADHU, R. Santa Maria de Sião, disponível em:

<http://naykallyne.wix.com/santamariadesiao#!multimedia/c1swd>, acessado em 15 de Fevereiro de 2016.

KOURY, M. **Emoções, sociedade e cultura**: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia. Curitiba: Editora CRV, 2009.

LEACH, E. **Cabelo mágico**. In: DA MATTA, Roberto (Org.). Edmund Leach: antropologia. São Paulo: Ática, 1983.

Le Breton, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE BRETON, David, 2009. **As Paixões Ordinárias**: Antropologia das Emoções. Petrópolis, Vozes. 276pp.

LIRA, A. Sitio Antônio José Lira, disponível em: <http://www.organizandoeventos.com.br/sitioantoniojoselira>, acessado em 16 de Fevereiro de 2016.

LUNDBERG, D. “Música como marcador de identidade: individual vs. coletiva”, in CÔRTE-REAL, Maria de São José (org.), **Revista Migrações**. Número Temático Música e Migração, Outubro 2010, n.º 7, Lisboa: ACIDI, pp. 27-41.

MAUSS, M. **A alma, o nome e a pessoa**. In: OLIVEIRA, R. C. (Org.). Antropologia. São Paulo: Ática, 1979. p. 177-180.

MAUSS, M. **A Expressão Obrigatória dos Sentimentos** (Rituais Oraís Funerários Australianos). In: S. Figueira (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

MAUSS, Marcel: “**As Técnicas do Corpo**” in: *Sociologia e antropologia*, São Paulo, Cosac e Naify, 2003. Página 401 a 420.

MICHELAT, G. **Sobre a utilização de entrevistas não-diretivas em sociologia**. In: THIOLLETN, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1987, pp.191-211.

MORIN, E. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MUKANI, S. O Uso do Rapé, disponível em: <https://saritando.wordpress.com/2010/04/24/o-uso-do-rape/>, acessado em 16 de Fevereiro de 2016.

PEIXOTO, C. **Caleidoscópio de imagens** : o uso de imagens e a sua contribuição à análise das relações sociais. In Feldman-Bianco B. e Moreira Leite M., *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas CS*. Papyrus, 2001.

PINTO, T. O; Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora. Revista de Antropologia. Publicação do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2001, pp. 221- 286.

QUINTANEIRO, T. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim, Weber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RASTA, B. Beto Rasta, disponível em: <http://betorasta.blogspot.com.br/>, acessado em 15 de Fevereiro de 2016.

REIS, M. **Diáspora como movimento social**: A Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diaspora e as políticas de combate do racismo numa perspectiva transnacional. Florianópolis, 2012.

REIS, M. **Diáspora como movimento social**: implicações para a análise dos movimentos sociais de combate ao racismo. Ciências Sociais Unisinos, 2010, 46(1):37-46.

ROCHA, J. Encontro Nacional de Comunidades Alternativas (Enca) Brasil 2009, disponível em: <http://www.sunnet.com.br/home/Noticias/Encontro-Nacional-de-Comunidades-Alternativas-Enca-Brasil-2009.html>, acessado em 14 de Fevereiro de 2016.

ROSA, M. S; Repensar a História: Visual *dreadlocks*. *Revista Brasileira do Caribe*, Brasília, Vol. IX, nº18. Jan-Jun 2009, p. 485-501.

REZENDE, C. e COELHO, M. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, J. “**Cem anos de imagem no mundo, panorama do cinema etnográfico francês**”, In *imagens do mundo, mostra do cinema etnográfico francês*, Lisboa, CEAS/ISCT. 1995.

RIBEIRO, J. **Métodos e técnicas de investigação em antropologia**. Lisboa, Universidade aberta, 2003.

RIBEIRO, J. **Antropologia visual: da minúcia do olhar ao olhar distanciado**. Porto, afrontamento, 2004.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, J. Jah I Ras: Reggae Rastafari espiritual, de letras fortes e conscientes, disponível em: http://rasta.com.br/loja/index.php?option=com_content&task=view&id=35&Itemid=31, acessado em 15 de Fevereiro de 2016.

SAUSSURE, F. de. Curso de lingüística geral. Tradução de Antônio Chelini et al. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SCHECHNER, R. O que pode a performance na educação? Uma entrevista com Richard Schechner. Entrevista concedida a Marcelo de Andrade Pereira e G. Icle. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 23-35, maio/ago. 2010.

SEEGER, A. Why Suyá sing. **A musical anthropology of an Amazonian people**, Cambridge, Cambridge University Press. 1987.

SIMMEL, G. **Sociabilidade; um exemplo de sociologia pura ou formal**. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SOUZA, A. **De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiros**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

TERRIN, A.N. **Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões**; São Paulo: Paulus, 2004.

TURNER, V. **The Anthropology of performance**. New York: PAJ Publications, 1987.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

WEBER, M. **Sociologia das Religiões**. Relógio D'Água Editores, 2006.

WISNIK, J. M; **O Som e o Sentido**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

WHITAKER, D. **A questão do registro e da memória do pesquisador**. In: Sociologia rural: questões metodológicas emergentes. São Paulo: Letras à margem, 2002, pp.121-168.

ANEXOS



Ensaio da banda Regaplanta



Ensaio da banda Regaplanta



Ensaio da banda Regaplanta



Dread feito pelo rasta Wanderson Kamylo da banda Jah Une



Rasta Wanderson Kamylo da banda Jah Une fazendo um dread.



Ensaio da banda Jah Une



Ensaio da banda Jah Une



Show da banda Jah Une na Universidade Estadual do Piauí – com participação de Dinan – vocalista da banda Espirito Livre.



Show da banda Regaplanta no quiosque Cajueiro – Zona leste da cidade- com participação de Dinan – vocalista da banda Espirito Livre.



Alguns componentes da roda de conversa



Wanderson – rasta da banda Jah Une , após tocar no primeiro Circuito Piauiense de Reggae.



Rasta Antônio Agildo da banda Jah Une na Roda de Conversas



Baixista Wanderson Kamylo da banda Jah Une tocando no primeiro Circuito piauiense de reggae



Rasta Aglildo vocalista da Jah Une no primeiro circuito piauiense de reggae.



Banda Regaplanta e seu público no primeiro Circuito piauiense de reggae.



Banda Jah Une dia 13 de novembro de 2014 no bar Ar Livre



Cartaz do show de Ed Ras no Cajueiro zona leste da cidade

ESPAÇO CULTURAL
AR LIVRE

A. P. R. E. S. E. N. T. A

SEX / 11 / DEZ

ENTRADA
R\$10
22 HORAS

MISTURA JAMAICANA

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DJ PTK

MANO ROBSON / ED RAS / LU DE SANTA CRUZ

Cartaz do show de Ed ras No bar ar Livre em dezembro de 2015



Ed Ras com I Jahman, músico jamaicano

Ras Kadhu padrinho da igreja santa Maria



de Sião e músico rasta com Ed Ras